REVISTA DA SEMANA

Nº 6 ★ 11-2-50 Cr$ 3,00 em todo o Brasil





NO TEXTO:

FANTASIAS PARA O CARNAVAL

ESTÁ À VENDA!

O ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1950

MARAVILHOSO LIVRO DE 400 PÁGINAS QUE PERMITIRÁ AO LEIT

ESCOLHER O ASSUNTO DA SUA PREFERÊNCIA

Os 120 anos da benemérita Academia Nacional de Medicina ★ A vida de Alexandre Dumas (Pai) ★ O casame entre diferentes povos e países ★ As maravilhas da natureza ★ Existe no mundo uma fotografia do Cri ★ O culto dos animais no Egito ★ Caçando demônios com armadilhas ★ As Sete Maravilhas do Mundo ★ Não há muita diferença entre um suicídio e um assassínio.

AMPLIAR OS SEUS CONHECIMENTOS GERAIS

O "Câmbio", sua história e sua técnica ★ Morreremos de sêde? ★ A vida das estrêlas ★ Será fácil para você verificar se tem boa ou má estrêla ★ O simbolismo chinês ★ Que está acontecendo com a duração da nossa vida? ★ Curiosidades da Festa do Natal ★ Prestes a se esclarecer o mistério da vida?

CONHECER COISAS ÚTEIS EM QUALQUER TEMPO

Que quer dizer "Hurrah"? ★ Qual o peixe mais rápido? ★ As assinaturas nas obras de arte. Como conhecê-las? ★ Como cresce o seu filho? ★ Que foi a Atlântida? ★ Socorros urgentes para cortes, fraturas, queimaduras, estados de choque, etc. ★ As palavras e os seus significados ★ Significados dos nomes próprios ★ Origem de frases célebres ★ Curiosidades matemáticas ★ Falsos sinônimos ★ Vocabulário científico.

TER À SUA DISPOSIÇÃO TÔDAS AS INFORMAÇÕES SÔBRE O ANO

O ANO SANTO — Calendário das Festas Móveis até 2008 ★ Festas religiosas fixas ★ Concordância das principais Eras ★ Começos das Estações ★ Festas nacionais do Brasil ★ Festas continentais ★ O quadro das festas móveis ★ O Ano Agrícola ★ O Ano Aeronáutico ★ O Ano Artístico ★ O Ano Esportivo ★ O Ano Horoscópico ★ O Ano Científico ★ Tábua Lunar ★ Calendário Perpétuo ★ Tabela do nascimento e ocaso do Sol.

Uma comédia para o Teatro do Amador:
"PRIMEIRO ANIVERSÁRIO"

Um romance completo:
"SE A MOCIDADE SOUBESSE..."

E MAIS:

Curiosidades para todos os gostos
Os Campeões de 1949
Artigos especiais
Como é fácil saber tudo
Centenários de 1949
Cidades centenárias do Brasil
Os mortos do ano
Contos e Narrativas históricas
Desafios para sua inteligência
Páginas para seu recreio
Páginas de Arte
Viajando pelo mundo
Testes para a sua memória
Páginas infantis
Os nomes do ano
Retratos — Tricromias.

Encontra-se à venda em tôdas as bancas de jornais de tôdas as cidades do Brasil

PREÇO PARA TODO O BRASIL: CR$ 15,00 — PEDIDOS À

Cia. EDITORA AMERICANA

Pelo Reembolso Postal ou mediante Vale do Correio

RUA MARANGUAPE, 15 ★ RIO

O Conde de Prados

ESTAVA folheando um velho caderno de projetos literários. Balanço de princípio e fim de ano. Todos os anos, a esta altura, dá-se uma vassourada nos antigos sonhos, nos ideais fracassados, nos projetos esquecidos. Para esvaziar as gavetas, rasgando papéis velhos e ilusões inúteis. E para fazer espaço — ai de nós! — a novos sonhos, a novos ideais, a novos projetos, a papéis novos e a outras inúteis ilusões. O homem é um animal incorrigível e já o irônico Santo Thyrso dizia que a última e a maior de tôdas as ilusões é a gente supor que já não tem ilusões. Tem sim. Tem sempre. Mas, como ia dizendo, folheava um dêsses cadernos de projetos que, afinal, resolvemos abandonar. Boas idéias, algumas. Boas intenções, tôdas. Enfim, fôlhas ao vento! Limpeza com isso! E como agora tudo é elétrico, encostamos o aspirador à bôca da gaveta. Entretanto, com êsses sonhos vãos e êsses planos inoperantes, um também se foi que gostarei de indicar à nova geração mineira: é uma biografia que está faltando na galeria de honra do Brasil. A vida ilustre do Conde de Prados, meu coestaduano, barbacenense de gênio, até hoje esquecido dos nossos Plutarcos e dos nossos Emersons, que gostam de versar as grandes existências como a mais bela aventura do espírito, buscando os homens exemplares do passado, para lição viva dos contemporâneos, e por vaidade própria de consultar os pergaminhos da nacionalidade. O Conde de Prados, Camilo Ferreira Armond, um dos maiores homens do Brasil, aguarda realmente um biógrafo para revelar o seu alto mérito, a sua obra e o seu gênio. Aí está, à espera de um pesquisador como o meu querido João Dornas, êsse esplêndido documento humano. O Conde de Prados foi uma prodigiosa inteligência e uma singular figura de cientista, antecipador de Darwin e de Wallace, fazendo sensação em Paris com o seu "Essai sur la vie", fundando o nosso Observatório Astronômico, atendendo, como médico, clientes que do estrangeiro vinham ao Brasil buscar a sua clínica. Político, destaca-se na tribuna de senador, e, como ministro do Império, administrador e publicista de ampla visão. Abolicionista, libertou mais de mil escravos, antes da "Lei Áurea". Agricultor adiantadíssimo, introduzindo entre nós máquinas e métodos europeus de lavoura, teve iniciativas notáveis: ainda existe em Barbacena uma espécie de grandes corujas brancas, que o Conde de Prados trouxe da Europa, para combater os morcegos destruidores das vinhas, cultura de que, entre nós, foi incentivador. O eminente barbacenense, nobre figura, espírito curioso e requintado, que vivera nas velhas e sábias civilizações européias, cultivava, entre outros requintes dos sentidos, o paladar dos bons vinhos. E fazia da vinicultura o que ela é nas parreiras ensolaradas de Nápoles e no vinhedo papal de Avignon — uma arte, uma riqueza e uma alegria. E' êsse homem excepcional no seu tempo e no seu meio que, até hoje, ainda não lembramos como um de nossos maiores, um dêsses avôs cujo retrato "grandeur nature" só poderá honrar a família.

EDMUNDO LYS

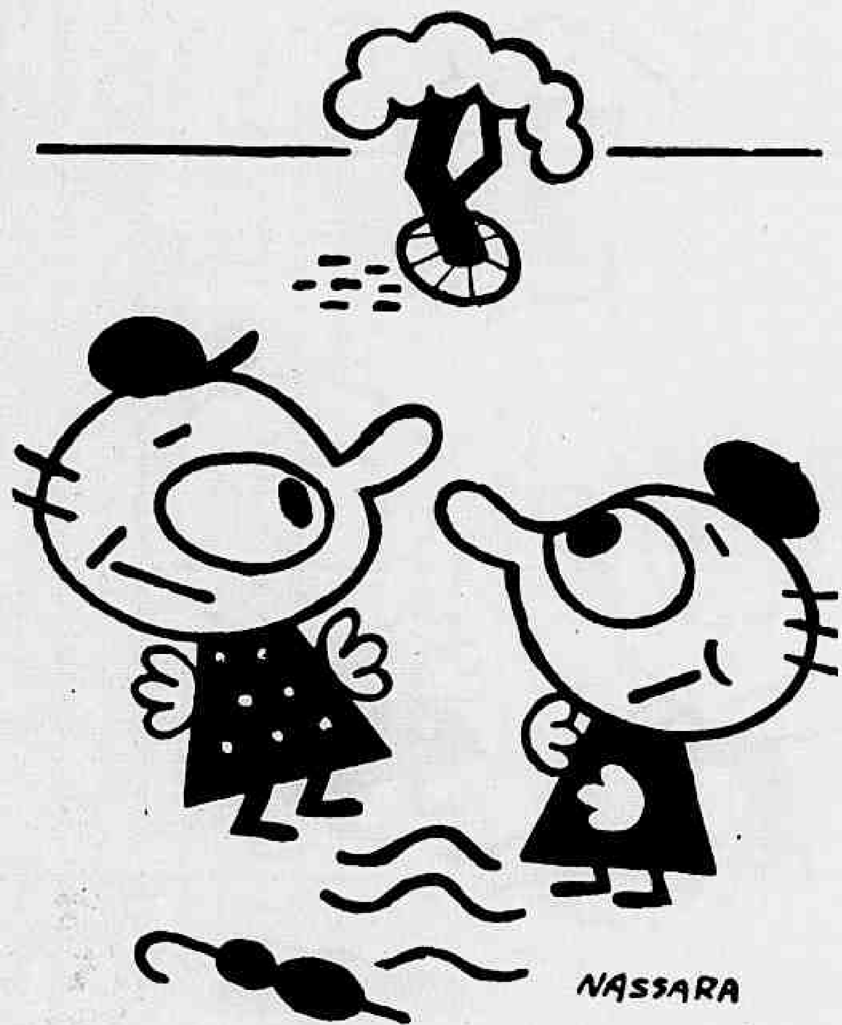
"ANTIGAMENTE A ESCOLA ERA RISONHA E FRANCA"

QUANDO O RIO SE CHAMAVA "CIDADE MARAVILHOSA"...

LEMBRANÇAS TÃO REMOTAS QUE MAIS PARECEM DO TEMPO DA VOVÓ ★ BALANÇO DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO ★ COMO ERAM VERDES AS ESPERANÇAS DOS JORNALISTAS!

Reportagem de ARMANDO PACHECO

ANTES da guerra que trouxe as filas e tubarões dos lucros extraordinários, antes da criação de tantas policias que não prendem os gatunos não protegem o cidadão mas espancam o povo, antes de tantos "protetores" das escolas de samba, o Rio era na verdade uma Cidade Maravilhosa. Sem aspas nem turismo. E um carnaval era um carnaval. Nesse tempo remotíssimo dava gôsto morar no Rio. Não havia rádio-patrulha, mas o guarda-noturno sonolento na mansuetude da rua de bairro e o latido do "vira-lata" idormido num quintal suburbano, valiam como garantia da hoje desaparecida segurança pública. Ah! Rio de Janeiro! Um tostão valia um tostão, com êle se comia um pão, se pagava o bonde, se bebia um café e se completava mil e cem para a entrada do cinema. Já faltava água, os trens da Central chegavam atrasados, alguém matava ou morria por amor e a vida continuava. O leiteiro botava água no leite; e o funcionário Barnabé sem o Dasp "pendurava" o aluguel da casa barata que sobrava prá todos e sem "luvas". O "china" tomava o lugar do Saps. A cozinheira não se granfinizara. E as "babás" sabiam uma infinidade de histórias do "faz de conta". "Seu Manoel da Venda fiava, fiado no círculo vicioso do vale de todo mês. O Rio ainda não se nivelara com a civilização dos "gangsters" e o que havia era ladrão da galinha. Em vez da "boite" ía-se ao circo e antes do cassino existia o "mafuá". No "Zoo" só pontificava a macaca Sofia; chôpe a quatrocentos réis; bailes com gente no "sereno"; côrso; batalha de confete; pic-nic na Quinta; luar de Paquetá. Cerveja Cascatinha, falsas baianas vendendo falsos angus, banho na praia das Cuecas, mentiras cariocas. Carmen Miranda, Nassara, Noel Rosa, Assis Valente, primeira infância do rádio; partidas de futebol, Fausto e Jaguaré, os cracks do dia, tudo isso acontecia no Rio de Janeiro da geração dos trinta. Não, não se trata aqui de suspiros saudosistas de um tempo. São coisas de ontem, quando muito de ante-ontem.



Tipos populares da cidade: o "facadista". — (Nássara)

GRANDEZA E MISÉRIA DO TOSTÃO

Os tempos estão mudados. Descobriu-se a inflação nos dicionários. E a alta dos preços nunca mais parou. Não há milagre que faça valorizar o dinheiro. Depois disso prá que salário mínimo? Antigamente cruzava-se a cidade no bonde de cem réis; lia-se o crime ou a desiludida que bebeu Lisol em qualquer edição de jornal; comprava-se a caixa de fósforos; cinco cigarros Yolanda-500; meia dúzia de bananas, um bolachão mata-fome, balas, chocolate, pé de moleque, cocada puxa, pinga com capilé, vários quilowats-hora. Um tostão significava unidade e o poder aquisitivo não dava tratos à bola. Com tão pouco quanta coisa se fazia! Taiobas da zona sul, gorgeta para garçons. Quando o tostão foi destronado o cartaz passou para 200 réis. E por duzentão bebia-se café sentado no Belas Artes ou Nice; comia-se pão com manteiga; cobria-se o percurso de um bondeco; pagava-se um telefonema urbano; selava-se uma carta; fumava-se meio maço de qualquer mata-rato ou um charutinho quebra-peito; virava-se uma batida paulista ou um copo de garapa de cana; e ainda o fósforo que havia subido. Por um níquel de 200 réis um estudante ia da cidade ao "Lamas" das pensões do Catete. E veio a fase dos 300: os bondes centrais; a caixa de fósforos incontaste; a segunda classe do elétrico ou do "Maria Fumaça"; qualquer ponto de seção; surgiram os cafés em pé; o copo de Hidrolitol; e ainda por tal quantia namorava-se pelo telefone...

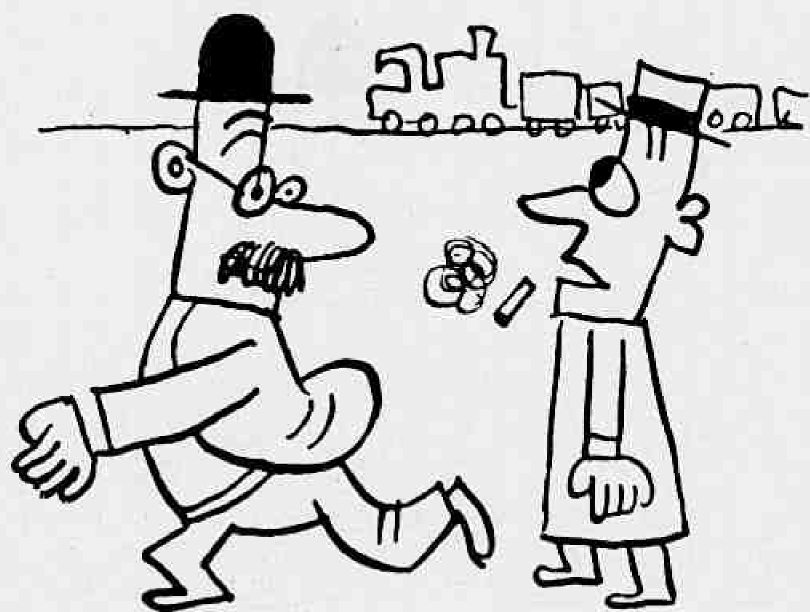
"VINTÉM POUPADO — VINTÉM GANHADO"...

Também êle, o níquel de 300 réis, se desvalorizou. Agora nada se pode fazer, porque o



Ocorrência policial de todo dia (Augusto Rodrigues)

preço comum do bonde é de 400 réis (um cruzado, como se diz na Bahia, que valia quatrocentão). São bastante restritas as possibilidades financeiras dessa moeda. Dantes atravessava-se o Atlântico em direção a Niterói numa barca da Cantareira, que não mudou, mas que em troca subiu de custo e está pior. Com 400 réis se viajava para a Penha ou Cascadura; andava-se no ônibus da Excelsior de dois andares; tomava-se uma sopa de entulho açoreana; bebia-se um "martelo" de vinho do Rio Grande ou meio litro de leite também *batizado*. Em compensação os traficantes de guerra venderam as moedas



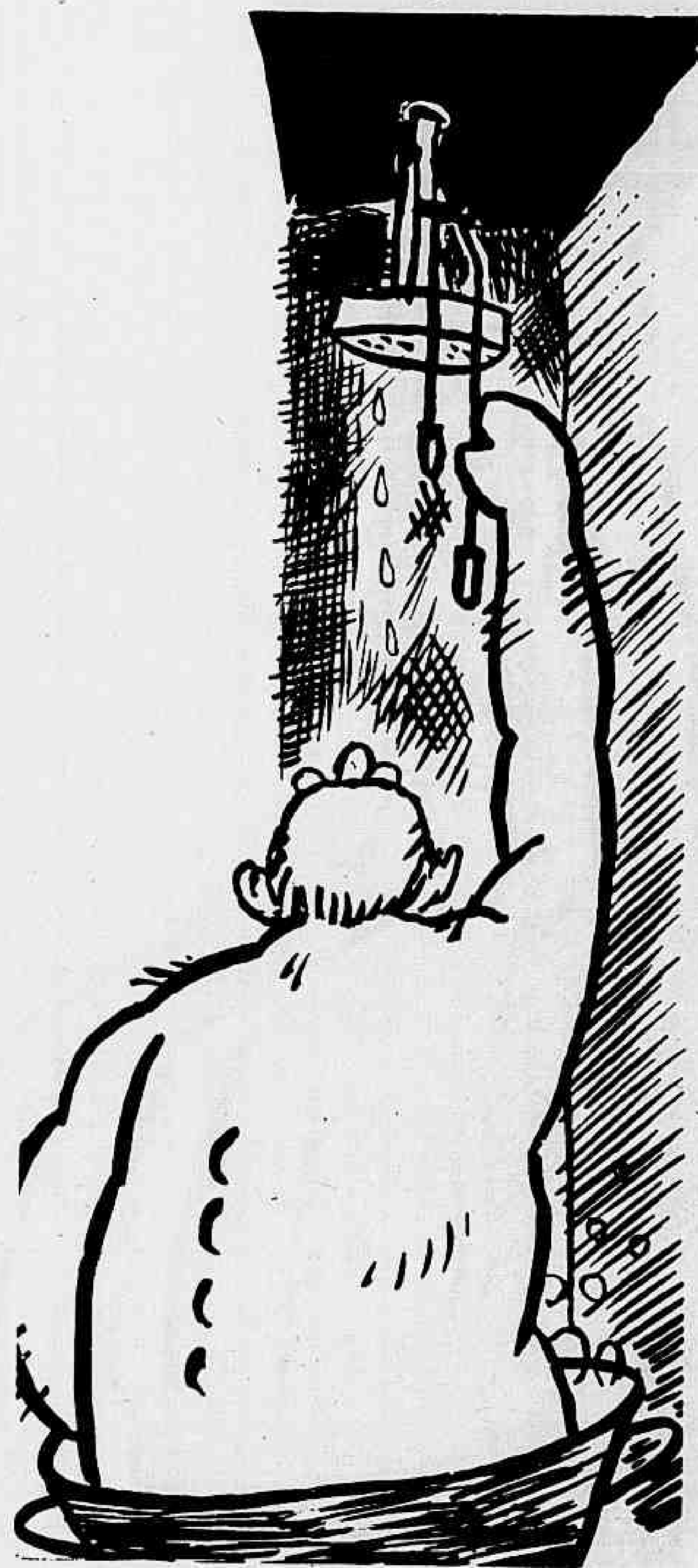
Calamidade contemporânea: Falta de condução
(Augusto Rodrigues)

graúdas aos quilos no câmbio negro do níquel puro. E durou pouco a orgia aquisitiva. No domínio dos 500 réis matava-se a fome com média, pão e manteiga; ia-se ao Méier em trem de primeira; iludia-se o estômago com um prato de arroz, com salsichas num Restaurante Automático, onde trabalhava noite e dia o presentemente professor, vereador e miliardário Luiz Gama Filho, diretor do Ginásio Piedade.

Antes do Dip fazer a prosperidade súbita de alguns diretores de jornais, custava 500 réis um número dos ditos. Também era o preço do chôpe com gôsto de chôpe nos melhores bares. E já foi generosa propina. Com 500 réis numa farmácia mandava-se às favas a dor de cabeça... Engulia-se uma laranjada na Galeria Cruzeiro. E dançava-se ao som de uma vitrola caça-níqueis. Na atualidade, com essa quantia por enquanto ainda se pede favor para telefonar. Nada mais. Decaiu muito a moeda ou a vida encareceu demais. Não ocorreu a evolução do tostão. Êste apenas morreu. Dia a dia assistimos: esplendor e declínio do pobre níquel de cem réis.

VIDA PELA HORA DA MORTE

Vivia-se muito barato. Meia porção no Reis ou Cairu valia 1.200, custo também da garrafa do "Telefone". Filmes de "mocinhos" no Moderno, Íris, Lapa, Ideal, Paris, com entrada a 800 réis. Coalhada da meia-noite por 500 réis. Refeições avulsas nas pensões da rua da Carioca por dois mil réis com cifrão. Tinha-se o quilo do filé, feijão, arroz, café torrado, açúcar, tudo de primeira qualidade, sem mercado negro, sem CCP, sem Delegacia de Economia Popular, Coordenação, flagrantes e racionamentos. Fazia calor de rachar, mas uma cerveja "ABC" não ia a 1.500. Vencimentos e salários: nada além de 300 mil réis e ainda sobrava "algum" para a prestação do "turco" que, na realidade, era judeu. (Os granfinos, todavia, sempre se vestiram no "London Tailors"). Chapéu nunca se usava; sapatos *quá-quá-quá* calçavam meio mundo; recorria-se ao "prego", ou ao belchior (chamado na gíria "brechor"), mas o velho burocrata se *consignava* em fôlha com o Cel. Matheus Noronha. Como eram verdes de esperanças os vales dos jornalistas! Plantão de redação, corrida pelos distritos, Pronto Socorro mambembe, feijoada e cachaçada! Lembranças agora sòmente.



Outra calamidade: Água nem pra amostra...
(Nássara)



Cidade maravilhosa? No subúrbio, com silêncio — talvez... (Augusto Rodrigues)

A guerra complicou tudo, a ganância muito mais. Estamos sofrendo as conseqüências do enriquecimento galopante de poucos felizardos contra a miséria de tantos infelizes. A carestia é fato quase que palpável. Bancos, comércio, indústria em falência e concordatas; crise, péssima administração; desemprêgo; fome, vida pela hora da morte; eis o panorama dos nossos dias. Tristeza das estatísticas; regime policial com assaltos à luz do sol. O mito da Saúde Pública; taxas de educação extorsivas; impostos, impostos e impostos. Negociatas, Copa & Cozinha, "marmitas" no Sesi, Sesc e que tais... Pingentes em acrobacias, demagogia da casa própria; Boré, ditador supremo; Benedito "se"-coordenando-"se"; Silvestre rimando o malho; repete-se lugar comum: Góis em confusão; Getúlio esperando a vez, ri dos trêfegos candidatos. Êste um apanhado sucinto da hora presente e um confronto sem intenções da época que passou. Notas do caderno de repórter, colhidas sem compromisso. Uma reportagem que talvez chegue a propósito porque estamos iniciando a segunda metade do século. E dizem os saudosistas que "antigamente a escola era risonha e franca".

REVISTA DA SEMANA

ANO XLIX ★ Nº 6 ★ 11-2-50

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140,00
Seis meses	Cr$ 70,00
Registrada — Um ano ...	Cr$ 170,00
Seis meses	Cr$ 85,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulsto custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149. Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua Brigadeiro Tobias, 615, 2º andar, sala 217, tel. 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente:
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM Revista

TRÊS HERÓIS



A semana que se foi nos forneceu três notícias de real interêsse fora da política: o "chauffeur" de praça que achou e devolveu ao dono uma pasta com quase cem mil cruzeiros, um ourives de Alagoas que veio como clandestino no porão de um cargueiro nacional e um esportista de Fortaleza, Ceará, que veio de sua terra ao Rio, numa vulgaríssima motocicleta. Para muita gente o clandestino é o "maior". Outros dirão que o jovem cearense é o "tal" e, na certa, muitos hão de raciocinar que o motorista do taxi não pode entrar na categoria dos outros heróis. Nada mais injusto. São todos três autênticos heróis. O clandestino sofreu o diabo. Fome, mau jeito, calor de matar passarinho, susto, angústia, saudade da terra e da família. O motociclista, varando mais de 2.300 quilômetros pelos sertões bravios do Nordeste, dormindo em paragens estranhas, gastou quase o mesmo tempo do navio do alagoano. Sofreu uma capotagem espetacular e enfrentou os mais variados perigos, arriscando a vida por estradas desertas, comendo muitas vêzes o que nunca imaginou ser alimento de gente. O motorista não saiu do Rio em aventuras. E' chefe de família e tem de ganhar a vida aqui mesmo. Sua profissão é árdua, cheia de contrariedades. Multas, calores, impostos, oficinas caras, trânsito congestionado. Vida difícil, dinheiro pouco. Um dia aparece em seu carro uma pasta. Abre-a: 90 mil cruzeiros! Êle é pobre. Precisa de uma porção de coisas. Aquêle dinheiro o desafogaria. Mas resiste à tentação. Procura o dono e faz a entrega da bolada. Recebe dois mil de gratificação. Não é isto também heroísmo, leitor?

CAPRICHO DISPENDIOSO



Diz um ditado nordestino que "mais vale um gôsto do que cem mil réis". Naturalmente, hoje, mudaram para cruzeiros, o que vem a dar na mesma. O mais recente fato que prova êsse provérbio se passou com o sr. Laci Caiado Pereira e se liga o episódio à última Semana do Trânsito realizada nesta capital. O sr. Pereira, comerciante no Rio, ia atravessando a avenida Rio Branco, em frente à rua S. José, quando um guarda o "atropelou", exigindo o pagamento da multa de Cr$ 10,00. O pedestre estava fora da faixa. Transgredira a lei. O comerciante protestou. Houve ligeiro atrito entre êle e o guarda, o que terminou com a própria intervenção do chefe de Polícia que, acidentalmente, passava por ali no momento. Detido o sr. Laci, foi encaminhado à Delegacia de Vigilância e autuado como incurso nos artigos 329 e 331 do Código Penal Brasileiro. O prejudicado constituiu advogado e entrou em juízo com uma ação para anular o ato policial exorbitante de todos os princípios de justiça. E, nos últimos dias da semana que passou, foi o caso julgado na Oitava Vara Criminal pelo titular da mesma, dr. Mariz e Barros. Foi advogado do réu o dr. Rui Bernardes. Ao lavrar a sentença entendeu o juiz, preliminarmente, que ninguém pode ser prêso por dívida e que não era possível capitular alguém numa lei vigorante pelo espaço de uma semana e caduca no resto do ano. Agora a conclusão: para evitar uma injustiça, pagando apenas dez cruzeiros, desembolsou o sr. Laci a quantia de Cr$ 5.950,00 para a fiança, afora os honorários do advogado. Mas lavou o peito!

CABELOS PINTADOS



Foi o grande filósofo José Ingenieros quem, numa frase, interpretou a inutilidade humana para parecer mais jovem, quando o fator-tempo vai marcando o acúmulo dos anos: cabelos brancos, rugas, vista cansada, reumatismos articulares... Para quê artifícios no corpo físico? Se o espírito está enfêrmo pela doença da velhice, — **senectus morbus est...** — de que nos serve pintar cabelos e barbas? Por isso dizia Ingenieros que quem assim procede é o mesmo que segurar os ponteiros de um relógio a fim de deter a marcha do tempo. Se não foi exatamente assim, foi coisa parecida. Mas o sentido é o mesmo. As mulheres, especialmente travam a mais acesa das lutas contra o embranquecimento dos cabelos e as rugas no rosto. Recorrem a todos os processos. Tingem a cabeça com tudo o que a publicidade glorifica e recomenda. Os salões de beleza ganham fortunas com êsse aspecto da vaidade feminina. Mas as tinturas passam e os cabelos ficam... mais brancos ainda. Não é só no Brasil. No mundo inteiro há essa luta entre a vida e a morte. E, mais uma vez citando Ingenieros: "As cãs são a mensagem da natureza avisando a aproximação do crepúsculo". Por isso, todo mundo se agarra a tinturas para iludir o tempo... e os olhos dos outros. Na Grécia a coisa é pior. O Ministério da Saúde em Atenas ordenou o fechamento de 2.500 salões de beleza e de 2.000 barbeiros, pelo fato de em tais estabelecimentos estarem as mulheres pintando os cabelos, e os homens tingindo os bigodes. E, como para o Ministério isso é venenoso, entraram na punição. E uma greve ameaça rebentar em tôda a Grécia!

AGORA SOU BRASILEIRO!



Quem não conhece o endiabrado artista de comédias, de circo, de revistas, de cinema, de tudo o que se prestar para fazer rir, êsse famoso e inimitável Oscarito? Esta revista já tem feito excelentes reportagens em tôrno do irresistível cômico de nossos palcos e do nosso cinema. Oscarito dá vida, realce, alegria a qualquer peça no palco ou na tela. Onde seu nome estiver, haverá interêsse do público em assistir à representação. Em nosso cinema êle é pontífice. A "Atlantida" o contratou com exclusividade. Esteja ou não a filmar, seus vencimentos estão garantidos. Pouco, mas sempre serve. Oscarito, leitor, não era brasileiro. Isso em nada lhe diminuía o valor ou lhe aumentava o cartaz. Em matéria de Arte o que está valendo não é a nacionalidade do indivíduo e sim o seu talento artístico, sua vocação, seu trabalho, seu jeitão de agradar. Oscarito era todinho brasileiro: estatura, físico, modo de falar sem nenhum sotaque, espírito pilhérico, recursos para a piada, bom humor. Mas Oscarito não era brasileiro de nascimento. De onde é êle? Da Espanha. Nasceu na terra de Cervantes, no ano da graça de 1906. E está velhinho... Quarenta e quatro anos na lombada já é alguma coisa. Veio para o Brasil ainda muito criança. Trabalhou em circo (sempre foi de circo). Trapezista. Pantomima. Depois o maior cômico do teatro nacional. E do cinema. Agora, Oscarito recebe seu título de cidadania brasileira, naturalizando-se brasileiro. E não se esqueçam de seu nome real: Oscar Teresa Dias, o imortal Oscarito! Parabens, ilustre patrício!

A PERSONAGEM DA SEMANA



O comandante do "Fjord III"

O gôsto pelo esporte de grandes cruzeiros à vela está empolgando os nautas amadores do Rio e de Buenos Aires. De certo tempo a esta parte foi criada a regata internacional entre a capital argentina e a do Brasil.

Nos anos anteriores o cotejo despertou a maior atenção do povo das duas nações irmãs; entretanto, êste ano, o entusiasmo atingiu proporções inusitadas, em virtude de certas circunstâncias que envolveram a prova.

O Brasil apresentou-se com alguns barcos, sendo que, dentre todos se destacava o veleiro de longo curso "Vendaval", pertencente ao capitalista Pimentel Duarte e com uma tripulação de 12 homens.

Os argentinos apresentaram também diversos barcos; mas, em virtude de suas categorias, o veleiro do Rio lhes ofereceu variados "handicaps", sem o que estaria em situação privilegiada para vencer a prova náutica.

Quando os telegramas divulgaram a largada do pôrto de Buenos Aires, diariamente pela imprensa e pelo rádio, se sabia que o "Vendaval" estava à frente em considerável distância do seu mais forte competidor, o "Fjord III", de bandeira argentina.

Ao chegar o "Vendaval" às proximidades do Rio, após dez dias de luta no mar, tôda a população carioca se interessou pela vitória dos brasileiros, havendo, porém, quem explicasse que, para isso era necessário que o "Vendaval" descontasse o "handicap" dado a cada um dos seus rivais.

No bastava, portanto, que êle transpusesse a meta em primeiro lugar; para vencer a prova, de direito, era preciso que o mais próximo, o "Fjord III" chegasse no dia seguinte, com mais de 18 horas de diferença do nosso.

Quando, ao cair da noite de quarta-feira, 1.º de fevereiro, os habitantes de Copacabana, viram as velas imobilizadas do "Vendaval", tiveram os seus primeiros sentimentos de tristeza. Sem vento, sem a mais leve brisa e com maré vasante, o veleiro nacional não poderia ganhar a regata internacional Buenos-Aires-Rio de Janeiro.

Durante mais de três horas, diante dos olhos do povo carioca, em tôda a extensão das praias da zona sul, o "Vendaval" não saia do lugar. Somente lá para as onze e meia, uma rápida aragem o impulsionou para a barra. Deu-se aí um espetáculo deslumbrante. Holofotes, sirenes, businas, apitos, exclamações saudaram o veleiro entre fachos de luz. A meia noite e 23 minutos, transpunha êle a meta, ganhando a fita azul, e outros troféus, como o mais rápido veleiro, mas perdia a prova para o "Fjord III", argentino, que chegava a meta uma hora depois, tornando-se, portanto, o vencedor.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênuio em pessoa

1 QUAL A ORGANIZAÇÃO RELIGIOSA QUE SE DENOMINAVA "MISSÃO CRISTÃ":

— A dos israelitas de Tel Aviv?
— A do atual Exército da Salvação?
— A dos antigos Batistas?

2 QUEM FUNDOU O EXÉRCITO DA SALVAÇÃO:

— O Presidente Wilson, dos Estados Unidos?
— O escritor inglês William Crookes?
— Ou William Booth?

3 QUAL DENTRE ÊSTES TRÊS LIVROS DA BÍBLIA E' O CHAMADO "EVANGELHO SINÓPTICO":

— O Ato dos Apóstolos?
— O Cântico dos Cânticos, de Salomão?
— O Evangelho de S. Lucas?

4 QUE NOS LEMBRA O NOME "MAYFLOWER:

— Um drama de Shakespeare?
— Um poema de Longfellow?
— O navio que trouxe à América os primeiros colonos inglêses?

5 DE QUE PAÍS E' FILHO O CONHECIDO CÔMICO OSCARITO:

— Espanha?
— Argentina?
— Brasil?

6 QUAL A NAÇÃO ESTRANGEIRA QUE PRETENDEU TOMAR AO BRASIL A ILHA DA TRINDADE:

— A Argentina?
— A Inglaterra?
— A Espanha?

7 QUEM FOI QUE TROUXE DO NORDESTE A TOADA FOLCLÓRICA QUE SERVIU DE BASE À MÚSICA ATUAL DE "LUAR DO SERTÃO":

— Catulo Cearense?
— João Pernambuco?
— Lourival Junquilho?

8 COMO SE CHAMAVA EM LÍNGUA INDÍGENA A ILHA DE VILLEGAIGNON:

— Uruçumitim?
— Serigipe?
— Paranapanema?

9 QUAL A PARTE DO NOSSO CORPO QUE FOI CONSIDERADA COMO O CENTRO DA VIDA OU "NÓ VITAL":

— O coração?
— O cerebelo?
— O bulbo raquidiano?

10 QUAL A MAIS ALTA CONSTRUÇÃO DO MUNDO:

— A tôrre Eiffel?
— O edifício "Empire" em Nova York?
— A Basílica do Vaticano?

11 COMO E' QUE SE FORMA A GEADA:

— Caindo como a neve?
— Precipitando-se com a chuva?
— Formando-se sôbre o chão e obstáculos?

12 DE QUEM HERDOU O FAMOSO MAESTRO ARTURO TOSCANINI O SEU GÊNIO MUSICAL:

— Do ramo paterno?
— Do materno?
— De nenhuma origem hereditária?

13 DE QUE PARTE DO BRASIL ERA FILHO O BARÃO DO RIO BRANCO:

— Do Acre?
— Do Distrito Federal?
— Da Bahia?

14 QUAL O ESCULTOR QUE EXECUTOU O MONUMENTO AO BARÃO DO RIO BRANCO, ORA ERGUIDO NA ESPLANADA DO CASTELO, COM MUITAS MODIFICAÇÕES:

— Modestino Kanto?
— Bernardelli?
— Felix M. Charpentier?

15 ANTES DE ARACAJÚ, QUAL FOI A CAPITAL DO ESTADO DE SERGIPE:

— São Cristovão?
— Propriá?
— Estância?

16 O DR. JOAQUIM MURTINHO, CONSAGRADO MINISTRO DA FAZENDA NO GOVÊRNO CAMPOS SALES, ERA:

— Doutor em Ciências Econômicas?
— Em Direito?
— Um médico homeopata?

17 AUGUSTO SEVERO, QUE FOI DEPUTADO PELO RIO GRANDE DO NORTE, RECEBEU DA CAPITAL FEDERAL A HOMENAGEM DE SEU NOME NUMA AVENIDA NA QUALIDADE DE:

— Politico benfeitor do Rio?
— Aeronauta?
— Escritor?

18 EM QUE LOCAL SE ENCONTRA O PUNHAL COM QUE FOI ASSASSINADO PINHEIRO MACHADO:

— No Museu Histórico do Rio?
— No Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista?
— Ou em poder de um particular?

19 QUAL O REI DE PORTUGAL QUE DISTINGUIU A CIDADE DE S. SEBASTIÃO DO RIO DE JANEIRO COM O TÍTULO DE LEAL:

— D. João VI?
— D. Sebastião?
— D. João IV?

20 O FAMOSO COMPOSITOR BRASILEIRO LEOPOLDO MIGUEZ, ANTES DE DEDICAR-SE À MÚSICA, EXERCIA A PROFISSÃO DE:

— Guarda-livros?
— Jardineiro?
— Professor de Latim?

(*Respostas na página 58*)

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dôr de cabeça, pêso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gôsto na bôca, indigestão, muita sêde e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar êstes males use Ventre-Livre, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos

Use Ventre-Livre

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA

VINOVITA

RENOVADOR DAS FORÇAS

Tônico poderoso

AOS ASSINANTES E DISTRIBUIDORES DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam



NUNCA HOUVE...

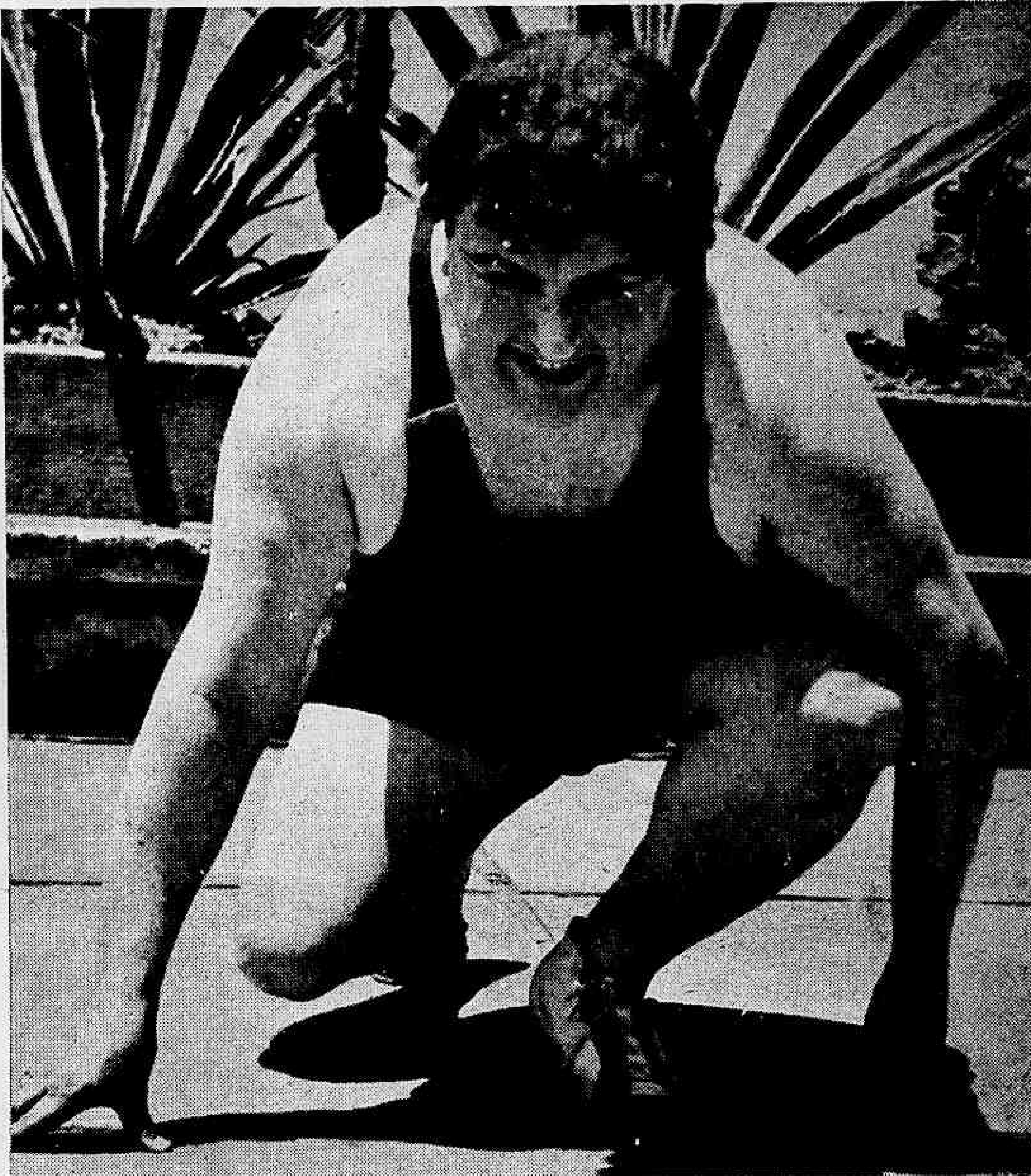
Morais Cardoso foi o primeiro Rei Momo de verdade. De 1933 a 1948, imitou o boneco descido do "Mocangué" numa recepção estrondosa. Compenetrado da sua majestade, jamais perdia a linha. Sorria sempre, mesmo quando dominado pelo cansaço. Um dia morreu — vieram muitos substitutos, mas nunca mais houve um Rei Momo igual a êle





A COROA

O reinado de Morais Cardoso estendeu-se pelo curto espaço de 15 anos. E sempre essa coroa brilhou em sua augusta cabeça, até quando a Morte os separou. Só mesmo Ela...



GINÁSTICA

Para se conservar em boa forma, S. M. fazia ginástica e praticava o atletismo, como se já não bastassem os atropelos da Folia. Mas... será que êle fazia mesmo ginástica?

QUE SAUDADES DO REI MOMO!

A primeira Majestade foi apenas um boneco ★ Depois houve a revelação de Morais Cardoso ★ E nunca mais apareceu Rei Momo igual! ★ Seus sucessores fazem fôrça mas... ★ Vem agora o General da Banda, Black-Out ★ Histórico da tradicional personagem desde 1933

REPORTAGEM DE **CARLOS DUARTE**

FOI um acontecimento, algo como o Rio ainda não tinha visto. A Praça Mauá se apinhava de gente, o povo tomou conta das janelas, dos terraços dos prédios mais próximos, e os mais afoitos se dependuravam pelos postes. Tôdas as ruas que conduziam ao local ficaram congestionadas. Na praça, o povo se acotovelava numa excitação tremenda. Os vendedores de caixotes se fartaram de dinheiro. Nunca se vira até então multidão tão compacta à beira do cais vizinho do Touring Club. Havia barulho, ansiedade, emoção e sobrava alegria.

Grupos fantasiados, blocos inteiros vestidos de côres berrantes, vestimentas grotescas, "pierrots" e colombinas em penca. Se a massa impressionava, mais extraordinária ainda era a alegria contagiante daquele povo. Os que estiveram lá nesse dia e a tudo presenciaram contam que o espetáculo dava a impressão de que ali se refugiara tôda a alegria do mundo!

Que era aquilo, afinal de contas? Por que aquêle navio estava tão feèricamente iluminado e apitando? Por que aquêles refletores possantes despejavam a sua luz



BUFÃO...

Qual uma figura de ópera cômica, o **Imperador da Folia** pôsa para os fotógrafos. Mas, coitado, como transpira dentro daquelas roupas espessas, pesadas, de veludo!



OS DOIS SAUDOSOS

Pipoca, personagem vivida pelo ator Alfredo Silva, e Rei Momo, por Morais Cardoso. Ambos já morreram



CONVITE À FOLIA

Naquele tempo ainda não se falava em "brotinhos". Mas parece mesmo que Rei Momo, Morais Cardoso, estava chamando a êle os "brotinhos" contemporâneos...

MOMO IV

Como é bom ser Rei Momo, dirão os leitores... E de fato. Rodea-'o por Helena, Arlete, Zita, Regina, Hilda e Ivete, "girls" do João Caetano, Jaime de Morais, 4.º Rei Momo, se julga feliz. E qual a carioca bonita que não quer aparecer ao lado do seu Rei?

sôbre a multidão e o cais? Teria o povo perdido o juizo?

★

Nada disso. Tratava-se, pura e simplesmente, da chegada de S. M. o Rei Momo, I e Único, o Imperador da Folia!

O fato passou-se anos atrás, precisamente no dia 18 de fevereiro de 1933. "A Noite" rodava duas, três, quatro e, às vêzes, até cinco, seis ou sete edições por dia. Seu diretor-gerente, Vasco Lima, teve então a idéia maluca, ou melhor, retumbante: para alegrar mais ainda o carnaval carioca, que era já o mais famoso do mundo, engendrou uma personagem, o Rei Momo, que reinaria na cidade por três dias. Não havia presidente da República. Não havia prefeito, não havia deputado, senador ou general. O Rio, nos dias de carnaval, seria do Rei Momo! E assim aconteceu, daí por diante; todos os anos o Rei Momo aparece, para a todos envolver de alegria, como de ar se enche o vento... Nos primeiros anos, um tanto cerimonioso ainda, surgia no sábado carnavalesco, desaparecendo na quarta-feira de cinzas, empanturrado de folia. Com o tempo, porém, foi deixando de lado as conveniências e, assim, alguns dias antes do carnaval dá agora os ares de sua graça e presença aos festejos pré-carnavalescos. Hoje em dia, S. M. não respeita caras nem aparências... e onde haja um forrobodó digno de sua presença, lá aparece êle, o Imperador da Folia.

★

A chegada do primeiro Rei Momo, como vimos, foi impressionante. Até um representante do prefeito, nessa ocasião o popularíssimo Pedro Ernesto, foi recebê-lo. Vasco Lima havia combinado a coisa muito bem. Programou tudo direitinho com a diretoria do Lloyd Club, e o "Mocanguê", nessa época bem novinho, foi destacado para transportar para a cidade o mago, o rei-invisível, misterioso, que "A Noite" com tanto estardalhaço anunciou. Dessa forma, às 9 horas da noite, o navio do Lloyd Brasileiro saiu de seu recanto de dentro da barra, deslumbrantemente iluminado, em marcha calma e cadenciada, sob o comando de uma orquestra exímia nos ritmos dos sambas, canções e marchas alucinantes. Rei Momo desceu sentado no seu trono côr de ouro, sendo logo envolvido pela multidão foliônica, e após os discursos e rapapés "solenissimos", à frente de um cortejo em que se viam senhoras e mocinhas da boa granfinagem carioca se revelando com as graciosas e simpaticíssimas loiras e moreninhas dos clubes carnavalescos, foi levado para o "Cassino Beira-Mar", que ficava onde é hoje a Praça Paris.



JA' FOI O REI

Gustavo de Matos, que sucedeu a Morais Cardoso só aguentou um carnaval, o do ano passado. Vemo-lo aqui entregando a corôa ao seu substituto, Jaime de Morais



CANSADO!

Momo estava ensaiando os passes de uma dança com estas meninas bonitas. Cansou, como todo mortal e pondo de lado as conveniências e a etiqueta, sentou-se no chão

Na travessia da Avenida Rio Branco, lindas pequenas, sentadas em motocicletas de concha tôda enfeitadas, prestavam-lhe as honras condizentes.

☆

Antes, na Praça Mauá ainda, o "Zé Pereira" lhe oferecia as boas-vindas, saudando-o efusivamente. No "Cassino", que naquele tempo era o mais afamado ponto de diversão da cidade, o popular ator teatral, Henrique Chaves, em nome do "Cidadão Carioca" entregou-lhe as chaves da cidade. "Dono" do Rio, Rei Momo, no dia seguinte, após as devidas homenagens dos "Tenentes do Diabo", "Pierrots da Caverna", "Congresso", "Fenianos" e do "Clube dos Democráticos", foi entronizado na sede dêstes últimos, na Rua do Riachuelo, onde ficou até o fim do carnaval de 1933.

★

O Rei Momo que provocava êsse alvorôço todo, no entanto, não passava de um boneco. No Carnaval seguinte, "A Noite" resolveu lançar um Rei Momo "real", isto é, um Rei Momo de carne e osso, na pessoa do repórter Francisco de Morais Cardoso, que exercia, cumulativamente, as funções de chefe da venda avulsa do jornal. E êle foi um grande "Rei do Carnaval"; com o seu corpo imenso, sua barriga de bebedor de *chopp*, vestes extravagantes, nos três dias de liberdade e alegria, realmente imperava, distribuindo mais entusiasmo por onde passava, sorrindo para todos, foliões da rua ou dos clubes granfinos. Jamais perdeu a linha; tinha prazer em ver os outros se divertirem, e se desdobrava para atender a todos quantos exigiam a sua presença. Durante o carnaval quase não dormia, perdendo sempre uns bons quilos do corpanzil que lhe sobrava em pêso. Pouco bebia, talvez para manter a "forma" e a dignidade de um Rei. Morais Cardoso levava o personagem que vivia, muito a sério, tanto assim que ainda no carnaval de 1948, quando saia com os seus companheiros de redação, mas já travestido no "Imperador da Folia" exigia que o tratassem como humildes súditos ao amo: S. M., para evitar que o Herói que representava não fôsse despersonalizado.

A fama do Rei Momo, logo correu pelo mundo inteiro. O "New York Times" chegou a enviar uma repórter ao Rio, para entrevistá-lo.

Ao lado de Morais Cardoso, durante muito tempo viu-se também outra figura impagável, o "Pipoca", que lhe servia de "secretário". "Pipoca" era o saudoso ator Alfredo Silva. Um dia, porém, tinha que acontecer, o destino levou Morais Cardoso.



A NOVA COROA

Elas queriam beijá-lo, e para isso a outra retirou a corôa do Rei. A corôa antiga, usada por Morais Cardoso, era muito mais bonita, mas se Jaime de Morais, o novo Imperador da Folia, quer esta, quem é que vai discutir? Sua Majestade é quem manda!



QUE VIDA DOCE!

S. M., o Rei Momo I e Único, na realidade, o 4.º da dinastia engendrada pela "A Noite", nem sente o pêso... Mas, para um material assim, quem não queria ser estivador?

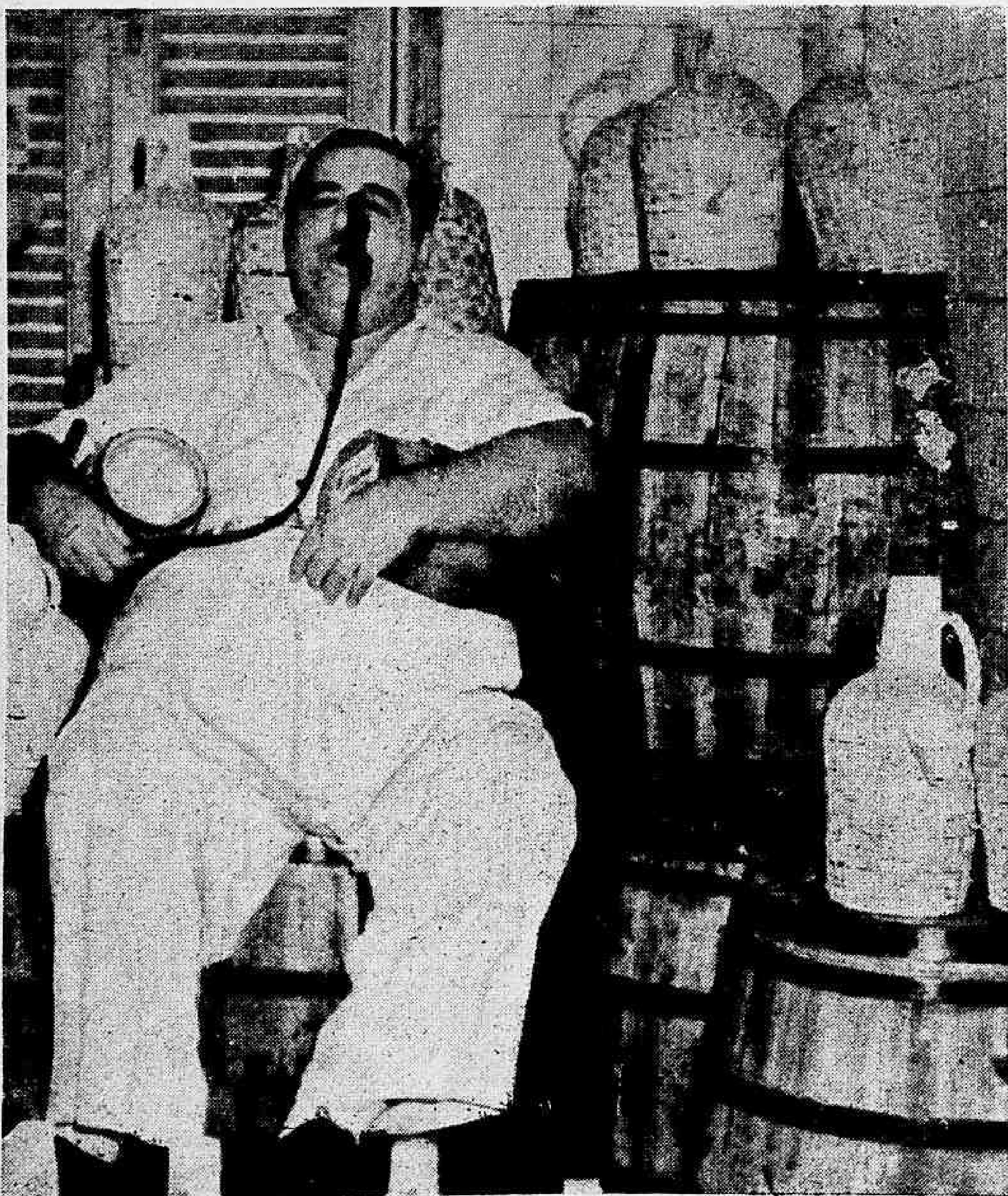


DUAS MAJESTADES

Marlene, a Rainha do Rádio do ano passado, foi coroada por S. M. Rei Momo, Gustavo de Matos que, ao entrar no teatro onde se realizou a festa foi protegido por guardas



S. M. MOMO II
"Por que bebes tanto assim rapaz? Chega, já é demais..." — diz a letra do samba. Entretanto S. M. não conhece essa música... e como bebe! Mas isso é pose para fotografia...





ELA E ÊLE
Elvira Pagã, ao escrevermos esta reportagem, é a mais provável Rainha do Carnaval. Momo II lhe dá inteiro apoio, pois não se pode governar bem sem uma "Rainha"

Faleceu em 1948, meses depois de ter brincado o Carnaval, o último em que reinou. Ao seu entêrro compareceram autoridades, os diretores de tôdas as sociedades carnavalescas da cidade e grande massa popular. Foi uma festa triste.

★

Pensou-se que a figura de Momo ia desaparecer. Mas tal não se deu. A "Associação dos Cronistas Carnavalescos" cogitou lançar outro no seu lugar. "A Noite" porém, fêz questão de continuar com a personagem que ela mesma criou, e para substituir Morais Cardoso escolheu um outro tipo, grande a barrigudo, mas em vez de um "proletário" como era o primeiro, dessa vez um rapaz rico e folgazão — Gustavo de Matos. Êste, aliás, apresentava bastantes credenciais de alta-folionia... Já fôra coroado "Rei da Folia" em Paris, em 1937, no Teatro da ópera, pelo próprio presidente da República Francesa, naquela época o sr. Albert Lebrum; e moço rico, viajado, já comparecera a outros carnavais famosos, como o de Nice, na França, e New Orleans, nos Estados Unidos. Gustavo, encarnando ainda o Rei Momo, I e Único, no carnaval do ano passado compareceu a nada menos de 245 festas e teve oportunidade de coroar diversas outras majestades: Marlene, "Rainha do Rádio"; Cléa Suzana "Rainha do Teatro"; Olga Latour, "Rainha do Cinema" e Marlene Lúcia, um lindo "brotinho", eleita "Rainha das Sereias". Foi aos maiores bailes que no Rio se realizaram, porém, não soube conservar a mesma verve e fleugma do Rei Momo anterior. Foi um Rei um tanto ou quanto "borocochô". Durante o baile de Quitandinha tomou um "pileque" tremendo; quando acordou, já no Rio, estava sem a coroa... O pessoal de "A Noite" movimentou-se. Onde já se viu um Rei sem coroa? Telefonaram para o famoso hotel e, de informação em informação, acabaram sabendo que quem lhe havia surripiado a coroa fôra uma jovem milionária americana, Helen Singmors, da alta granfinagem de Chicago, que viera passar o carnaval no Brasil... E então um "clipper" da emprêsa desceu de Petrópolis, só para trazer a coroa que o Rei beberrão havia perdido.

Êste ano, Gustavo não quis mais ser Momo. "A Noite", porém, já tem outro no seu lugar, o repórter Jaime Morais, que é

(Cont. na pág. 48)

ÊLE E OUTRA
Que será que, com tanto carinho, a moreninha dá de beber ao Imperador da Folia? Ela é Olivinha de Carvalho, outra graciosa candidata ao título de Rainha do Carnaval





DEPOIS DA FOLIA

Ao fim de uma noite de festa intensa, S. M. não pode deixar de apresentar sinais de fadiga. Mas, mesmo assim, esboçou um sorriso. Sua cabeleira, nesse dia, era loira...



ALVORADA

"K-Tuca", o diligente e fiel "secretário" de S. Majestade Momo II, todos os dias, vai acordá-lo. A alvorada do Imperador da Folia é lá pelas duas horas... da tarde



SONOLENTO

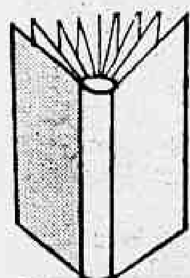
Depois de um dia de sono — sim, um dia, porque a noite é destinada à Folia — S. M. retira a "maquillage". Mas pouco descansa, pois êle só existe para a Folia



BONITÃO

Será que êle se julga bonito?... Mal acordou, foi se olhar no espelho, mas, eis que chegam duas "cortezãs" para lhe dar o bom-dia. E como deve ser gostoso... S. M. se delicia... Momo II se sente feliz, e quem não se sentiria?



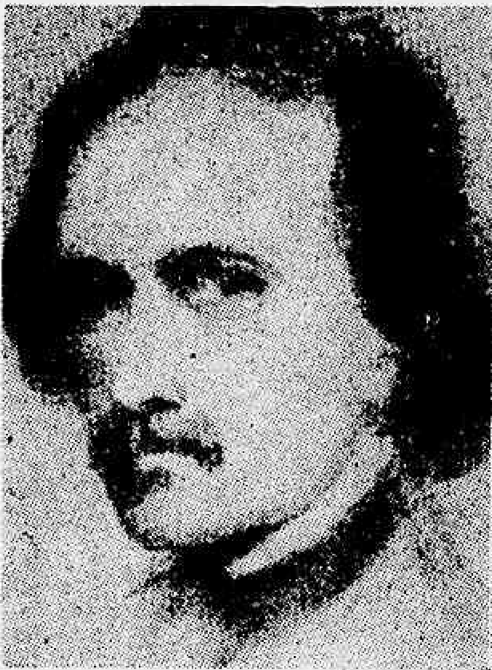


SEMANA Literária

EDMUNDO LYS

UM POUCO DE..: EDGARD ALLAN POE

DRAMÁTICA e movimentada, a vida de Edgard Poe foi realmente uma vida fantástica que está aguardando o seu biógrafo enternecido. Aquêle biógrafo que acompanhe, passo a passo, a existência difícil e dura dêsse desambientado que sustentou, durante sua vida, uma luta sem tréguas com a adversidade e a miséria.



Edgard Allan Poe

Edgard Allan Poe nasceu em Boston a 19 de janeiro de 1809 e faleceu em Baltimore a 8 de outubro de 1849. Sua fama, seu prestígio começaram nos seus últimos anos. Foi em 1845 que compôs "The Raven". Sua famosa novela "O duplo assassínio da rua Morgue", a primeira das histórias policiais do gênero detectivesco, foi publicada em 1841.

E esta é outra glória de Edgard Poe, a criação de um novo gênero literário de que é ainda hoje o mestre absoluto, com as suas três histórias celebérrimas: além da referida, mais "Maria Raget" e "A carta roubada".

Muitas páginas sôbre crime haviam sido escritas antes e a dedução era já um lugar comum nas letras — diz Van Doren Stern, comentando a obra de Poe. Mas Poe foi o primeiro que escreveu a "Detective Story", como a conhecemos hoje: êle juntou o elemento "puzzle" à narrativa do crime. Êle nos deu o nosso primeiro detective real, o brilhante e excêntrico Dupin. E foi o criador do método do "Dr. Watson", isto é, de apresentar a narrativa através de um observador que conta como o detective descobriu o caso. A estrutura da lógica rígida de Poe continuou inimitável. Seus apartes filosóficos são adotados até hoje. Seus efeitos de ambiente desafiam os copiadores. Como a imprensa a história policial tem progredido apenas no sentido mecânico, depois que foi inventada; como obra artística, a Bíblia de Guttenberg e o conto de Poe, "O duplo assassínio da rua Morgue", nunca foram ultrapassados — conclui Stern.

Poe era filho de artistas de teatro. Depois da morte de sua mãe, foi adotado por um sr. John Allan, de Richmond, que lhe deu o seu segundo sobrenome. Depois de iniciar os estudos na Escola de Richmond, em 1815, seu tutor levou-o para a Inglaterra, onde êle permaneceu até 1820. De volta à América, ingressou na Universidade da Virginia, tornando-se então conhecido como um apaixonado do álcool e do jôgo. Deixando a Universidade, e discordando dos planos de Mr. Allan, de colocá-lo na sua casa comercial, Poe foge para Boston onde publica seus primeiros versos, a fim de obter dinheiro para manter-se: "Tamerlão e outros poemas" é o título do livro que êle não assina senão com a vaga indicação: "By a Bostonian".

Mas o livro não lhe fornece os meios necessários. Em 1829 alista-se no Exército e no mesmo ano chega ao pôsto de sargento-major. Reconcilia-se com o tutor, que promove seu desengajamento, matriculando-o na Academia de West Point, que abandona dois anos depois.

Rompendo de novo com o tutor, inicia o poeta uma vida de nômade. Vai de cidade em cidade, até que chega a Baltimore. Ali, entrega-se por completo à literatura e publica suas primeiras novelas e seus primeiros ensaios. Em 1835, casa-se com Virginia Clemm, cujo amor lhe dera tanto interêsse no trabalho, fixando a sua vida de vagabundo. Torna-se vice-diretor do "Southern Literary Messenger", de Richmond. Daí passa a Filadelfia, onde se torna co-diretor de "The Gentleman's Magazine". Em 1841, data da sua primeira novela policial, dirige o "Graham's Magazine", é jornalista como sempre, porque nem a poesia nem a novela lhe fornecem o necessário para a subsistência. Em 1844, já no limiar da fama, está em Nova York, como assistente de Willi, no "Espêlho". O ano seguinte, 1845, é a data do "Corvo", que o imortalizaria. Então, repentinamente, torna-se um "leão literário" e atinge as culminâncias do êxito. Dois anos depois, morre-lhe a espôsa. E o desaparecimento de sua doce Virginia atira-o na maior desolação. Começa a decadência de Poe. E dois anos mais tarde êle morre num delírio alcoólico, num leito de hospital.

Edgar Poe escreveu novelas e poemas. No seu famoso ensaio "Princípes Poéticos" deixa estabelecidos os motivos que o levaram a preferir, como forma de expressão, a novela e o pequeno poema. Aliás Baudelaire, que foi um dos seus tradutores, e que, como Mallarmé e o moderno Paul Valery — consideram Poe um dos grandes poetas de sempre — Baudelaire nos explicou as excelências da novela sôbre o romance, seu poder de síntese e de emoção, sua fôrça de unidade e de poesia, quando prefaciou as "Novelas Extraordinárias". Entre as novelas de Poe mais conhecidas e apreciadas estão: "Arthur Gordon Pym", o "Escaravelho de ouro", "O gato prêto", "A carta roubada", "A queda da casa de Usher", "O duplo assassínio da rua Morgue", tôdas elas e muitas outras traduzidas e editadas em tôdas as línguas. Seus poemas, menos conhecidos entre nós, foram publicados em dois volumes com as datas de 1829 e 1831, respectivamente. "O Corvo" só foi publicado em 1845. E como todos os seus trabalhos, apareceu primeiro na imprensa. Hoje, o célebre poema, de há muito vulgarizado entre nós, na primorosa tradução de Machado de Assis, conta ainda com a admirável versão de Gondim da Fonseca.

Falamos em Baudelaire e queremos citar aqui suas palavras sôbre o genial americano, êsse outro Byron perdido num mundo hostil, êsse verdadeiro poeta, o satanista que pregou a filosofia da perversidade do homem. Sim, da perversidade, fôrça misteriosa e irresistível que nos arrasta para o mal, como um demônio. A perversidade natural do homem que, só ela, pode explicar certos fatos, e que faz com que o homem seja homicida e suicida, assassino e carrasco.

A vida fantástica de Edgar Poe. Não foi à toa que êle se lançou nos domínios da imaginação, dedicando um livro seu — "àqueles que puseram sua fé nos sonhos como sendo as únicas realidades...". Não foi impunemente que êle disse: "Tôda a certeza está nos sonhos". Para êle, a imaginação é a soberana das faculdades. Mas, por imaginação, êle entende algo maior do que o que comumente entendemos. A imaginação não é a fantasia nem a sensibilidade. E' uma faculdade quase divina, que tudo percebe, fora dos métodos filosóficos, as relações íntimas e secretas dos crimes, as correspondências, as analogias.

Lendo "O Corvo", sua atmosfera nebulosa e fantasmal, ouvindo suas imprecações, sofrendo sua angústia e o contraponto soturno daquele "Never More", compreendemos o mundo de Edgar Poe, êsse mundo em que seu gênio conviveu com as sombras e os mistérios, as aparições e as estrêlas — o mundo de Lenora e de seu amor perdido para sempre para "nunca mais".

MENSAGEM DA COLÔNIA...

COM inúmeras assinaturas de membros da colônia magiar domiciliada nesta capital, recebeu o redator da "Semana Literária" a seguinte mensagem: "À pessoa eminente de Edmundo Lys, que simboliza a generosidade e devotamento ao Espírito, característicos do povo brasileiro, a colônia húngara do Rio de Janeiro pede vênia para render uma sincera e viva homenagem de agradecimento. Graças à hospitalidade brasileira, tivemos recentemente a felicidade de rever entre nós Zita Szeleczky. Como legítima intérprete das aspirações e sentimentos mais vibrantes do povo magiar, ela apresentou-nos, pela primeira vez no Brasil, diversas obras de nossos poetas em memorável noite de Arte.

Nesta hora negra para a Hungria em que as raízes mais fortes e profundas de nossos costumes estão arrancadas por mãos tirânicas e em que a alma da Liberdade está amordaçada pelos invasores, é com sentida emoção e particular carinho que vemos renascer no solo jovem e fértil do Brasil a árvore dos nossos Ideais mais sublimes e mais nobres. Estendemos nossa gratidão à Rádio Ministério da Educação, cujo microfone foi gentilmente pôsto à nossa disposição e que representa o farol da Luz espiritual de nossa pátria a acenar-nos com a Esperança sôbre um oceano de Angústia e Opressão. Reiterando nosso reconhecimento a êsse propugnador de Ideais que é Edmundo Lys, consignamos nossos protestos de amizade e afeição mais sinceros ao povo irmão do Brasil".

RECORDANDO

JEAN JACQUES BERNARD

APRESENTANDO há dias, num programa de rádio, um condensado de "Le Secret d'Arvers", de Jean-Jacques Bernard, quis, ao mesmo tempo, evocar "o homem do soneto" e pagar uma dívida ao poeta dos "silêncios", o autor teatral que nos revelou o mundo de poesia das pausas.

Levar Jean-Jacques Bernard ao rádio constitui um problema, por isso mesmo, tentador. Seu teatro vive mais dos silêncios do que do diálogo. Não por um artifício, por uma virtuosidade do efeito. A pausa, para êle, é um elemento trágico de sua natureza de escritor. E, porque é natural — resulta sempre tão eficiente. Contrapõe à psicopatologia da palavra a psicopatologia do silêncio. Mas, isso, antes de fazer de seu drama um simples jôgo mímico ou fisionômico, valoriza o seu diálogo, que atinge, ao mesmo tempo, o mais poético o mais humano.

O rádio-teatro não permite a pausa. O rádio-ator que se cala, mesmo por uma fração de segundo — sai do microfone, sai da peça. Criar a pausa radiofônica é um recurso de direção, particular a cada peça, a cada frase, de acôrdo com a frase e a sua [illegible]ção. Por isto me pareceu tanto mais [illegible] apresentar no rádio um autor que [illegible] teatro do silêncio.

Recordando Bernard, nessa audição da Rádio Ministério da Educação, por meio de uma síntese de sua peça em um ato, "Le secret d'Arvers" — em que êle põe em cena as figuras românticas do salão de Charles Nodier, Maria, Arvers, Fontaney e o próprio Nodier — mais uma vez tivemos oportunidade de admirar sua técnica admirável, o equilíbrio e o lavor de seu diálogo reticente, e seguro jôgo de silêncios. E, lembrando êsse talento dramático extraordinário, passou-nos também a evocação de sua tragédia de homem e de escritor — em face da guerra.

Jean-Jacques Bernard, filho do grande Tristan Bernard, consagrou-se no palco através de uma obra harmoniosa e duradoura "Le feu qui reprende mal", "Martine", "Les Tendresses menacées" e outras peças suas, constituem um capítulo da história do teatro, entre as duas guerras, por sua beleza imperecível. Artista, intelectual de raça, Jean Jacques era, também, um exemplo do cidadão discreto, do homem do lar, exilando-se das realidades circundantes, para o mundo de sua arte e de sua família. O "clerc" de Dieu la Rochelle.

Assim veio surpreendê-lo a guerra. E certo dia, com a França vencida, Jean-Jacques foi prêso e levado ao cativeiro de um campo de concentração — como judeu.

De nada valeram seus protestos contra a injustiça, contra o brutalismo. O fino artista, flor requintada do espírito francês, foi atirado entre os "barbelés" da prisão coletiva. Dêsse exílio trágico, trouxe uma obra-prima: "Le Camp de la mort lente".

E' uma flor do lodo — uma das raras flores que desabrocharam naqueles campos de sofrimento e de selvageria. E' nessa obra, onde recorda o martírio da prisão coletiva de Copiègne, que êle deixou êste admirável pensamento: "O deus da vingança não é o meu deus e Copiègne não conseguiu ensinar-me a odiar os homens — únicamente a ter piedade dêles".

DE SE ABRIR A BÔCA

Victor Hugo, num dos seus mais famosos romances, pintando uma cena doméstica em que um dos personagens não falava durante todo o tempo, escreveu, textualmente:

— Durante todo o jantar êle não abriu a bôca...

(Gabriel Teixeira)

★

MACHADO DE ASSIS MATEMÁTICO

O velho Machado, apesar da atenção minuciosa com que escrevia, em uma página do capítulo XLII, do "D. Casmurro", deixa escapar a seguinte desobediência à matemática: "Capitu despedia-se de "três amigas" que tinham ido visitá-la, Paula e Sancha, companheiras de colégio, aquela de 15, esta de 17...

(Luiz Geraldo S. Machado)

OUTRAS PÉROLAS

CHEQUE SEM FUNDOS

De Will Durant, apareceu no Brasil uma tradução de seu livro "História da Civilização". A tradução é de Monteiro Lobato. Em certa página do livro, Durant afirma que os assírios deixaram como provas de suas "atividades literárias", apenas balanços, cifras, notas promissórias e cheques (!).

(Alberto Pinheiro)

★

TRADUÇÃO EM DESORDEM

Abelardo Romero, na tradução da excelente biografia de Johann Strauss, de Heinrich Edouard Jacob, edição Vecchi, escreveu: "As mulheres vendiam as jóias "em ordem" para dançar"... Tradução duvidosa de "in order to", que em português significa "a fim de".

(Clóvis Ramalhete)



Verlaine e Rimbaud em Londres, desenho de Félix Régamey

FÓRA DO PRELO

OUTROS HOMENS DE MINAS

Pedro Rache, professor, industrial e político, figura de destaque na representação de Minas no Parlamento, aparece agora como publicista político e dos mais interessantes.

Depois de seu livro "Homens de Minas", em 1947, temos agora êste "Outros Homens de Minas" em que focaliza várias figuras contemporâneas da política mineira, os acontecimentos que os produziram ou que êles produziram. Há grandes páginas nessa obra. Perfis traçados com mão segura. Visão crítica e gôsto de memorialista. E, sobretudo, um estilo delicioso, familiar, que conquista e domina o leitor.

Além do estilo, há a verdade e a coragem dos depoimentos. Pedro Rache fala de fatos a que assistiu e em



que tomou parte. Os episódios que recorda e que dão bem, por exemplo, a grandeza de Antônio Carlos e a solércia de Benedito Valadares, são fixações a água-forte, que o tempo não corromperá e onde o futuro historiador terá que ir louvar-se para comentar o período estadonovista brasileiro.

"Outros Homens de Minas", como o anterior, é um livro indispensável, o primeiro grande documentário imparcial sôbre a revolução de 30, seus antecedentes e suas consequências.

★

HISTÓRIA UNIVERSAL DA ELOQUÊNCIA

Hélio Sodré, que se iniciou como biógrafo e historiador, tendo depois se afastado um pouco dessas províncias literárias, a elas volta agora como mestre, na sua abundante e clara "História Universal da Eloquência".

Tendo formado seu espírito nas gloriosas tradições tribunícias da Bahia ruibarbosiana e castroalvesca, nenhuma história poderia convir melhor a êste escritor que alia à paciência do alfarrabista o estilo de um narrador cintilante.

A "História Universal da Eloquência" é, sem dúvida alguma, um dos livros que faltavam à nossa literatura de tantas vocações da palavra oral e em que a mocidade atual poderá inteirar-se das raras oportunidades em que a palavra — e não o silêncio — era de ouro.

★

O ARQUIVO DA CASA DOS CONTOS

José Afonso Mendonça de Azevedo dá-nos, num alentado volume, vários e interessantíssimos "Documentos do Arquivo da Casa dos Contos".

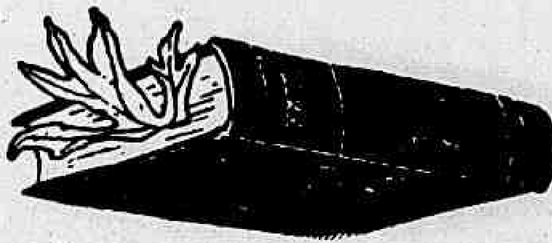
A obra é um repositório de esclarecimentos a que as eruditas anotações do autor dão o mais perfeito funcionamento. Manuseando o volume de preciosidades, estivemos pensando na comodidade que nos traz o trabalho paciente do ilustre alfarrabista mineiro. Comodidade e ilustração, pois enquanto nos possibilita todo o confôrto nesta excursão às fontes históricas, também vai ratificando e decidindo questões da mais alta relevância, e, ainda hoje, fonte de exaustivas controvérsias.

Sôbre a Inconfidência, por exemplo, "Documentos do Arquivo da Casa dos Contos" é um manancial de revelações. Estamos em que, de agora em diante, ninguém poderá escrever sôbre o assunto ou ensiná-lo sem, antes, versar o livro de Mendonça de Azevedo. Há detalhes de importância sôbre os quais êste livro faz resplendente luz. E' assim no caso da atuação de Barbacena. E' assim no que diz respeito à lenda do embuçado. E' assim, sobretudo, no que toca ao suicídio do poeta Cláudio Manuel da Costa. De acôrdo com os documentos agora publicados, é



possível fixar como autêntica a versão do assassínio do poeta de "Vila-Rica". O erudito mineiro conseguiu levantar o véu que envolvia o sinistro acontecimento e desfazer tôdas as dúvidas.

Mas não só a êste respeito interessa a grande obra ilustrada que o Ministério da Educação editou. Há outros tópicos de igual importância, também esclarecidos, quer sôbre a revolta de Felipe dos Santos, quer sôbre acontecimentos outros das cidades do ouro e das personagens que nelas se agitavam. E daqui, dêstes abundantes documentos do tempo, páginas vivas da história de Minas, surgem os perfis dos herois que sonharam, no alto daquelas montanhas, o sonho da liberdade, ao mesmo tempo que se projetam as sombras dos régulos e dos bandidos que debalde tentaram cobrir de crepe



sangrentos, com incêndios e enforcamentos, o esplendor daqueles sóis.

A bela obra realizada por José Afonso Mendonça de Azevedo não é somente uma ilustre lição de história. E' mais, uma volta àquêles ominosos tempos do despotismo, de que Assumar foi o sinistro apogeu e Fanfarrão Minésio, o grotesco fantoche.

★

CONTOS DA ANGÚSTIA

"Cantos da Angústia" é o novo livro de poemas de Adalgisa Nery. Angústia — é a palavra de tôda a poesia de Adalgisa, poesia de subterrâneos escuros, de noturnos pesadelos, de gritos lancinantes, de irremediáveis maldições e — como está num verso seu — "Da noite sem fim".

Trágica e comovente é esta poesia sôbre a qual não paira a graça de um raio de sol, a luz de uma estrêla, um riso de criança... Da qual não floresce nem uma rosa, cujo hálito não refresca a água de uma fonte, cujo desespêro não agasalha um gesto de carinho... Onde tudo é dor irremediável, ânsia inútil, mistério impenetrável — que os ventos fustigam e tragam os abismos escuros, porque para esta poesia

"Um vento inesperado apagou as
[luzes do Universo
E o sono se fêz eterno!

E que grande e bela poesia, esta! Como uma maravilhosa flor de luz — coberta de cinzas.

LIVROS PREFERIDOS PELOS LEITORES

(Informações colhidas em livrarias do Rio)

VELAS EFÊMERAS — de Aldous Huxley.
AS CONFISSÕES DE MEU TIO GONZAGA — de Luís Jardim.
MOISÉS — de Pitigrilli.
O TEMPO E O VENTO — de Érico Veríssimo.
MALAPARTE — de Kaputt.
UM MESOURO CONTRA A VIDRAÇA — de J. G. de Araújo Jorge.
MANON LESCAUT — do Abade Prévost.
O ROMANCE DO FOOTBALL — de Mário Filho.
MEMÓRIAS DE UM MASCATE — de Jorge Bastani.
O SÁBIO JOVIAL — de Lin Yutang.
CRÔNICAS DE PARIS — de Maluh de Ouro Preto.
COMO EVITAR PREOCUPAÇÕES E COMEÇAR A VIVER — de Dale Carnegie.
MISTÉRIO E REALIDADE DO OUTRO MUNDO — de Silva Melo.
O HOMEM ROUCO — de Rubem Braga.
SEJAMOS BELAS — de Léa Silva.
O HOMEM NORMAL — de Alejandro Raitzin.
A ARTE DE LER E ESCREVER — de Miranda Santos.
INTRODUÇÃO GERAL À FILOSOFIA — de Jacques Maritain.
A CRIANÇA PROBLEMA — de Artur Ramos.

Além de outros, os acima mencionados são livros de maior procura, no momento.

Anatole France sentiu-se doente e chamou o médico.

— O que o senhor tem é uma pneumonia, disse-lhe o doutor. — Mas não se assuste. Eu estive pior do que o senhor e salvei-me.

— Sim, respondeu Anatole — mas o senhor tinha outro médico!

★

Um poeta lia seus versos a Fontenelle, por uma tarde de rude inverno.

— Que acha? — perguntou o poeta, interrompendo a leitura.

— Oh! — exclamou Fontenelle — se tivesse pôsto mais fogo nos seus versos, ou os seus versos no fogão, não estaríamos agora morrendo de frio...

opostos.

★

O HUMOR DE HEINE

Certa vez, o poeta Heine entrou com um amigo, também judeu, na catedral de Colônia. Era um dêsses dias de agôsto, pesados ali de caliginoso calor. Ao sentir a frescura da sombra e da penumbra, sob as altas abóbadas cheias de silêncio, Heine murmurou confidencialmente:

— Que bela religião para o calor, esta!

★

Quando o compositor Berlioz foi visitar o poeta, enfermo e abandonado, Heine teve ainda espírito para dizer-lhe:

— Oh! meu querido Berlioz! Você sempre tão original!

OUTROS LIVROS

O segrêdo da imensa popularidade de John Gunther reside, principalmente, na objetividade construtiva das suas reportagens. Ainda recentemente alcançou com o "Drama dos Estados Unidos", obra que encheu de espanto o homem da rua norte-americano ante o panorama colossal, a visão de detalhes. "Por Trás da Cortina de Ferro" segue o mesmo sistema usado por Gunther em todos os seus empreendimentos. Traz um objetivo claro. Trata-se de revelar com imparcialidade a natureza da luta político-econômica que se está travando na velha Europa, entre dois sistemas diametralmente opostos.

★

A história de Angélica Coelho é muito simples. Nasceu no Ceará e não escreveu um romance sôbre a sêca. Nunca falou nos cabelos negros de Iracema, nem faz parte das chamadas rodinhas literárias da terra. "Ritmos Humanos" é o seu primeiro trabalho entregue ao público, muito embora esteja dormindo no seu baú "Angústias Repetidas" que a autora condenou — Edmar Morel.

★

"Maya", de Ursulino Leão, é uma entrevista de concepções com o destino.

★

"Correção de Textos", de Modesto de Abreu, é uma obra que se recomenda, em geral, aos que estudam a língua portuguêsa e, em especial, a professôres, estudantes, candidatos a concursos, empregados em escritório, revisores, datilógrafos e quantos façam da linguagem escrita seu principal mister. Diferentemente do que se faz nas poucas obras existentes no gênero, os erros aparecem aí sistematizados, dentro dos quadros gerais da Gramática, da Estilística, da Composição usual e da Lógica, ensinando o estudante não só a corrigir quaisquer erros, como a disciplinar seu pensamento e orientar-se nas normas de redação comum.

A terceira edição, publicada êste ano, oferece sôbre as anteriores numerosas vantagens: desenvolve consideràvelmente as regras da ortografia, com base no Vocabulário de 1943, único oficialmente em vigor; oferece um modêlo para cada tipo de exercício de aplicação a ser executado; faz, a cada exemplo de texto errado, acompanhar a respectiva correção; dá-nos, no fim, a chave de todos os exercícios propostos nos diferentes capítulos; traz, finalmente, um índice remissivo dos principais assuntos.

★

LIVROS DE QUE PEARL BUCK GOSTOU

Respondendo a um inquérito literário do "New York Herald Tribuna Book Review", a romancista Pearl Buck designou os seguintes, como livros de que ela gostou: "Dickens: His Caracter, Comedy And Career" — de Hesketh Pearson.
"Killers of the Dream" — de Lilian Smith.
"Mutual Aid" — de Alexander Kropotkin.

QUE LIVROS INFLUÍRAM NA SUA VOCAÇÃO LITERÁRIA ?

Resposta de Antônio Olinto: De DOSTOIEWSKY A KIERKEGARD

O poeta Antônio Olinto tem já apreciável atividade literária, pois foi o organizador de nossa primeira exposição de poesia, figurou no "Grupo Malram", teve poemas na antologia dos novos, de Araújo Jorge, e agora, após sua estréia, em fins de 1949, em "Presença", um dos mais fortes volumes de poesia do ano passado — é o responsável pela coluna literária de "O Globo".

Respondendo à nossa pergunta, Antônio Olinto declara que o primeiro livro a influir na sua formação literária foi "Humilhados e Ofendidos", de Dostoiewsky, lido aos doze anos. A seguir, sua vocação poética se decidiu com as leituras dos poetas Shelley, Francis Thompson, Rimbaud e Rilke. E o poeta de "Presença" faz questão de acrescentar à lista os filósofos: Aristóteles (Metafísica), Santo Tomás (De ente et essentia), Descartes (Meditações) e Kierkegaard (Conceito da Angústia).



Antônio Olinto



APESAR DOS SEUS 71 JANEIROS, O SR. ARTUR BERNARDES É UM DOS MAIS ATIVOS MILITANTES DA POLITICA NACIONAL. FOI TAMBÉM UM DOS ARTIFICES DO ACÔRDO INTER-PARTIDARIO E PESA NA BALANÇA

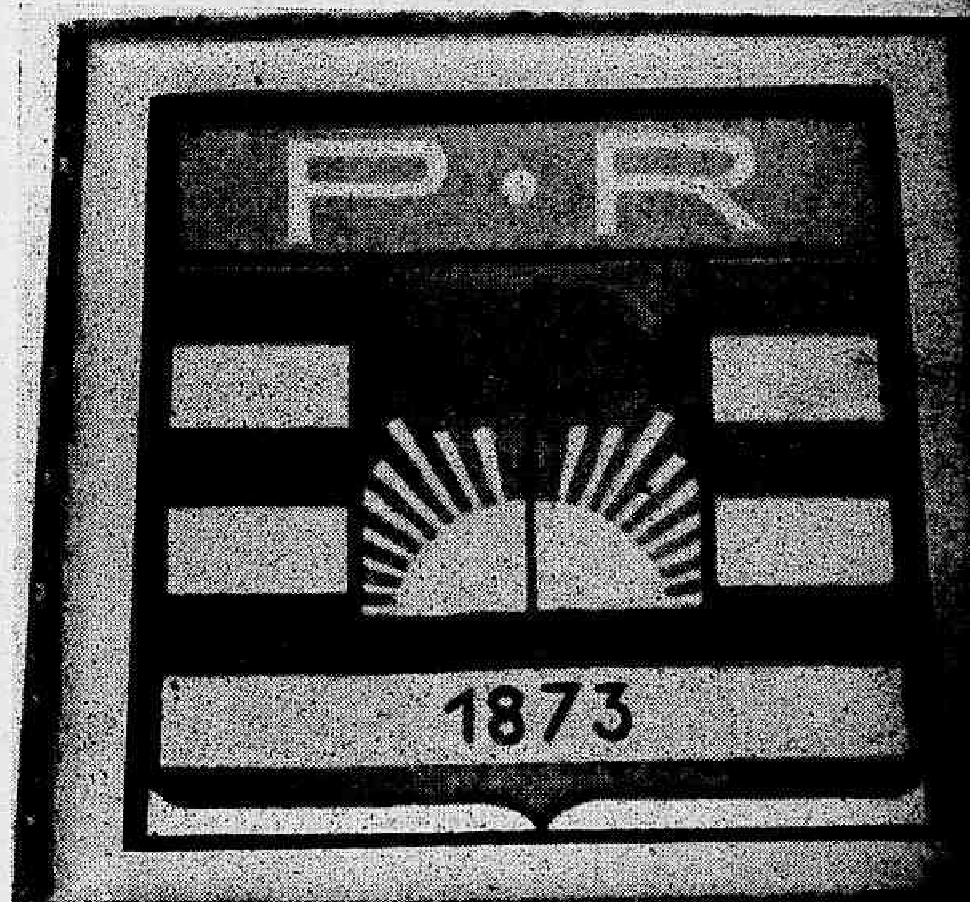


REUNIÃO
Em nossa visita à sede do PR, encontramos sua Comissão Executiva em reunião. De pé, o deputado Sales Neto, senador Durval Cruz, deputados Generoso Ponce, Tristão da Cunha e Lino Machado; sentados: deputados Mário Brant e Artur Bernardes e senador Atílio Vivacqua. O assunto: Sucessão. Procuravam examinar a posição dos republicanos

NO REDUTO DO "VELHO BERNARDES"

O Partido Republicano nasceu sob o signo da luta ★ Um brasileiro amarrado ao rabo de quatro cavalos bravios ★ Depois de vencer, governou mal o Brasil; hoje ressurge com um programa de moralização política, administrativa, do voto e dos costumes ★ Um jequitibá, como símbolo de longevidade e florescência, no escudo do partido ★ "Menos polícia e mais democracia para o nosso país" — brada Bernardes ★ Trampolinagem eleitoral no Maranhão? ★ O "velho" seria comunista ! ★ Os "republicanos" do Rio mudam de partido como se muda de camisa . . . ★ O Sr. Artur Bernardes deu uma rasteira nos "trusts" estrangeiros

Texto de JOÃO ALVARENGA



O SÍMBOLO
Um jequitibá figura no centro do escudo do partido, como símbolo de longevidade e florescência com que os republicanos o fundaram em 1873. E o partido resiste

OLHANDO para o passado vemos um quadro terrível: amarrado pelas pernas e pelos braços ao rabo de quatro cavalos bravios, um homem robusto é estraçalhado sob os olhares impassíveis de seus carrascos. Quem era êle? Qual fôra o seu crime? Por que uma vingança tão torpe?

Êsse homem era um brasileiro de brio, Felipe dos Santos. Seu crime: tentar libertar a sua terra. O fato



O IRMÃO
O sr. Olegário Bernardes, irmão do ex-presidente da República, é o chefe do partido no Estado do Rio. Vemo-lo na gravura acima, ladeado pelos srs. Sales Neto e Mário Brant

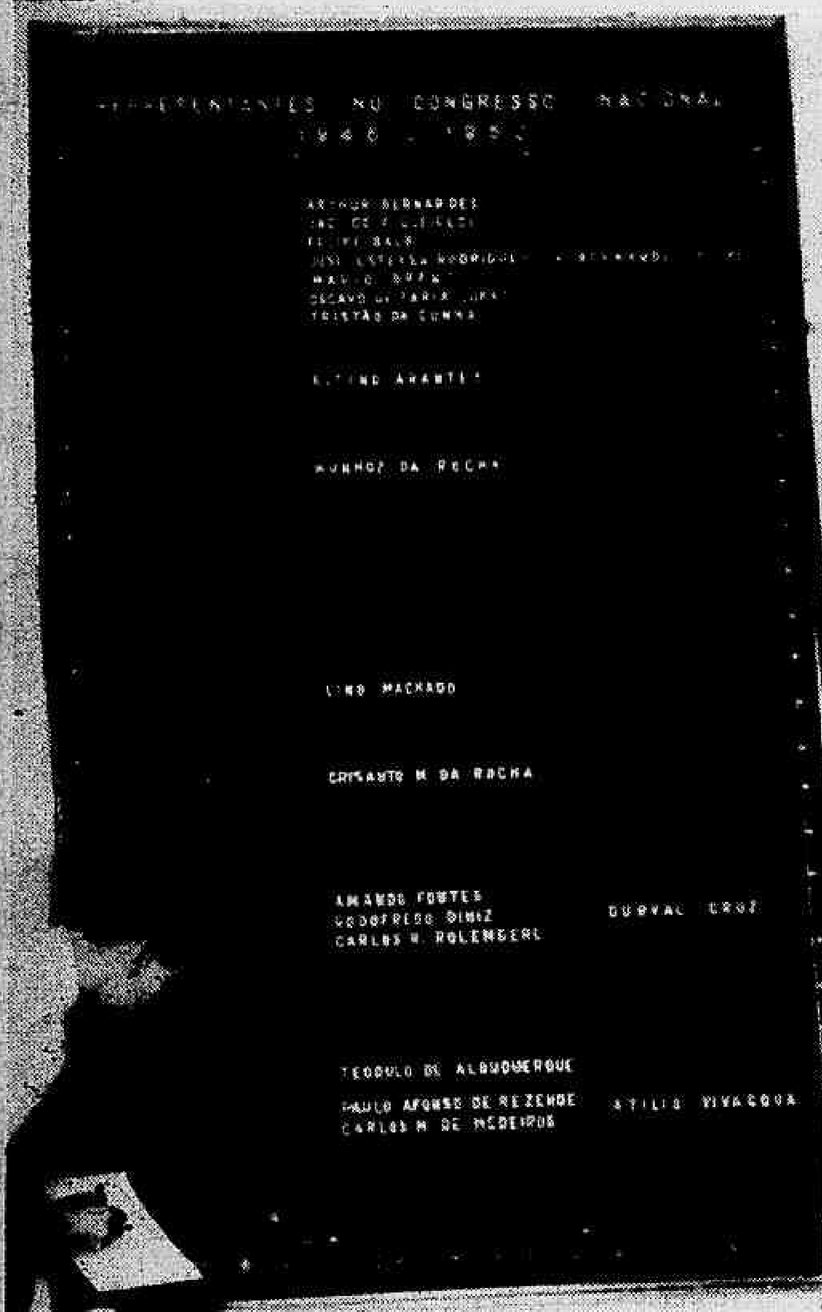


HORA DO CAFE'
Para as longas considerações políticas nada melhor que um cafèzinho; acalma os nervos para os debates. O sr. Melquíades da Rocha e seus companheiros também pensam assim



SAGRAMOR

Sentada à frente do microfone da Rádio Globo, nem parece a vereadora movimentada que é. Foi eleita pelo partido mas o abandonou passando-se para o P.T.B



QUADRO DE HONRA

Na secretaria do Diretório Nacional do partido há um quadro negro com a relação completa de seus representantes federais: dezessete deputados e três senadores



LINO MACHADO

Chefe do PR maranhense, coronel-médico do Exército, o sr. Lino Machado é um deputado de atitudes definidas. No seu Estado, tem enfrentado o sr. Vitorino Freire



OS "BIGS" **Êste flagrante dispensa legenda. Mas nem todos podem identificar os maiorais republicanos, embora diariamente os jornais comentem suas atividades na Câmara e no Senado, nos bastidores da política estadual e nacional. À esquerda, os deputados Melquíades da Rocha e Sales Neto, sr. Olegário Bernardes, deputados Mário Brant e Artur Bernardes, senadores Durval Cruz e Atílio Vivacqua, todos muito atentos à ordem do dia, como podemos observar pelos seus companheiros, à direita: Deputados Moreira da Rocha, Tristão da**

passou-se em 1720, tendo como cenário a pacata Vila Rica, terra de Minas Gerais. E a vingança foi o que se viu para que servisse de exemplo a todos os brasileiros: quem quer que ousasse se rebelar contra as autoridades portuguêsas, teria o mesmo fim. Felipe dos Santos assim morreu macabramente, mas o seu sangue, que as quatro bêstas se encarregaram de espalhar pelo solo brasileiro, germinou como o trigo em terra fértil. O Brasil ainda era menino, mas o sangue do nosso povo já corria em praça pública, na luta pela liberdade. Banir de Minas os representantes das côrtes lisboetas era o sonho do bravo Felipe dos Santos. "Tiradentes", outro grande herói, ainda em Minas, em 1789, teria, pelo mesmo motivo, o mesmo fim, embora em vez de cavalos os portuguêses usassem a fôrca. Mas, o ideal republicano não se continha. Novas revoltas rebentam em Pernambuco, em 1817 e 1824; vem depois a "Sabinada" na Bahia, e a "Guerra dos Farrapos" no Rio Grande do Sul. Era Felipe dos Santos que revivia. Foi para implantar no Brasil o seu ideal que surgiu, em pleno ano de 1873, o Partido Republicano. Nasceu, portanto, banhado em sangue, como em sangue sempre se banham os ideais mais viris.

★

Contrastando com UDN, PSD, PTB e assimilados, o Partido Republicano, como se vê, é uma herança do passado que o Brasil de hoje ainda conserva. Havia no Império, com Pedro I e Pedro II, dois partidos de grande projeção: o Liberal e o Conservador. Após os batismos de sangue que relembramos, terminada a Guerra do Paraguai, os republicanos perderam a cerimônia, saíram do "underground" em que geralmente viviam e deram início à sua propaganda ostensiva, começando então a atrair adeptos dentre os dois partidos monárquicos que se digladiavam pelo poder. E o P.R., antes mesmo do grito de 15 de novembro de 1889, que baniu do Brasil o segundo e derradeiro imperador, já conseguira eleger alguns dos seus líderes para o Parlamento, entre êles Prudente de Morais e Campos Sales, que mais tarde vieram a ser presidentes, e Francisco Bernardino de Campos. Foram os republicanos de então que, aliados aos militares positivistas capitaneados por Benjamin Constant, proclamaram a República, passando a governar o Brasil até a revolução de 1930. Cabe ao Partido Republicano, pois, as honras e as culpas do que no Brasil se verificou de bom e de mau, desde então.

Na verdade, quando em 1930, o sr. Getúlio Vargas marchou do Sul à frente das tropas que derrubaram o presidente Washington Luis, o Partido Republicano não trilhava um bom caminho; o Brasil estava transformado numa senzala política, onde os mais politiqueiros levavam a vantagem, a imoralidade administrativa campeava por tôda parte e o voto era quase sempre violado.

★

O P.R., porém, perseguido, passou a viver na clandestinidade, como nos tempos perigosos do passado. Foi o responsável pela Revolução Constitucionalista de Minas e São Paulo, em 1932, quando, depois da boa lição que lhes deram os revolucionários sulinos protestavam contra a onda de discricionarismo que começava a tomar conta do país. Os srs. Artur Bernardes, Mário Brant, Altino Arantes, Cirilo Jr. (o mesmo Cirilo Jr. do PSD de hoje) e outros de seus chefes paulistas e montanheses, tiveram o mesmo destino pelo fracasso: foram exilados na Europa, ou na América do Norte, fazendo companhia a Washington Luis, Júlio Prestes e Otávio Mangabeira (o Otávio Mangabeira da UDN), que por lá já se encontravam. A revolução constitucionalisto teve, porém, os seus bons efeitos, pois o sr. Getúlio Vargas, presidente provisório, tratou logo de legalizar a situação, vindo a



Cunha, Lino Machado, Amando Fontes, Lopes de Assis, Teódulo de Albuquerque e Godofredo Diniz. A Comissão Executiva do Partido Republicano está quase tôda reunida. Poucos membros faltaram, entre os quais o senador Artur Bernardes Filho, que nesse dia havia subido para Petrópolis. A reunião foi secreta, mas um dos dirigentes perrepistas nos informou que o assunto debatido havia sido o problema da successão presidencial, exposto pelo sr. Artur Bernardes, que fêz considerações em tôrno das últimas ocorrências do cenário político nacional

Constituição de 1934, e no Parlamento dessa época, o P.R. ressurgiu com uma boa representação, tanto na Câmara como no Senado. Com a implantação do "Estado Novo", em 37, mais uma vez o partido foi jogado na ilegalidade, junto com os demais. Os seus elementos mais combativos, no entanto, participavam dos núcleos de resistência democrática, nos quais se aglutinavam todos os inimigos da Ditadura. Êsses núcleos se encontravam principalmente em São Paulo, Minas, Rio de Janeiro, Estado do Rio, Paraná e Maranhão. Com a volta das franquias democráticas, em 1945, os republicanos permaneceram reunidos aos demais combatentes do "Estado Novo", constituindo a União Democrática Nacional, que não surgiu como um partido, mas, sim, uma coligação de todos os democratas que vinham lutando clandestinamente.

★

O P.R. votou com o brigadeiro Eduardo Gomes. Mas já estava separado da UDN. O seu ressurgimento como partido autônomo se deve, mais uma vez, ao sr. Artur Bernardes. Neste particular não se pode deixar de falar sôbre um fato curioso da vida do partido. Durante a convenção de 1873, que se realizou na residência do sr. Carlos Vasconcelos de Almeida Prado, em Itu, foi plantado um jequitibá, como símbolo de vitalidade. Os republicanos de então foram buscar na flora brasileira uma espécie que bem simbolizava o seu idealismo, pois o jequitibá é uma árvore das que mais resistem à ação do tempo e às intempéries. A árvore plantada em 1873 até hoje lá está zelosamente tratada, e a residência do sr. C. V. de Almeida Prado foi transformada num "Museu Republicano" de que os paulistas muito se orgulham. Em tôrno do sr. Bernardes logo formaram os mais prestigiosos republicanos de Minas, S. Paulo, Paraná, Bahia, Espírito Santo, Sergipe e Maranhão Estados onde o partido atualmente tem os seus núcleos mais fortes; e rememorando os tempos difíceis da mocidade partidária, os republicanos, na convenção nacional de Belo Horizonte, em meados de outubro de 1948, para reorganização do partido e aprovação dos seus estatutos e programas definitivos, repetindo o gesto dos convencionais bandeirantes de quase um século atrás, plantaram outro jequitibá. Um jequitibá, aliás, figura no escudo do P. R.

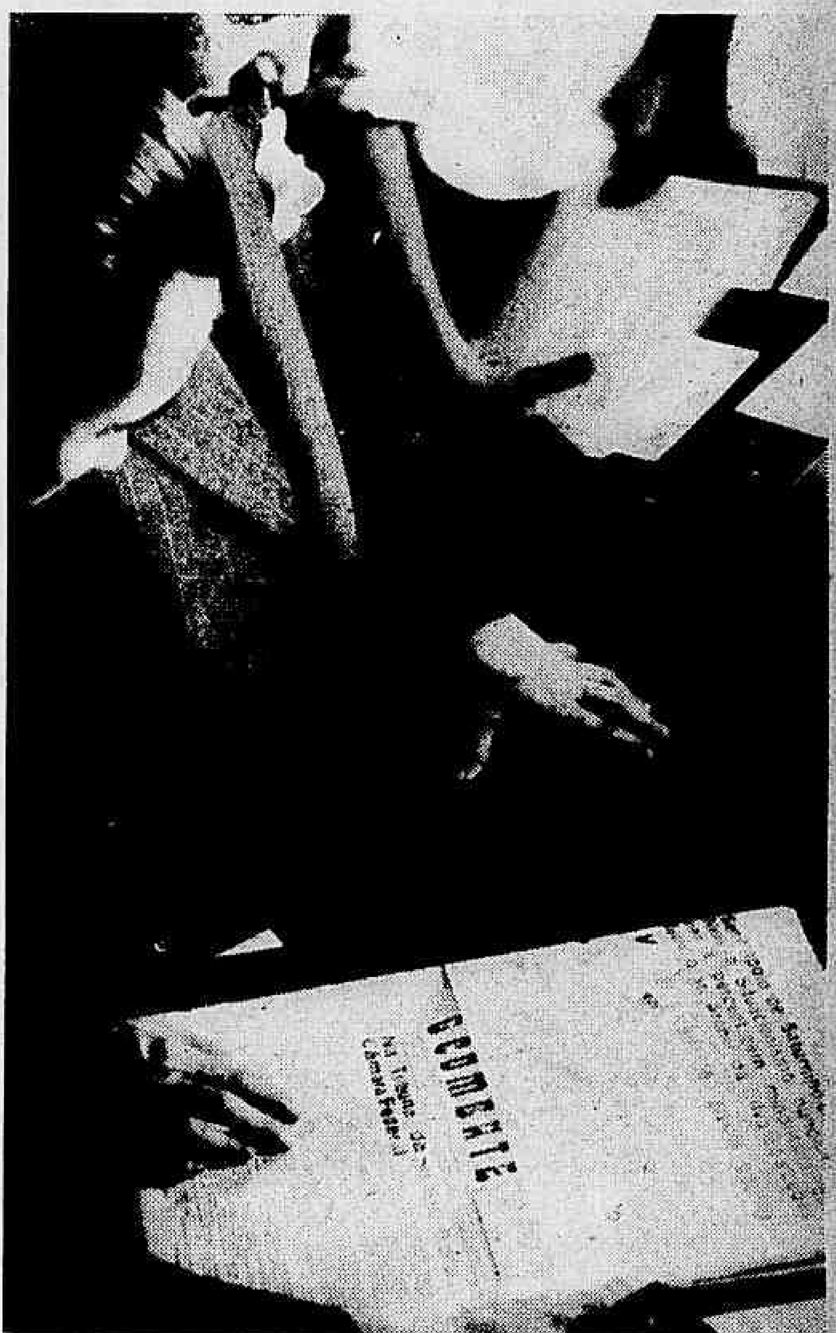
★

O Diretório Nacional do partido funciona na Av. Antônio Carlos, 201, 2º andar, na Esplanada, em três amplas salas pelas quais paga a mensalidade de Cr$ 1.740,00. Não há mistérios na secretaria do partido. Com presteza nos foram apresentados todos os elementos que solicitamos, inclusive os dados que em outros partidos, por pedi-los, fomos considerados indiscretos... Tudo ali está bem disposto, há organização; por um simples olhar às fichas dos seus arquivos em menos de um minuto se pode obter qualquer informação sôbre o partido, seja o nome de um prefeito lá do interior ou de um deputado estadual qualquer, ou mesmo a receita de cada Diretório Municipal do partido. O sr. Felisberto Caldeira Brant, diretor da secretaria, entre outras coisas nos informou que diàriamente o presidente Bernardes assina nada menos de 80 a 100 cartas para os correligionários de todo o país. O "velho Bernardes" — como os próprios perrepistas se referem ao seu chefe — além disso, e apesar da sua avançada idade (71 anos) e das suas atividades parlamentares (êle comparece todos os dias às sessões da Câmara), diàriamente concede audiência a qualquer republicano que o procure, e não são poucos os que lhe vão pedir um conselho político. E' também o sr. Artur Bernardes um dos signatários do falado "Acôrdo Inter-Partidário" (PSD-UDN-PR) e nos



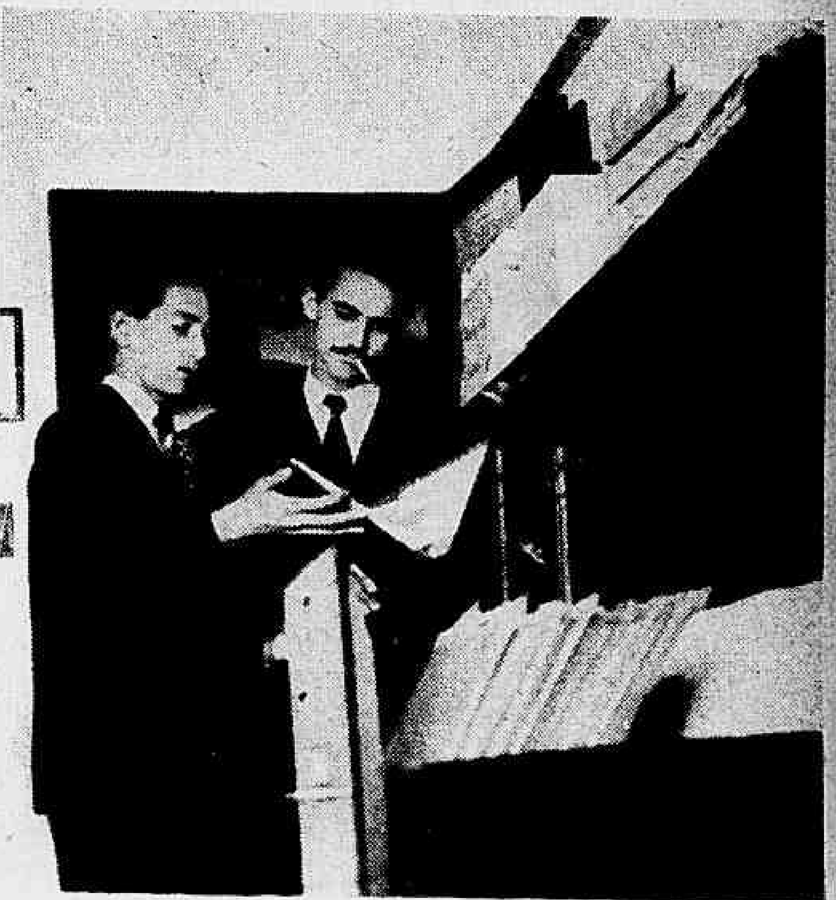
O EX-PRESIDENTE

A figura do sr. Artur Bernardes a todos sobreleva no mais antigo partido político do país. Na parede da sala presidencial, o mapa de Minas sua terra e baluarte



"O COMBATE"

Um jornalzinho de quatro páginas, "O Combate" é um espinho na garganta do sr. Vitorino Freire. Seu diretor, o sr. Lino Machado, mostra um exemplar ao reporter



OS ARQUIVOS

Não há segredos na secretaria do PR. Tudo que o reporter quis ver lhe foi mostrado, tudo foi perguntado e respondido. Os estatutos são exemplares nesse particular



SENADOR DURVAL CRUZ

Palestrando com o sr. Artur Bernardes, vê-se o senador Durval Cruz o qual foi eleito pelo Partido Republicano de Sergipe, um dos menores Estados da Federação, mas onde o PR desfruta uma excepcional situação de prestígio



OS DOIS PRESIDENTES

O presidente Eurico Dutra ouve sempre com atenção a palavra experimentada do sr. Artur Bernardes. Foi por sua interferência que uma duvidosa expedição científica francesa, recentemente, não pôde vasculhar a Amazônia, como pretendia fazer. E não veio ao Brasil



MATOGROSSENSE

Mato Grosso deu ao PR um deputado, o sr. Generoso Ponce, antigo cinematografista, que vemos ao lado do sr. Artur Bernardes. Os perrepistas esperam conseguir maior representação naquele Estado, no pleito de 3 de outubro

últimos meses figura entre os políticos mais ouvidos sôbre o problema da sucessão, pela imprensa, pelos homens do govêrno e de todos os partidos.

Tendo feito 17 deputados federais e três senadores nas últimas eleições, a receita do P.R., comparada à do PSD ou mesmo à da UDN, não é muito significativa. Enquanto o PSD, por exemplo, arrecada a média mensal de 50.000 cruzeiros, os cofres perrepistas não vêem mais que uns 12.000. Cada deputado e senador contribui com 500 cruzeiros mensais, inclusive o sr. Artur Bernardes. Nos Estados, os seus representantes contribuem na base de 5% dos subsídios, conforme os regulamentos estatutários do patido, dinheiro todo êle consumido nas despesas de pagamento de aluguel de sedes e encargos de secretaria. No tocante à escrita, os estatutos do P.R. são severos: "Todos os órgãos do partido deverão manter escrita em forma regular, com assentamentos em ordem cronológica e sem rasuras, discriminando as importâncias recebidas, a sua origem e a aplicação dos recursos arrecadados" — frizam — e o Diretório Nacional perrepista finaliza rigorosamente o cumprimento dessa lei interna. Um bom exemplo para os demais partidos!

★

O P.R. se estende por 16 Estados do país: Minas, S. Paulo, Rio Grande do Sul, Alagoas, Sergipe, Paraíba, Goiaz, Paraná, Mato Grosso, Amazonas, Ceará, Estado do Rio, Maranhão, Pernambuco, Bahia e Espírito Santo, e ainda o Distrito Federal. Os seus Diretórios estaduais são autônomos, respeitados os itens do seu programa e estatutos. A linha política do partido, no âmbito na-



P. R. DO DISTRITO

**Distrito Federal. Nesta capital, os perrepistas, que consetado Teódulo de Albuquerque, e o presidente da Seção do
O sr. Mário Barbosa, que vemos conversando com o depuguiram eleger cinco vereadores, estão organizados em trinta
e seis sub-seções. Nem tôdas, porém, estão funcionando, apesar dos esforços empregados pelos dirigentes locais**



OS PRINCÍPIOS

"Justiça, Liberdade e Confiança" — diz o cartaz do partido, que, "no Império lutou pela República, e na República luta pela Democracia". Ao centro, o jequitibá



O ROMANCISTA
Dentre os representantes do PR na Câmara Federal figura o escritor Amando Fontes, autor de "Os Corumbas", que é um dos mais falados representantes do partido



NA SECRETARIA
Tudo em perfeita ordem e nenhum impedimento criado para que o repórter desse conta da sua missão. Ao alto, uma reminiscência da memorável campanha de 1945, quando o PR foi solidário com a candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes. Em baixo, a secretaria, em pleno funcionamento. Mapas, estatísticas, papéis, e alguns preparativos...

cional, é traçada pela Convenção do partido, superiormente, e pelo seu Diretório Nacional, logo abaixo.

Embora conte com quase um século de existência, o P.R. sòmente em 1945, devido à lei eleitoral baixada na ocasião, se organizou em partido nacional. Durante tôda a República, o partido funcionou sem unidade de ação política e muito menos administrativa, embora sempre fôsse govêrno federal ou estadual. O P.R. ou melhor, foi o republicano Campos Sales que, quando subiu à presidência, lançou a malfadada "política dos governadores", que tantos males causou à moralidade política de nosso país. Os republicanos o defendem dizendo que não havendo no tempo partidos políticos de âmbito nacional, para melhor governar, o presidente tinha que manter direto entendimento político e administrativo com os governadores... Mas, na realidade, a "política dos governadores" não passava de uma maneira do govêrno manter ou colocar no poder os elementos que bem entendesse por intermédio das comissões parlamentares de cinco membros, aos quais cabia julgar da validade ou não dos diplomas dos eleitos. Como, pràticamente, quem nomeava essas comissões era o govêrno, sòmente agora, em 1945, o povo brasileiro viu um pleito honesto... Até 1930, o Partido Republicano Mineiro, Republicano Paulista e outros pê-erres daqui e dacolá, eram os donos do nosso tabuleiro político, movendo os piões ao seu bel-prazer.

★

O P.R. elegeu senadores os srs. Artur Bernardes Filho, de Minas; Durval Cruz, de Sergipe; e Atílio Vivacqua,

(Cont. na pág. 48)



SRA. MERCÊDES DANTAS
Vereadora e 2.º vice-presidente do Partido no Distrito Federal, a professora, Mercêdes Dantas é um nome à altura do PR na Câmara Municipal, onde atua com brilho



ESTRIBILHOS

Em vésperas de Carnaval todos cantam e quase sempre os estribilhos mais disparatados.

Tive amigo, tive nota
e uma mulher
que me quis...

CE'GO

Eu já vi tudo
Eu já vi tudo
Não precisa me mostrar...

Mamãe! Mamãe!
Eu quero me casar!

Todo mundo quer saber
o que eu faço pra
conquistar um coração...

Daqui não saio!
Daqui ninguém me tira!

OS 70 ANOS DE ETHEL BARRYMORE

HOLLYWOOD, janeiro (Por V. Keller, especial para a REVISTA DA SEMANA) — A família Barrymore, nome de vinculadas tradições ao teatro e ao cinema norte-americanos, esteve em festas recentemente com o natalício da velha Ethel. E podemos dizer — velha — sem que ela venha a sentir-se melindrada ao ler estas linhas, pois a consagrada atriz é a primeira a se ofender quando alguém, tentando lisonjeá-la, insiste em dizer-lhe que "ainda não é tão velha assim". Ethel Barrymore, cujo septuagésimo aniversário foi um agradável pretêxto para que a Metro-Goldwyn-Mayer lhe rendesse justas e excepcionais homenagens, orgulha-se da idade como do seu passado artístico. De todos os pontos do país recebeu mensagens de congratulações, e acreditamos que todos os cidadãos norte-americanos de algum modo, mesmo espiritualmente, mostraram-se solidários com essas festividades. Spencer Tracy, Katherine Hepburn, Judy Garland, Billie Burke e um sem número de atores e atrizes, foram convidados de honra na ceia oferecida em Culver City, nos estúdios da companhia à qual a aniversariante está prêsa sob contrato, de longa data. E o sr. Louis B. Mayer, presidente da Metro, fêz questão de ser o anfitrião das solenidades, brindando a ilustre artista com um bonito bôlo. Lionel Barrymore, irmão de Ethel, teve ensejo de aludir à data, evocando os parentes já desaparecidos, e principalmente a figura sempre legendária de John Barrymore, porque a "trindade bendita" de Hollywood, por muito tempo, foi constituida por John, Ethel e Lionel. Houve momentos de forte emoção, quando os presentes lembraram passagens do início da carreira de Ethel, que apenas usou da palavra para dirigir alguns conselhos aos artistas da nova geração, aos quais aconselhou o máximo de perseverança no caminho da arte e "uma eterna e risonha esperança de atingirem o grau mais alto de estima do público, atributo que nenhum artista pode desprezar". Os jornais e revistas deram ao natalício de Ethel Barrymore, o merecido relêvo e muitos assinalaram a grata efeméride como a de um legítimo acontecimento norte-americano. Pelo menos no setor cinematográfico.





ETHEL

A mais recente pôse de Ethel Barrymore. Ao lado, um flagrante da cerimônia do bôlo, vendo-se a aniversariante e o Sr Louis B. Mayer, presidente da MGM



APRESENTAÇÃO

o banquete de homenagem a Ethel Barrymore, o diretor George Cukor apresenta Miss Amanda, sua cachorrinha, à "estrêla" Judy Garland — que parece estar engordando...



VELHOS AMIGOS

Billie Burk, habitual intérprete de senhoras que não têm o juizo muito certo, escuta a última anedota de Spencer Tracy e parece estar gostando. O ator é homem de espirito



QUE AMOR!

E' o que parece estar dizendo Katharine Hepburn, tendo ao colo Miss Amanda, a cachorrinha de Cukor, e Vicente Minelli ex-marido de Juddy Garland, faz uma gracinha



EM FAMÍLIA

aniversariante ladeada por Billie Burke e Constance Collier, vendo-se à esquerda Kate epburn. De pé, George Cukor e Samuel Colt, filho de Ethel, e seu grande amigo



GRANDE QUARTETO

Ethel está feliz, porque além de Louis B. Mayer, tem a seu lado John Barrymore J., e seu filho Samuel Colt. Pena faltar na festa aquêle delicioso maluco que foi John Senior



COM O DESENHISTA
Orry-Kelley, que palestra com Judy Garland, é um famoso desenhista de figurinos em Hollywood. Nenhuma "estrêla" despreza os galanteios do homem que a sabe vestir...



UM CAVALHEIRO
Spencer Tracy foi um convidado ilustre nesse "party", incumbindo-se de animar a palestra com as outras figuras. Aqui i vemos, todo atenções para a linda Laura Hardy



OS TRÊS VELHOTES
Ethel Barrymore, ainda bonitona., Louis B. Mayer, presidente da MGM e Lionel Barrymore, irmão da aniversariante. Quantas recordações pitorescas nessa grande noite!



RETRATO DE MULHER
Entre as lembranças oferecidas a Miss Ethel., figurava um bonito quadro que reprodu fielmente o modêlo, aí apreciado por Katharine Hepburn, Judy Garland e Billie Burk



O BANQUETE
Foi distinguido com a presença das mais proeminentes figuras da direção da MGM e presidido por Louis B. Mayer. Artistas, diretores, jornalistas e outras pessoas gradas

IMPULSOS DO CORAÇÃO

Conclusão do número anterior

APESAR de meu [illegible] as "gaffes" cometidas por Frederique [illegible] por tudo [illegible] isso ia em crescendo [illegible] impressão de que [illegible] medo de assim continuar. [illegible] se complicaram seriamente.

Com o concurso de todos os [illegible] de Paris, achei útil organizar um grande programa de publicidade em homenagem aos Estados Unidos. [illegible] da [illegible] da América [illegible] muito importante [illegible] industriais [illegible] o Duque de [illegible] um dos principais [illegible] convidei o Duque para [illegible] em nosso [illegible] de sua partida. [illegible] Huguette para [illegible] o equilíbrio.

A fim de prevenir qualquer [illegible] a minha mulher que quando se dirigisse ao nosso hóspede tratasse de [illegible] "Monsieur le Duc". Isso era um tratamento distinto e imprescindível. Mas quando passamos todos à mesa de jantar [illegible] que minha esposa lhe [illegible] e sua direita [illegible] com [illegible] "Se o senhor Duque fizer questão..."

Huguette não suportou um tal [illegible] Courtenais [illegible] sem [illegible] por [illegible]. Profundamente indignado, dirigi a Frederique um olhar [illegible] e lhe fiz compreender que ela se conservasse calada enquanto conversávamos. Eu desejava evitar outros inconvenientes. O Duque, porém, homem social como [illegible] continuou a dirigir-se à minha mulher. Frederique [illegible] limitou-se a lhe responder por monossílabos [illegible] de cometer outra "gaffe" e se [illegible] mais. Não suportando o seu estado de [illegible] ao lhe ser passado o salada, ela [illegible] em lágrimas.

Deixei estar a cem quilômetros daquele [illegible]. O Duque procurou um pretexto qualquer para apressar o sobremesa, chegando mesmo a dizer que não podia demorar-se mais em face de um encontro àquela hora. Quanto ao estado de minha esposa, alegou que isso era muito comum nas mulheres sensíveis nesses meses de moto, bastante influentes nas pessoas nervosas...

— Mas... Frederique! — bradei-lhe quando voltamos a ficar a sós. — Como é possível que faça você um papel dêsses em ocasião tão pouco oportuna?...

Huguette se meteu na conversa. Censurou a maneira pouco decente com que Frederique se dirigiu ao nobre. Isso não lhe teria sucedido, mesmo que ela estivesse nos paroxismos do confusão.

Frederique retrucou:

— Eu te detesto, Huguette! Passas todo o tempo junto de Xavier a citar as minhas falhas sociais, a minha ignorância, a humilhar-me!

Frederique! — gritei-lhe.

— Minha pobre amiga — continuou Huguette — eu apenas procurei esforçar-me para corrigi-la, mas esta elenaç excede minhas fôrças. Você faria bem em confiar a educação de meu afilhado a uma boa ama a fim de não prejudicá-lo no futuro...

— Seu afilhado é, antes de tudo, meu filho! Espere primeiro ter filhos para depois dar-me dêsses conselhos.

— Frederique! — tornei colérico. — Quer ver se se cala?...

— Vejo, Xavier — prosseguiu Huguette — que sua mulher já não se domina e não pode ouvir a ninguém mais...

— Deixe em paz o meu marido! Creio que eu já não vi claramente nesse seu jôgo? Você me humilha a seus olhos, a fim de subir em seu conceito. Você jamais o perdoaria por ter-me preferido a você, e não seria difícil vingar-se dêle tornando-se sua amante!

A êste momento já eu não suportava mais e, num impulso, ergui o braço e vibrei um sôco na bôca de minha mulher.

O estado de exaltação em que fiquei era tal que, bem me recordo ainda, durante a noite não consegui conciliar

[illegible] e de [illegible] mulher [illegible] Esperei em [illegible] que nunca mulher [illegible] de meu [illegible] que [illegible] impressão de [illegible]

[illegible]

Recordei [illegible] de Elsa. [illegible] Frederique [illegible]

[illegible]

Nos dias que se seguiram eu cheguei à convicção de que Frederique estava também pensando do mesmo modo. Ela declinou de tudo e qualquer convite da vida

social, alegando saúde abalada, o que também nos proibiu de receber visitas. Quanto a Huguette, ela também não apareceu mais, nem mesmo na rua de Courcelles. Tôdas as cautelas eram poucas para evitar riscos de fricção moral quanto a mim e a minha esposa, se nossa vida conjugal continuava a parecer normal e serena aos olhos do mundo, em verdade nunca mais houve intimidade entre nós.

Entreguei-a a mim mesmo, passei a frequentar a companhia de amigos um tanto boêmios dos velhos tempos de quando era eu solteiro e procurei encontrar-me com Huguette em casa dêles. Ela se comportou com muita digni-

[illegible] Huguette [illegible] com [illegible]

Eu [illegible] muito [illegible]

— Que é uma [illegible]

[illegible] Frederique [illegible]

[illegible]

[illegible] Marrocos [illegible] Frederique [illegible]

[illegible] Huguette...

Nós continuávamos a nos ver de quando em quando e eu sempre pensava o que deveria ter sido nossa vida se eu a houvesse desposado em lugar de Frederique.

Uma tarde, quando eu havia pretextado jantar fora com alguns colegas de negócios, mas, em verdade, para encontrar-me com Huguette em um pequeno restaurante do cais em que serviam carne suculenta, notei que o sorriso de Huguette denunciava certa euforia, correspondendo justamente ao sentimento que me ia na alma. Todo aquêle bem-estar aumentava com o contacto de seu corpo junto ao meu, sentados um ao lado do outro. Após tomarmos alguns licores, voltamos ao meu carro e eu o conduzi, ao lado de Huguette, até a um lugar quieto e sombrio do cais de Bourbon, como se procurasse um cúmplice. Ali parados, sob o calor da amizade e das bebidas, beijei-lhe a bôca, freneticamente apaixonadamente, sem que ela opusesse o menor obstáculo.

— Huguette... — murmurei — Poderíamos ser muito felizes se você quisesse...

— Isso seria dar razão a Frederique quando me acusou de querer tornar-me sua amante.

Lembrei-me de tudo e não pude deixar de dar razão a Huguette.

— Huguette, se eu divorciar-me você consente em ser minha esposa?

— Se você divorciar-se, Xavier? Mas...

— Sim, conheço tôdas as objeções: mas o que desejo saber é se você consentiria em desposar um divorciado.

— Se êsse divorciado é você... sim!

— Agora Huguette estou certo de que seremos felizes... — Disse eu apertando-a contra mim.

Naquela noite, ao retornar ao meu lar, fui sentar-me junto ao leito de Hugues, cujo dormitório estava

sempre muito bem pôsto e arrumado com delicadeza e arte. À vista de meu filho eu me sentia outro. Eu estava cada vez mais certo de que Frederique, apesar de tudo, tinha-se revelado sempre a mais perfeita das mães e que eu, por isso, não podia exigir que ela perdesse o direito de continuar com o filho. Seria eu então que teria de renunciar a êle? Iria deixar de assistir ao seu crescimento? Perderia eu êsse inefável prazer de pai?

Estava eu a refletir em tudo isto quando a porta se abre. Frederique aparece como uma sílfide, com seu longo vestido de noite e seus belos cabelos esparsos.

(Cont. no próximo número)

NOVELA DE **M. GERARD** TRAD. DE **RENATO DE ALENCAR**



ESCOLHA A SUA FANTASIA

ALÉM dos figurinos especialmente criados para as nossas leitoras por Orlando Matos, que publicamos mais adiante, aqui estão vários modelos sugeridos por alguns filmes cinematográficos da última temporada. Ao alto, um grupo de "cow-girls", útimo tipo, de largos "sombreros" e saias rodadas, boleros e jalecos de grande e vistoso efeito. Em baixo, à esquerda, aquela famosa cena do bailado de "O Pirata", com Gene Kelly — e à direita, ainda do mesmo filme, o referido intérprete e Judy Garland mostram como se pode sair de Chicharrão, com exotismo e muita graça. Talvez um pouco quentes, mas sugestivas, pitorescas e deveras apropriadas, são tôdas essas fantasias.







MAIS sugestões que nos dão os filmes de Hollywood. Ao alto, um grupo de odaliscas estilizadas, que se apresentam com "aplomb" e mais parecendo terem sido fotografadas ao entrar em um dos bailes carnavalescos cariocas. Mas convém não ir ao baile de pés nus... — Em baixo, à esquerda, Virginia Grey mostra-nos uma graciosa roupagem de toureiro, muito apropriada quando se anuncia a volta das corridas tauromáticas no Rio, êste ano; ao centro, outra variante de Gene Kelly em "O Pirata" (que tal, "bonitões" de Copacabana!), e à direita, Jean Simmons em Cigana, com uma florzinha artificial no canto do nariz. — Na página ao lado, Hedy Lamarr com os trajes em que vamos vê-la fazendo a protagonista do filme bíblico de De Mille, "Samsão e Dalila", outra fantasia de gala rica e de extraordinário efeito.





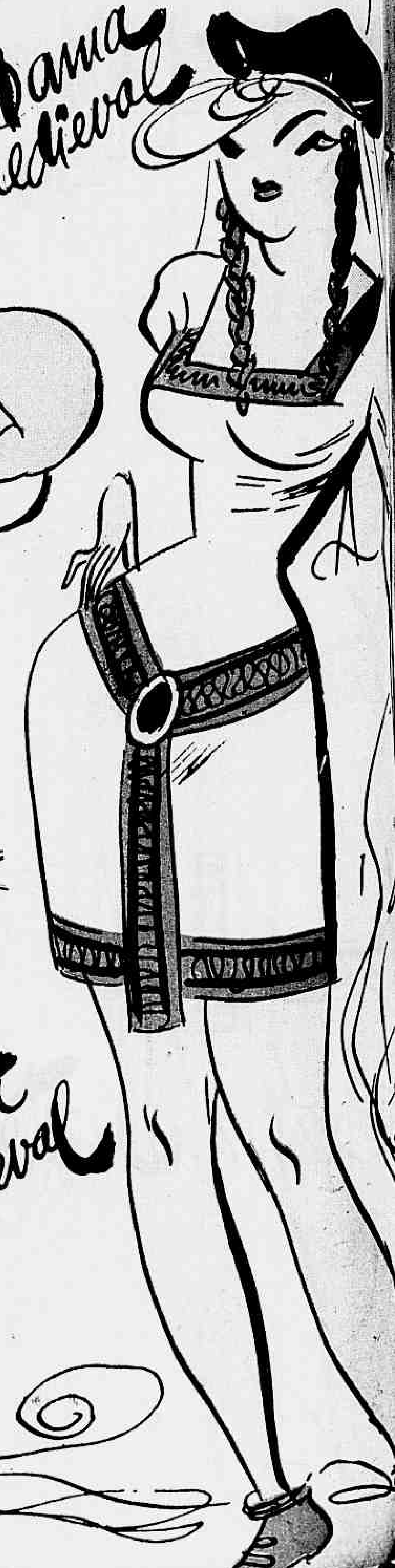




AS leitoras da **REVISTA DA SEMANA** vão ter muito onde escolher, na solução do magno problema da fantasia para o seu baile carnavalesco. Nestas páginas oferecemos um sugestivo desfile de modelos, que Orlando Mattos desenhou com apuro e rara inspiração: Dama Medieval — Macbeth — Pirata Medieval — Brotinho — Balzaqueana — Javanesa — Vendedor d'Água — Martinica — Muçulmana — Escocesa — Pinguim — General da Banda — Casca de Arroz — e ainda outros figurinos inspirados em personagens dos filmes cinematográficos de maior repercussão na última temporada, estão às ordens das leitoras folionas. Quer sejam feitas em tecidos leves, para uso transitório dos três dias do reinado de Momo, ou confeccionados com material de melhor classe para os bailes de gala, tôdas essas fantasias estão ideadas de modo a provocar sensação. A escolha dos tons fica entregue ao bom gôsto das interessadas, mas convém sempre recomendar uma seleção de côres vistosas, formando contrastes bem marcantes.



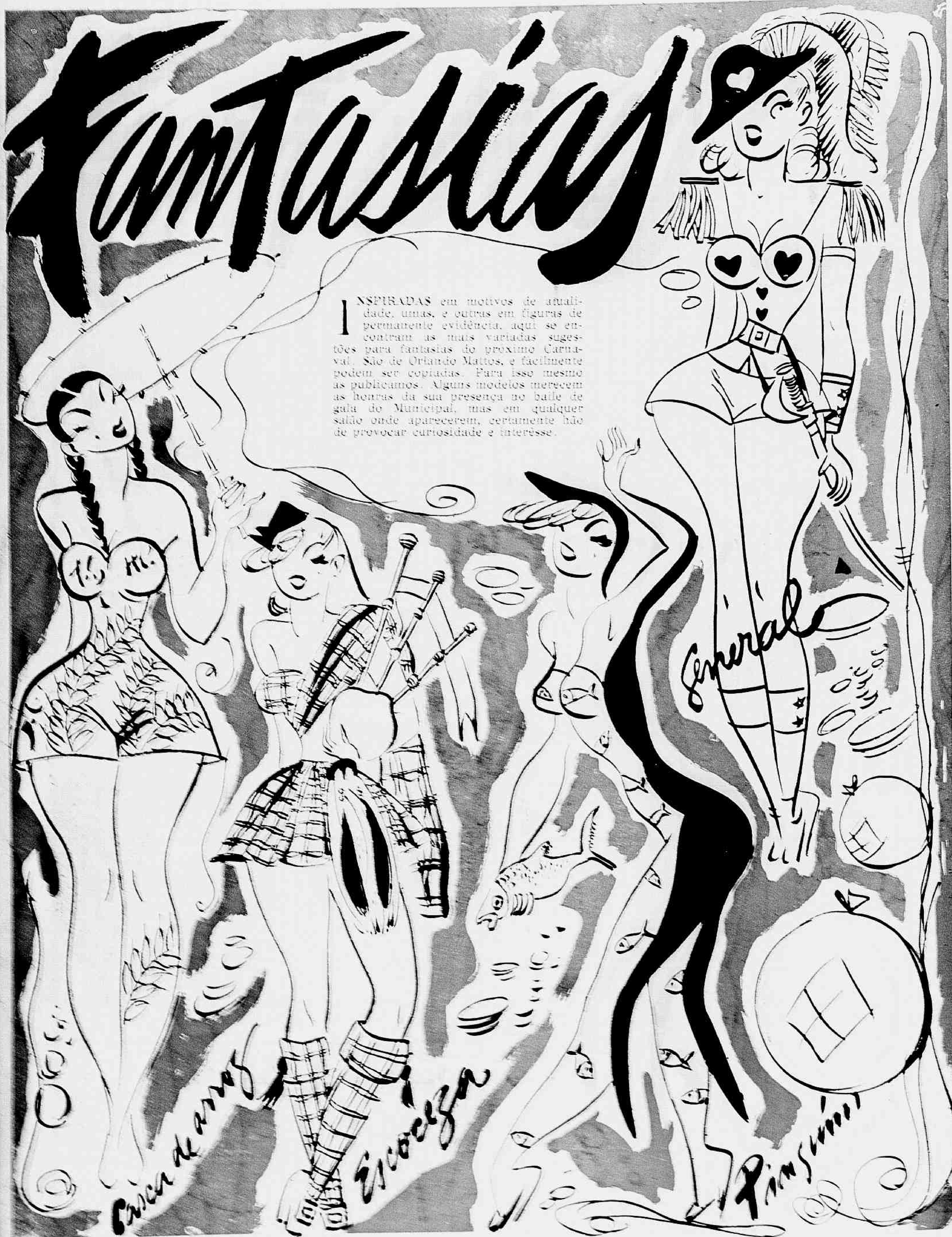




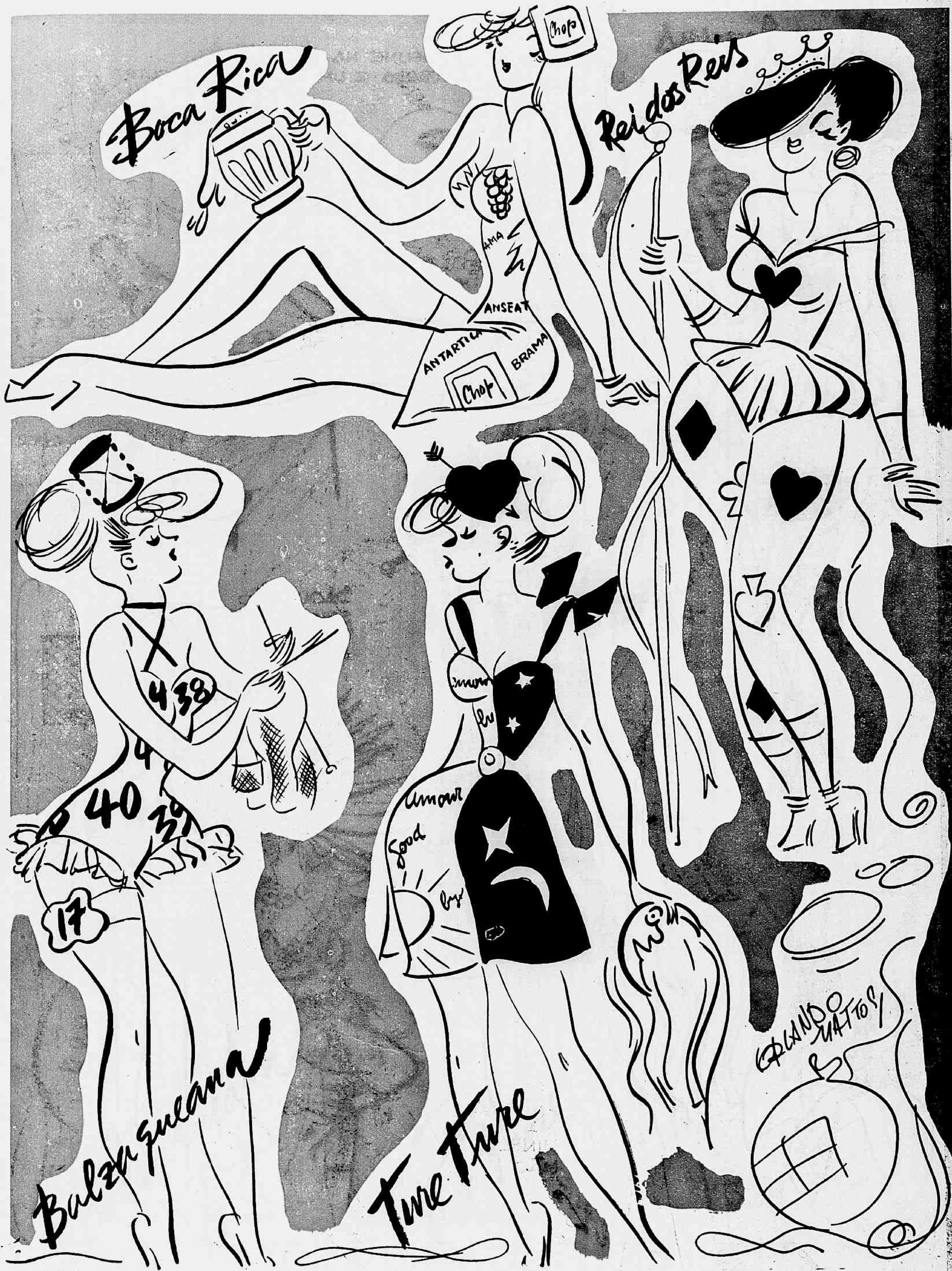
ORLANDO MATTOS



musulmano
Gurka
Vendedor d'água
martinica
Rumena do cantaro
Javane



INSPIRADAS em motivos de atualidade, umas, e outras em figuras de permanente evidência, aqui se encontram as mais variadas sugestões para fantasias do próximo Carnaval. São de Orlando Mattos, e facilmente podem ser copiadas. Para isso mesmo as publicamos. Alguns modelos merecem as honras da sua presença no baile de gala do Municipal, mas em qualquer salão onde aparecerem, certamente hão de provocar curiosidade e interêsse.



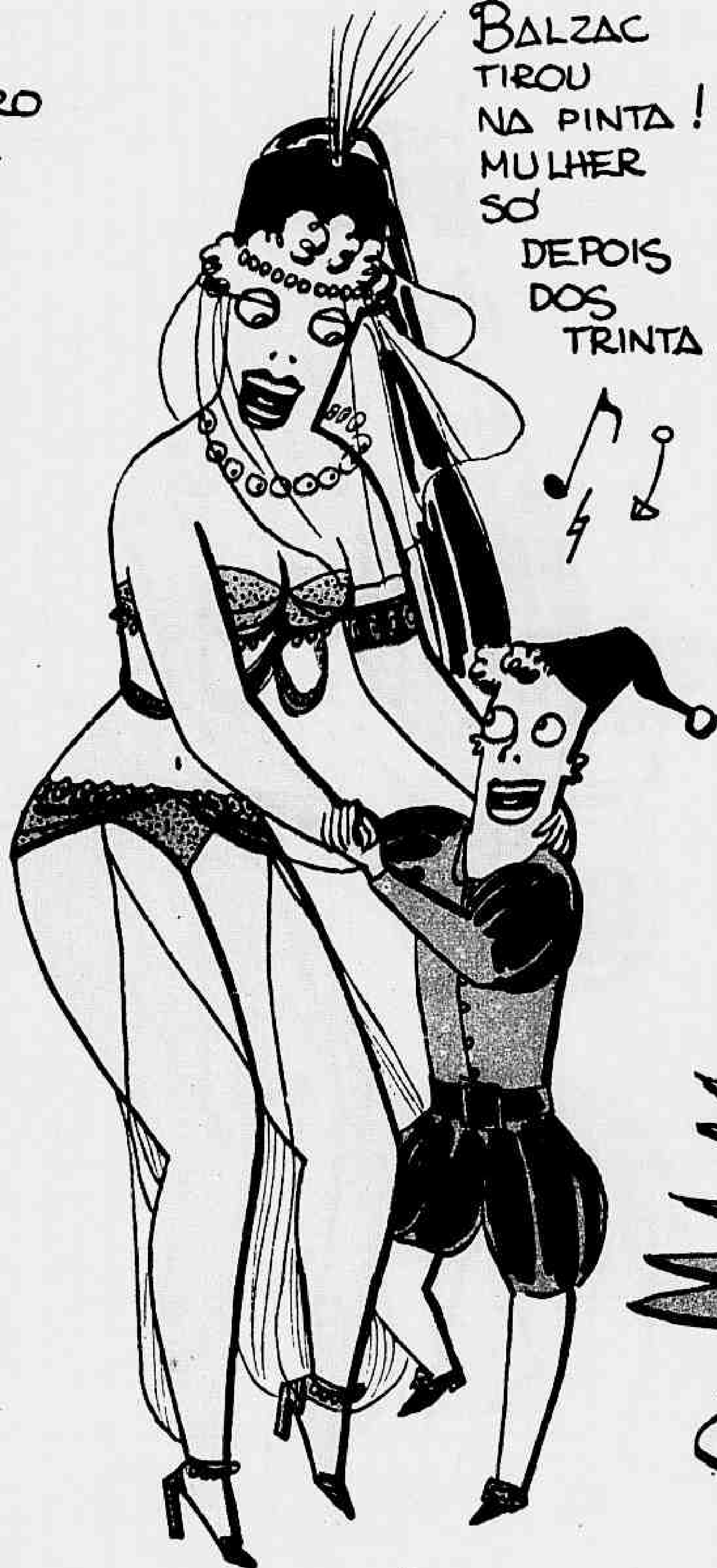
Boca Rica
Chop
AMA
ANSEAT
ANTARTICA
BRAMA
Chop
Rei dos Reis
Balzaqueana
Amour
Good bye
Ture Ture
Orlando Mattos

Nicodemus

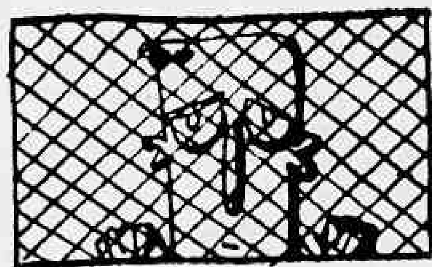
COM UM LANÇA-PERFUME NA MÃO DIREITA
UMA CUÍCA NA ESQUERDA E UM BROTINHO NA OUTRA
CANTA O

Carnaval...















AS ALEGRES COLEGIAIS

Um sorriso — pediu o fotógrafo — mas os "brotinhos" ficaram um tanto acanhados... Olhando, com atenção, uma multidão de colegas que fizeram "gazeta" para assistir à vitória de sua candidata. E' claro que houve muita desilusão, mas no fim todos se conformaram. Quem é que pode discutir com a impassividade do pronunciamento das urnas?

OS "BROTINHOS" DA A.M.E.S.

Moreninha e estudiosa, a "Rainha dos Estudantes Cariocas" ★ Dez Venus de menor idade no grande concurso que agitou os colégios ★ Os diabinhos de saia e seus colegas dando dor de cabeça aos diretores

Texto de ARARIBÁ

JÁ viram os "brotinhos" da AMES? Como a imaginação voa mais depressa que o vento, poucas dúvidas nos restam sôbre o que pensaste, leitor. Dizem os "entendidos" que o Rio é a cidade das mais belas flores primaveris que dão encanto aos jardins de Eva de todo o mundo. E não há quem discorde, mesmo sem conhecer as Vênus de menor idade de outros recantos da terra, porque outras mais lindas não pode haver!

O assunto nos ia fugindo... Queremos falar do grande concurso de graciosidade e beleza realizado pela Associação Metropolitana dos Estudantes Secundários, com a colaboração da União Carioca dos Estudantes do Comércio, para eleição da "Rainha dos Estudantes Secundários", certame que movimentou o meio estudantil da cidade, contagiando a todos, estudantes e diretores de colégios, tomados de entusiasmo pela eleição daquela que, pelos



VENCEDORA

IRAILDES é morena e gordinha e estudiosa. Desnecessário dizer que é bonita. Aluna do Colégio Paula Freitas, foi levada à vitória, pelos seus colegas, com 28.300 votos



PRINCESA

UM OLHAR para o infinito... Deolinda, a linda moreninha do Instituto Roscio, obteve o segundo lugar, com 23.184 votos, conquistando o título de "Princesa"



A TERCEIRA

JACIR, outra bonita moreninha que obteve, também, o título de "Princesa". Ela é aluna do Instituto Roscio e foi uma candidata forte até à derradeira apuração



DEMOCRACIA

Calmamente o "brotinho" lia a nossa revista, enquanto aguardava a última apuração. Seus olhos brilhantes parecem dizer alguma coisa... No mesmo instante, outras jovens, como vemos abaixo, aproveitam os últimos momentos para votar. O concurso dos estudantes secundários foi um eloqüente exemplo de democracia, vencendo a candidata que melhor soube organizar o eleitorado



seus predicados, na opinião democ
seria a sua "Rainha". Os árbitros ju
de elegância e beleza, no princípio
ram meio tontos, tão bonitas eram as
didatas que surgiam ou que os seu
tusiastas cabos eleitorais iam apresen
Mas como o concurso foi lançado
no fim do ano letivo, com a chegad
últimas provas parciais, dos rigoroso
mes finais e as férias convidativas
uma estada no campo ou nas estaçõ
água, e mesmo o não consentiment
pais, impediram que muitas levass
candidatura até o fim. Dez, no en
concorreram duramente ao honroso
até a apuração final.

Nos colégios, as opiniões se div
muito, de começo, conforme se suc
as candidatas, cada qual mais bonit
xando de lado a colega de classe, os
entusiastas das candidatas do colég
zinho e rival, dando vazão à sincer
inerente aos jovens, com muita facil
mudavam de preferida, traindo a "
única" que os cabos eleitorais de cad
tabelecimento lutavam por conseguir..
fim não obstante as rivalidades o
da luta, tudo deu certo; a estudan
sem protestos, acatou a decisão das
democràticamente, e, por ocasião da g
festa de confraternização da classe,
zada nos salões da UNE, a "Rainha",
Iraildes Martins, do Colégio Paula Fr
foi solenemente coroada por S. M.
Momo, Imperador da Folia.

★

A AMES, quando lançou o concurso
rém, não o fêz exclusivamente para
miar a estudante secundária mais
dotada de beleza e outros encantos.
tôdas as candidatas era exigido tam
que fôsse boa aluna e sobretudo,
boa companheira de colégio. Enfim:
colega que reunisse em tôrno de s
simpatias gerais, isso porque os or
zadores do certame haviam progra
incentivar não só o companheirismo
todos os estudantes da cidade como
bém a organização da classe cont
aumento das taxas e anuidades esco
que os colégios já ensaiavam, e outra
vindicações que lhes são caras, tais
a equiparação do curso comercial b
ao ginasial e o técnico ao clássico ou
tífico, um restaurante popular para a c
como o antigo da UNE, na praia do
mengo, uma verba da Câmara Muni
que lhes possibilite formar uma boa
blioteca, assistência médica, torneios
portivos, ou ainda problemas de
ordem, como o da volta dos Tiros
Guerra. O concurso também serviu
estudantes para fortalecer as finanças
AMES, pois a sua entidade represent
vive na rua da amargura, e tem
um Congresso de Estudantes Secund
de todo o país programado para ag
dêste ano...

Talvez por isso alguns diretores de co
gios não olharam com bons olhos a re
lização do concurso. Outros, porém, ape
disso deram-lhe franco apoio, como o C
légio Anglo-Americano, o Paula Freitas,
Escola Técnica Nacional (da Prefeitur
o Colégio Carvalho de Mendonça e o In
tituto Roscio. Já na Escola de Comérc
Marcílio Dias, na rua Frei Caneca, o di
retor proibiu a qualquer uma de sua
alunas participar do concurso. Da mesma
forma o diretor do Colégio Frederico Ri
beiro. O Grêmio dos alunos dêste colégio
se encontra sob intervenção da diretoria
do estabelecimento, quando devia estar
sob a livre administração dos colegiais.
Na Escola Marcílio Dias, a intervenção do
diretor acabou por completo com o Grêmio
dos estudantes, tendo-lhes sido tomadas
inclusive as coleções das obras de Ma
chado de Assis e Monteiro Lobato, adqu
ridas com o dinheiro dos próprios est
dantes; e o jornalzinho que êles imprimiam
de quinze em quinze dias — "O Progresso"
— foi fechado... porque servia de ve
culo às suas reclamações... O diretor
do Instituto de Educação também não to
mou uma atitude simpática aos estudantes
proibindo às alunas matriculadas no maior
estabelecimento de ensino desta capital
tomar parte no concurso, obrigando a can
didata já inscrita pelas normalistas a se
afastar, para não sofrer penalidades!

★

Certos diretores de colégios, para se
verem livres da barreira que são os Grê
mios estudantis aos seus propósitos
(Cont. na pág. 41)



HELOIDE

Ela não foi candidata, o que causou mágoa a muitos de seus colegas do Educandário Rui Barbosa. Deu sempre a graça de sua presença ao certame, e, mesmo "hors concours" julgam-na vitoriosa



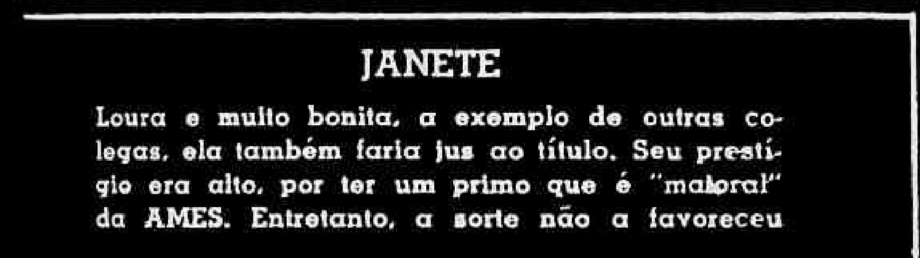
NICE

É uma das dirigentes da AMES. Foi candidata pelo Instituto Juruena, mas ao que parece pouco fêz para vencer, talvez devido ao cargo que exerce na direção daquela entidade. Muito bonita...



MIRZA

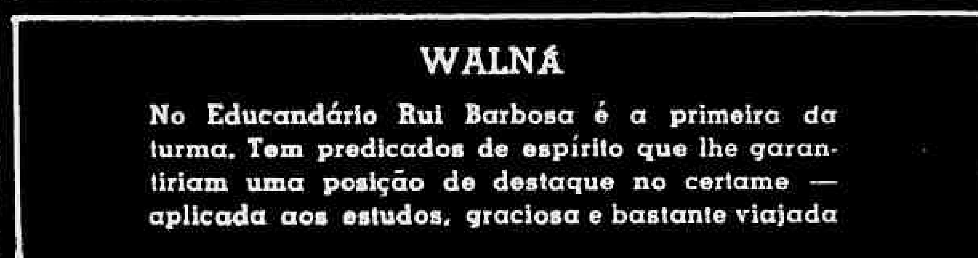
Disse-nos que frequenta a praia, mas não se esquece dcs estudos. Consegue dividir o tempo em partes iguais, para as obrigações e o divertimento. Pelas dúvidas não lhe perguntamos as notas...



JANETE

Loura e muito bonita, a exemplo de outras colegas, ela também faria jus ao título. Seu prestígio era alto, por ter um primo que é "maioral" da AMES. Entretanto, a sorte não a favoreceu

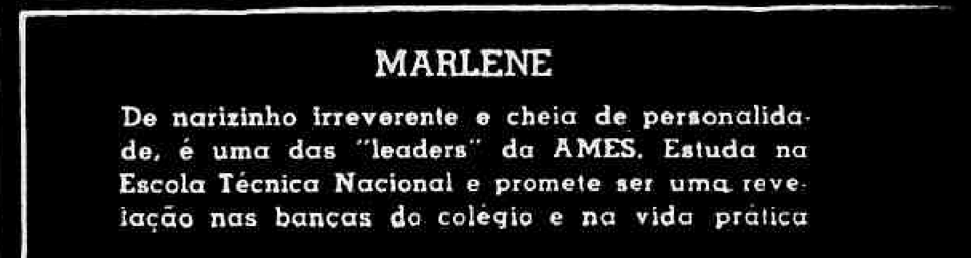




WALNÁ

No Educandário Rui Barbosa é a primeira da turma. Tem predicados de espírito que lhe garantiriam uma posição de destaque no certame — aplicada aos estudos, graciosa e bastante viajada





MARLENE

De narizinho irreverente e cheia de personalidade, é uma das "leaders" da AMES. Estuda na Escola Técnica Nacional e promete ser uma revelação nas bancas do colégio e na vida prática



VISTA ALEGRE

Entrando pela larga janela, o raio de sol foi iluminar os cabelos castanhos da moça, sentada na banqueta da penteadeira. Um último olhar ao espêlho, um toque de perfume na ponta das orelhas rosadas, e o cristal refletiu a beleza de Ângela, o seu rosto encantador, o corpo muito esbelto dentro dum vestido de laise branca.

D. Teresa, a mãe da moça, que se havia calado um momento, fêz menção de continuar a falar. Pelo espêlho os olhos de ambas se encontraram e a filha não conseguiu dominar a irritação que surgia. Impaciente, antes que a mãe continuasse o sermão já iniciado, sermão costumeiro destas últimas semanas, suplicou:

— Por favor, mamãe, não insista! Já me repetiu tantas vêzes, que eu sei de cor o que a senhora irá dizer-me!

— Mas minha filha, como não hei de insistir, se é sòmente o teu bem que eu viso?

— Meu bem! A senhora gosta de falar em meu bem, em minha felicidade... E quem lhe garante que a minha felicidade não está perto, que a minha felicidade, repito-lhe, não está em me assegurar do amor de Alfredo?

Uma onda de sangue subiu ao rosto da mãe, e a indignação vibrou em suas palavras:

— Agora quem te pede que não insistas sou eu! Sinto-me corar de vergonha, só em pensar que minha filha vive preocupada ùnicamente em andar atrás de um homem, em se fazer lembrada ao namorado! Como os tempos mudaram!

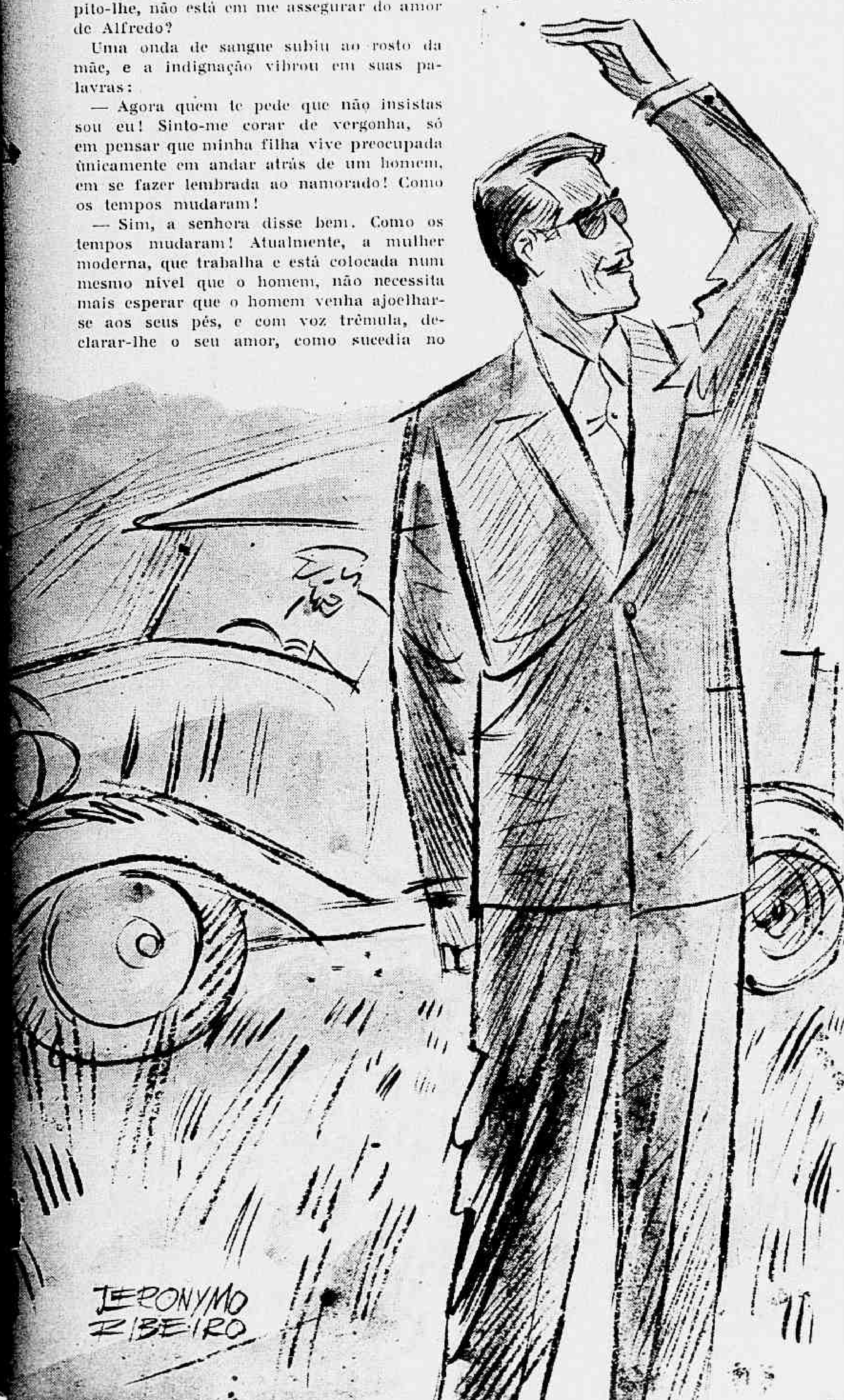
— Sim, a senhora disse bem. Como os tempos mudaram! Atualmente, a mulher moderna, que trabalha e está colocada num mesmo nível que o homem, não necessita mais esperar que o homem venha ajoelhar-se aos seus pés, e com voz trêmula, declarar-lhe o seu amor, como sucedia no seu tempo, mamãe! Agora nós podemos lutar pelo que desejamos, podemos dedicar-nos à conquista do homem amado!

— E' por isto, porque se vê disputado, procurado, o homem pode desinteressar-se por completo da mulher, como vejo acontecer contigo e Alfredo! Se tu não estiveres sempre pronta para sair e ir dançar, se não lhe estiveres telefonando e marcando encontros, ou então convidando-o para passeios, êle não se lembrará de vir aqui em casa visitar-te!

— Sim, mamãe, chega! Concordo que a razão está com senhora. Mas se eu fizer assim terei que me confessar vencida...

— Vencida! Tu estás é te martirizando sem necessidade, estás te esgotando, ficando magra e neurastênica! Por favor, filha, eu te peço: — atende ao meu pedido! Não gastes tuas férias aqui na cidade, nesta agitação contínua! Isabel respondeu minha carta, dizendo que terá o maior prazer em hospedar-te por dois meses...

— Mamãe, mas se eu nem conheço essa D. Isabel!



— Tu já me tens ouvido falar nela, e sabes que ela foi minha maior amiga. A vida separou-nos. Isabel casou e foi morar em Vista Alegre, e eu, antes de conhecer teu pai, estive passando uns tempos lá. E' o lugar mais lindo que já vi. Tu ficarás boquiaberta diante daquela maravilha, do esplendor da natureza naquela região. Senti muito não poder voltar mais lá. Mas depois fiquei noiva, casei e vim morar aqui. E mais tarde, após teu nascimento, nunca mais pude pensar em sair, além de que teu pai não gostava que eu o deixasse sòzinho...

Ângela olhou o relógio-pulseira e dirigiu-se para a porta, enquanto a mãe continuava insistindo mais uma vez:

— Mas agora é p'ra teu bem. Tu estás magra e cansada, e uma mudança destas te fará bem. Por favor, Ângela, dize-me que irás!

A moça parou ligeiramente na porta, e sem se virar respondeu:

— Não continuemos com isto, sim, mamãe? Devo sair agora, pois Alfredo está me esperando para irmos à sorveteria... Até logo, mamãe.

Saiu, rápida. D. Teresa chegou à janela para vê-la, e a moça passou, sem se virar, elegante e esbelta, caminhando ligeira no seu passo elástico e firme.

D. Teresa acompanhou a filha com os olhos, e depois, suspirando, saiu do quarto. As cortinas da janela, finas e engomadas, agitaram-se, movidas por um golpe de vento, como um murmúrio de compreensão pela preocupação que afligia aquela mãe.

★

Passaram-se dias.

— Já é tarde, Alfredo; tenho que entrar.

— Então, devemos dizer adeus?

— Não gosto desta palavra. Digamos sòmente até a vista!

— Por que você vai, Ângela? Irei sentir saudades suas!...

— Mamãe insistiu tanto, que terminei concordando com estas férias em Vista-Alegre. Mas sigo contrariada. Queria ficar...

— Ângela, você vai me dar um beijo de despedida?

O sorriso morreu nos lábios da moça, e ela respondeu, séria:

— Você sabe que não costumo beijar meus amigos! E você sempre fêz questão de ser sòmente meu amigo!

— Agora é diferente, pois você vai viajar. Dê-me um beijo, sim?

— Não, nada de beijos... Você vai prometer-me que irá me ver, num fim de semana?

— Oh! meu bem, por favor não me peça isto! Você sabe que o campo me produz alegria! Eu a esperarei aqui, cheio de saudades...

— Então não insistirei mais. Boa-noite e até a vista, Alfredo.

— Até à vista, e divirta-se bastante, meu amor...

A moça entrou em casa, e depois de ter falado com os pais, foi para o seu quarto.

Ficou deitada, olhando o quadrado de céu, todo cheio de estrêlas, que a janela servia de moldura. Pensamentos diversos sucediam-se no seu cérebro: Não sei se deva levar maiô para Vista-Alegre apesar de mamãe dizer que lá há um lago... Gostarei de banhar-me sòzinha, num lago no meio do mato?... Mamãe tem muito gôsto, esta cortina, tão vaporosa, alegra tanto meu quarto!...

Um sorriso travêsso bailou-lhe nos lábios:

— E se eu tivesse deixado o Alfredo beijar-me? Deve ser bom, um beijo dêle...

E pensando nêle, tão louro e tão bonito, mergulhou num sono profundo.

★

A viagem de cinco horas, no trem, foi cansativa, e parecia à moça de costume havana, que viajava num carro de primeira classe, que o ruído produzido pelas rodas, nos trilhos, formavam um só estribilho: Alfredo, Alfredo...



De olhos fechados, procurando uma posição mais cômoda na cadeira, a jovem não tem o pensamento nos pais que deixou, mas sim naquele homem louro, risonho e irresponsável, que só pensava em divertimento e alegria, naquele Alfredo que sabia ser, como poucos, um ótimo companheiro.

Há seis meses o conhecera, na festa de aniversário de uma amiga comum e aos poucos nascera uma intimidade grande entre êles. Estavam sempre juntos, às vêzes sós, outras vêzes numa roda de amigos. Havia um singular entendimento entre ambos: Ela amava-o, procurando não demonstrar a afeição que sentia por êle, e êle, conhecendo êste amor, satisfeito com o afeto que despertara em Ângela, sem contudo dar mostras de querer corresponder à sua afeição.

Como lhe dava prazer pensar nêle, ficou a conjecturar se o sentimento que lhe dedicava era mesmo amor. Seria amor, porém, esta sensação exquisita de insatisfação e dúvida, esta preocupação de mostrar-se sempre alegre e disposta a percorrer teatros e cassinos, noite após noite, com um

(Cont. na pág. 44)

Conto de MARIA LÚCIA
Ilustração de J. RIBEIRO

CHAPÉUS EXÓTICOS

ELEGANTES e bastante originais são os modelos que apresentamos nesta página, criação de nomes famosos na chapelaria francesa. À direita temos encantador chapéu para ser usado com um vestido de noite. E executado em rosa, formando duas conchas que se cruzam ligeiramente, uma delas bordada em fio de ouro. Em baixo: Também para tarde é esta campânula em cetim pálido de Pierre Arbelle, arrematada por um imenso nó plissado, do mesmo tecido. A seguir, Jean Barthet sugere para as saídas à tarde êste chapéu de lamé dourado. A copa bem encaixada, é encimada por uma plumagem retorcida.







GLORIA SWANSON DIZ:

BELEZA NÃO TEM IDADE



COMO exemplo da beleza permanente da mulher, apresentamos uma mulher de 50 anos, moça, linda e fabulosa. Esta — e note-se que ela já está perto dos cinquenta — é Gloria Swanson, "estrêla" de cinema, inventora, escultora, mulher de negócios, presidente de uma escola para modelos, desenhista, colunista e avó querida de três adoráveis netos. Gloria Swanson, numa idade em que senhoras relutantes cobrem seus cabelos brancos sob chapéus e viram o espêlho para a parede, possui ainda grande encanto, uma pele luminosa, e inquebrantável vitalidade... feliz e ocupada nos trabalhos do seu mais recente filme. Esta também é a mulher que há vinte anos disse: "Não posso conceber alguém que não trabalhe por melhorar". Agora, em 1950, depois de uma longa e incrível carreira como extra, fazendo comédias no tempo do cinema silencioso, trabalhando como produtora; agora, depois de tudo isto passado, ela continua ainda insatisfeita, ainda ávida, ainda crescendo e, portanto, ainda moça. Dieta? A totalidade do seu **menú** é de frutas e legumes e raramente ela bebe. Pintura? Sua opinião é que a pintura é um mal para as mulheres idosas e tende a envelhecê-las mais ainda, se não fôr usada com parcimônia. Sua fórmula é um método seguro: rouge sòmente para sombrear, lábios pouco pintados e um leve toque de máscara. Isto é tudo. Aí temos um espírito e uma alma que nunca tiveram tempo para envelhecer. Um amigo de Gloria recentemente a descreveu dêsse modo: "Ela possui alguma fôrça — eu não posso descrevê-la — uma espécie de luz. Ela faz coisas impossíveis de serem analisadas, mas eu as tenho visto repetirem-se inúmeras vêzes". Nós certamente gostaremos de ouvir alguém dizer o mesmo de nós quando tivermos 50 anos. Em verdade, quem não gostaria de ouvir isso de si em qualquer idade?







LAÇOS



OS laços estão em grande moda, como provam êstes modelos. Aparecem nas saias corpos e até nas blusas e podem ser ou não do mesmo tecido do resto do vestido. Ao alto, Marcel Rochas — saia justa, blusa formada unicamente por uma tira de cetim vinda de trás e dando um grande laço na frente. À direita, Jocques Griffe e Bianchini Férier — Vestido de noite em veludo escuro, saia bem justa, formando um grande laço atrás. Traje de passeio em veludo negro, saia drapeada com um laço do lado. Em baixo., à esquerda, Molyneux — elegantíssimo vestido em veludo negro, de costas nuas, com um grande laço de cetim verde na cintura. À direita: Jacques Griffe — uma banda de faile negro drapeada em tôrno das cadeiras, forma de lado um grande laço neste modêlo de seda negra.





OUTRORA os vestidos sem alças só eram usados nos bailes. Agora, são adotados nas praias, em trajes de tarde ou noite e são feitos em tôda espécie de fazenda. Com a moda de vestidos de baile curtos, os modelos aqui apresentados tanto servem para tarde como para noite. Ao alto, à esquerda, vestido para noite, corpo em veludo preto, saia em tulle com pastilhas de veludo. À direita, modêlo para jantar, em veludo com aplicações de flôres formando barra. Em baixo, para noite, modêlo em veludo e tafetá, e, finalmente, em baixo, à direita, modêlo em tafetá estampado cinza chumbo, xadrez roxo.





VESTIDOS SEM ALÇAS

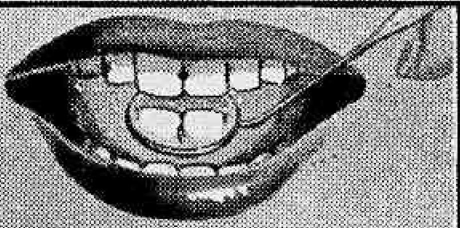


DENTES LINDOS E SADIOS são os de todo KOLYNOS-ISTA!



MAS, VEJA ESTE CONTRASTE... →

olhe os dentes de outra boca... cariados e mal cuidados. Isto poderia ter sido evitado, com uma visita ao dentista e o uso diário de Kolynos.



GUERRA ÀS CARIES! SOMENTE KOLYNOS AS COMBATE destes 3 modos

1. ELIMINANDO OS ÁCIDOS DA BOCA

Os ácidos da boca, que causam as caries, ficam neutralizados logo que os ingredientes anti-ácidos de Kolynos se põem em contacto com a saliva. Esses mesmos ingredientes dissolvem a película que sentimos sobre os dentes, antes de escová-los com Kolynos. É nessa película que as bacterias se ocultam e se reproduzem.

2. DESTRUINDO AS BACTERIAS

A conhecida bacteria "Lactobacillus Acidophilus Odontolyticus" é a produtora dos ácidos que provocam as caries dentarias. Somente Kolynos contem certos ingredientes bactericidas que são mortais para essas bacterias. Estudos científicos realizados em famosas universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi cerca de 92% das bacterias da boca. *Este efeito de Kolynos dura varias horas.*

3. LIMPANDO PERFEITAMENTE

A espuma penetrante e refrescante de Kolynos retira as particulas de alimentos deixadas pela escova... e mantem os ingredientes protetores de Kolynos na superficie dos dentes, para evitar que se forme nova película. Essa espuma penetrante leva os ingredientes anti-ácidos e bactericidas de Kolynos aos lugares perigosos... *atacando realmente a causa principal das caries.*

Delicioso sabor refrescante!
E ECONÔMICO TAMBEM:
Basta 1 cm. na escova seca.



Mc CANN

Melhores resultados são obtidos escovando-se os dentes com Kolynos, depois de cada refeição

K 303



WEEK-EN

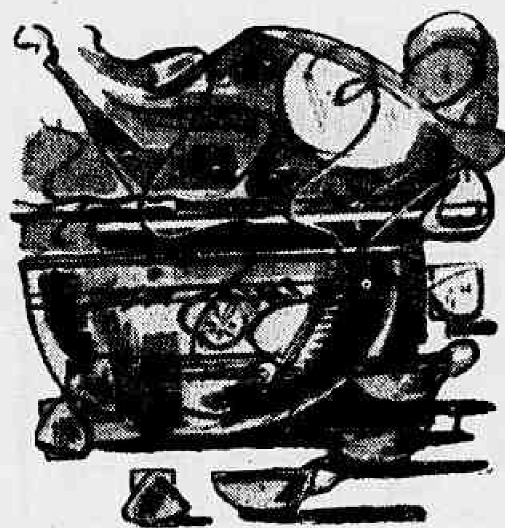
PANQUECAS COM ESPINAFRE

200 grs. de espinafre, 100 grs. de presunto picado, 1 gema, 8 colheres das de sopa de nata ou leite e gordura. Refoga-se o espinafre picado, misturando-se-lhe o presunto. Com êste refogado enchem-se as panquecas de massa simples, que se colocam em uma fôrma untada. Bate-se as gemas com o leite ou nata e despeja-se isto sôbre as panquecas que se levam ao forno para assar. Em vez de panquecas simples, pode-se empregar panquecas de batatas.

★

TORRADAS DE PÃO COM QUEIJO

Põe-se um pedaço grosso de queijo de Minas num espêto que se segura sôbre brasas bem quentes. Com o calor destas, a superficie externa do queijo vai se



derretendo. Com uma faca, vai-se tirando o queijo derretido que se vai passando sôbre torradas de pão. Servem-se imediatamente.

★

SPETZELI DE SEMOLINA

50 grs. de manteiga, 1 xicara de leite, 100 grs. de semolina. 1 ôvo, sal. Levam-se ao fogo a manteiga, o leite e sal, juntando-se-lhes a semolina. Ferve-se tudo até a massa se despregar da panela. Retira-se do fogo e, depois junta-se o ôvo. Com uma colher que se vai mergulhar em água quente, vão se tirando spetzelis que se deitam na sopa, onde devem ficar por 10 minutos, sem ferver.

★

SOUFFLÉ DE PRESUNTO

Desmanche 150 grs. de farinha de trigo, em 2½ xicaras de leite, e leve numa caçarola a engrossar. Depois retire do fogo e junte 100 grs. de presunto picadinho, 60 grs. de parmezão ralado, 1 colher de manteiga, 4 gemas e por último 4 claras em neve. Leve a assar no forno em caixinhas de papel ou forminhas untadas ou ainda numa fôrma grande de louça.

★

FÍGADO DE PANELA

Tome 1 quilo de fígado, corte em fatias, tempere de sal, deite numa panela com manteiga, salsa, e cebolinhas picadinhas, ½ colher de farinha de trigo, 1 colher de vinagre, 1 pitada de pimenta do reino, 1 pedacinho de louro e 1 xicara de vinho tinto. Deixe cozinhar uns 20 minutos e sirva.

★

PÃO DOCE DE CERVEJA

500 grs. de farinha de trigo, 100 grs. de manteiga, 2 colheres de fermento de cerveja, 3 colheres de açúcar, 1½ xicaras de leite, 2 ovos, e uma colherzinha de sal. Misture tudo com a metade da farinha e deixe levedar depois de crescida, junte o resto da farinha, sove bem, e leve de novo a levedar, dentro de uma fôrma. Quando tiver crescido o dôbro, passe por cima uma clara e cubra com a seguinte mistura: 1 colher de farinha de trigo, 1 colher de açúcar, e canela e uma colherzinha de manteiga derretida. Leve então a assar no forno quente.

★

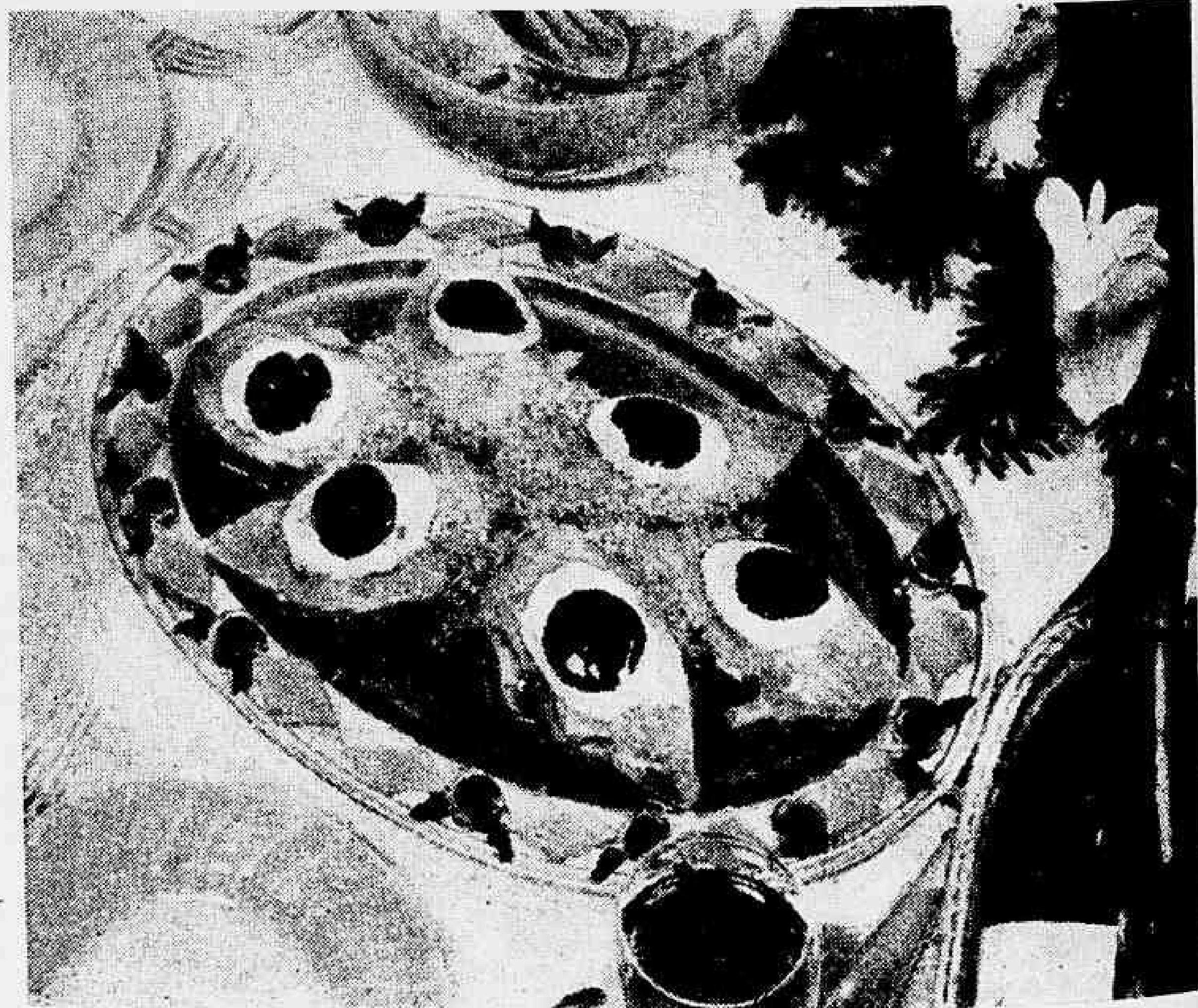
MACEDÔNIA DE PÊSSEGOS

Descasque 6 pêssegos e parta em quatro, retirando os caroços. Descasque um abacaxi, parta em rodelas, e retire os centros. Leve ao fogo 2 xicaras de açúcar em ½ de água, deixe ferver um pouco, retire do fogo, junte as frutas e deixe-as a macerar por 2 horas. Arrume as fatias de abacaxi ao redor de um prato e no centro os pêssegos. Junte 1 cálice de vinho do Pôrto à calda e despeje sôbre as frutas, guarneça com uvas brancas e leve a gelar. Pode usar pêssegos de 1 lata.

★

CREME DE MORANGOS

Passa-se ½ quilo de morangos por uma peneira, misturando-se em seguida, com 200 grs. de açúcar. Bate-se ½ litro de nata que se mistura com a massa dos morangos. Despeja-se êste creme em uma vasilha de vidro, guarnecendo-se com creme Chantilly.



NA COZINHA

MÔLHO DE VINHO

5 gemas, 100 grs. de açúcar, ¼ de litro de vinho branco, um pouco de rhum. Batem-se as gemas, às quais se juntam o açúcar e o vinho. Põe-se em uma panela em banho-maria, tornando-se a bater até o môlho ficar bem espumoso. Não se deve deixar ferver, retirando-se do fogo antes de levantar fervura. Contràriamente, os ovos encaroçarão. Êste môlho serve-se com bôlo de frutas ou pudins.

★

CURIOSAS

250 grs. de manteiga, 250 grs. de açúcar, 4 ovos, 3 grs. de canela, 125 grs. de amêndoas raladas finamente e 500 de farinha.

Bate-se bem a manteiga, misturando-se aos poucos o açúcar, os ovos, a canela, as amêndoas, a farinha, bate-se a massa até ficar lisa e deixa-se descansar um pouco em lugar fresco. Estende-se depois na grossura de uma faca, cortam-se diversas figuras com o auxílio de forminhas e assam-se em forno moderado.

★

TOMATES RECHEADOS COM ERVILHAS

Cozinham-se as ervilhas com água e sal, e quando frias, misturam-se com môlho de maionese. Com esta mistura, enchem-se as cavidades dos tomates, dos quais se retiram as sementes. Guarnece-se cada tomate com uma rodela de ôvo, sôbre a qual se esguicha um pouco de maionese com o saquinho apropriado.

★

TORTA DE TÂMARAS

Forra-se uma fôrma de abrir com massa de açúcar na espessura de ½ cm. Põe-se em cima o seguinte recheio: 4 claras de ovos, 200 grs. de açúcar, 60 grs. de amêndoas raladas, 50 grs. de maisena ou farinha de batatas, 150 grs. de tâmaras picadas e um pouco de açúcar de baunilha. Batem-se as claras com o açúcar como para suspiros, durante ¼ de hora, e mistura-se com os outros ingredientes. Logo que se espalhe por igual êste recheio sôbre a torta, leva-se esta ao forno moderado e enfeita-se depois com uma marmelada qualquer ou com glace feita com Maraschino.

ARROZ DOCE COM FRUTAS

125 grs. de arroz, 1 litro de leite, 2 a 3 colheres de açúcar, uma pitada de sal e frutas.

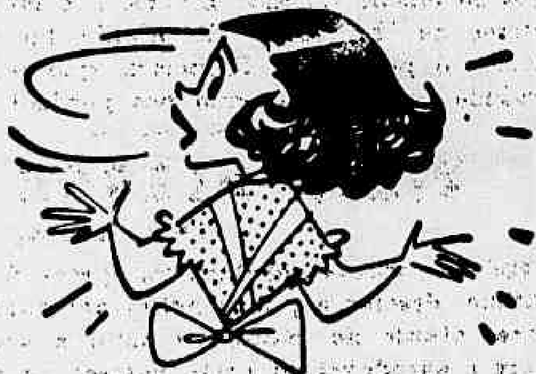
Cozinha-se o arroz no leite com o sal e o açúcar até ficar mole, mas não em papa. Põe-se a metade do arroz doce em uma fôrma molhada e por cima coloca-se uma camada de frutas cortadas, por exemplo: laranjas, bananas, ou outra fruta qualquer de compota e despeja-se por cima o resto do arroz. Vira-se no prato depois de bem frio e serve-se com calda de frutas.

★

NHOQUES

240 grs. de amêndoas, 500 grs. de açúcar, 3 ovos, 3 claras, um pouco de canela, 350 grs. de farinha.

Torram-se as amêndoas cortadas ao comprido, juntamente com a quarta



parte do açúcar até ficarem amarelas. Misturam-se as 3 claras, bem batidas, com os 3 ovos, ao resto do açúcar e bate-se a massa durante ½ hora. Adicionam-se então a canela, a farinha e as amêndoas frias. Distribuem-se com uma colherinha em montinhos, numa fôrma untada, e levam-se a assar em forno fraco.

★

PUDIM CONSTÂNCIA

½ litro de leite, 250 grs. de farinha, 3 a 4 ovos, 1 colher das de sopa de açúcar, 1 colher de manteiga e 1 pitada de sal.

Mistura-se bem a farinha com o açúcar, os ovos, o sal, o leite e a manteiga derretida; põe-se banha ou azeite em uma frigideira; deixa-se esquentar bem, despeja-se então a massa e leva-se ao forno regular.

Corta-se depois em pedacinhos, polvilha-se bem com açúcar e serve-se com compota.





Realizou-se no dia 21 de janeiro p. passado, nesta capital, o enlace matrimonial da Senhorita Regina Martins Sauwen com o advogado Antônio José Gonçalves Agra, filho do casal Alexandrino Agra. Os nubentes, figuras da nossa alta sociedade, receberam a bênção de S. S. o Papa Pio XII e tiveram como padrinhos: da noiva, os seus pais, Sr. Francisco Fábio Sauwen e senhora; do noivo, a Sra. Elza Paranhos do Rio Branco e o Sr. General Eurico Gaspar Dutra

Instante decisivo!

Também num instante

BAYER

Instantina

CORTA OS RESFRIADOS

O SEGRÊDO DE SUA MOCIDADE!...

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém extrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural. Para completar a sua beleza e personalidade use êstes produtos da Multifarma:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

Vinho Chico Mineiro

SEJA INTELIGENTE! NÃO ESPERE ENGORDAR DEMAIS. TOME DE HOJE EM DIANTE VINHO CHICO MINEIRO QUE CONSERVARÁ O SEU PORTE ELEGANTE. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça do Patriarca, 26 — 2.º

S. PAULO

Remetemos pelo Reembôlso

TERREMOTO!!!

NO MERCADO DE PERFUMES!

NOVA TABELA

TIPOS DE PERFUMES	Essências 30 gr. Cr$	Extratos 30 gr. Cr$	Loções ¼ Cr$
Jasmim Super	15.00	22.00	30.00
Cravo A — Super	15.00	22.00	30.00
[illegible] A — Super	15.00	22.00	30.00
[illegible] — Super	15.00	22.00	30.00
[illegible] — Super	15.00	22.00	30.00
[illegible] — Super	15.00	25.00	35.00
Fl. Amor — Super	15.00	25.00	35.00
[illegible] — Super	15.00	25.00	35.00
[illegible] — Super	20.00	35.00	40.00
[illegible] — Super	20.00	35.00	40.00
Tabu — Super	20.00	35.00	40.00
[illegible] — Super	20.00	35.00	40.00
[illegible] — Super	20.00	35.00	40.00
[illegible] — Super	20.00	35.00	40.00
[illegible] N — Super	25.00	35.00	40.00
[illegible] — Super	35.00	45.00	55.00
[illegible] — Super	35.00	45.00	55.00
[illegible] — Super	35.00	45.00	55.00
Tabu GR — Super	35.00		
Flor Moça LF	50.00	70.00	70.00
[illegible] LF	50.00	70.00	70.00
[illegible] LF	50.00	70.00	70.00
[illegible] LF	50.00	70.00	70.00
[illegible] LF	50.00	80.00	80.00
[illegible] LF	50.00	80.00	80.00
[illegible] LF	50.00	80.00	80.00
Violette Femmes LF	85.00	105.00	105.00
La Rose Rouge... LF	85.00	105.00	105.00
Despesa Reembôlso	5.00	5.00	5.00

Não aceitamos pedidos menores de Cr$ 100.00. Os perfumes marcados LF são legítimos franceses

Vendas pelo REEMBÔLSO POSTAL

A FEIRA DAS ESSÊNCIAS

Av. Marechal Floriano, 67 Sob. — RIO DE JANEIRO

Publicidade para A CENA MUDA em São Paulo: — Rua Álvares Penteado, 180 - Sala 502 - Tel. 3-2649

UMA MULHER PODE CONSERVAR-SE SEMPRE JOVEM E BELA

Para uma mulher se conservar sempre jovem e bela deve ter os seus órgãos femininos em perfeita saúde. E a mulher sabe que os seus órgãos femininos estão em perfeita saúde pelo bom funcionamento de suas regras. Se as regras são anormais, isto é, diminutas ou abundantes, dolorosas, repetidas ou atrasadas indicam enfermidade grave que deve ser combatida com um dos dois Reguladores Xavier. É-lhes fácil saber o número que lhes convém. O Nº 1 só serve para os casos de regras abundantes, repetidas, prolongadas, hemorragias e suas conseqüências: dores, vertigens, insônia, nervosismo, fastio, etc. Já o Nº 2 tem aplicação inteiramente diversa e só serve para os casos de falta de regras, regras atrasadas, suspensas, diminuídas e suas conseqüências: anemia, cólicas uterinas, flores brancas, insuficiência ovariana, etc.

Tal como exigem a ciência e o bom-senso o Regulador Xavier é fabricado em duas fórmulas diferentes atendendo às duas naturezas diferentes dos males femininos.

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

Sociedade Anônima

Depositos -- Descontos -- Cauções

ALFANDEGA n.º 50 - Rio

OS "BROTINHOS" DA A. M. E. S.

(Cont. da pág. 36)

meninas atuam sôbre as atividades dos estudantes a atuação de elementos para [illegible]. Em muitos colégios por isso, está [illegible] e [illegible] pendular a [illegible] de todo o mundo, e as divergências entre alunos e diretores se acentua cada vez mais. Conseqüentemente, a AMES e outras entidades estudantis acrescentaram um novo item ao seu longo programa de reivindicações: autonomia para os Grêmios. Quando os [illegible] os estudantes já [illegible] em todo o [illegible], o Ministério da Educação proibiu aos colégios qualquer [illegible] ao [illegible] dos mesmos, a não ser as legalmente permitidas. Assim os nossos estudantes vão vivendo, dividindo o seu tempo entre a Matemática [illegible] e outras ciências, as suas festas, o esporte e as suas lutas. De qualquer forma, sempre os vemos alegres, sorrindo, nas travessuras que tem muito gôsto ontem mesmo, mas que hoje — Deus do céu, quanta loucura! — não repetiríamos... E quando pensamos que os "brotinhos" lindos como êsses que aparecem nestas páginas são capazes de tanta "onda", imaginamos a dor de cabeça dos diretores de colégios... O concurso pela primeira vez realizado pela AMES obteve grande sucesso. O próximo, a realizar-se a partir de julho dêste ano deverá ser melhor ainda, mais amplo, porquanto dêle participarão as representantes da maioria dos estabelecimentos de ensino do Rio. E como são encantadores os "brotinhos" da AMES! Se admirá-los é pecado, S. Francisco, que na mocidade tanto pecou, que nos perdoe!

VISTA ALEGRE

(Cont. da pág. 38)

bando de moços barulhentos, apesar de, no íntimo, desejar algumas noites passadas em casa, diante do rádio, na salinha acolhedora e agradável ou então passear de mãos dadas, pela calçada defronte de casa, numa noite enluarada, e fazer como os namorados dos subúrbios, que gostam de olhar as estrêlas, e dizer palavras meigas, juras de eterno amor?!

Que bom seria se Alfredo gostasse um pouco de uma vida mais calma, se êle pensasse alguma vez em mudar de vida, em trocar a sua situação de solteirão disputado, isento de responsabilidades, por um lar onde reinasse o amor e o carinho...

Suas conjecturas quando atingiam êste ponto, foram interrompidas pela passagem do chefe do trem, que lhe disse: — Senhorita, em dez minutos estaremos em Rio Vermelho. Ângela agradeceu-lhe a informação e procurou a bôlsa para tirar o pente, o baton e o pó de arroz para consertar a maquilagem. E' necessário que a primeira impressão seja boa, e ela não sabia quem estaria na Estação para recebê-la. Tanto poderia ser D. Isabel como o filho dela...

O trem parou e Ângela, ao saltar, verificou que era a única passageira para aquela localidade. A estação estava quase deserta, só alguns garotos, curiosos, olhavam a passagem do trem. A moça procurou com os olhos uma pessoa que pudesse estar à sua espera, mas não viu ninguém. Mais adiante estava uma carruagem, puxada por uma bonita parelha de cavalos baios, mas não se via sinal de cocheiro. Às suas costas, uma voz arrastada falou:

— E' a senhorita que se destina a Vista Alegre?

Ângela virou-se, surpreendida, e viu um velho camponês, alto e magro, ombros curvados, cabelos e bigodes quase brancos.

— Sim, sou eu mesmo.

— Seja benvinda, senhorita! Vou buscar sua bagagem.

Daí a momentos voltava, e todo maneiroso tornou a dizer:

— Queira acompanhar-me, senhorita. A carruagem nos espera e temos um longo caminho a percorrer.

Ângela seguiu-o e entrou na carruagem. O cocheiro tocou os cavalos e a viagem recomeçou. Aqui e ali se viam casas baixas, tôdas parecidas, depois chegaram ao centro da cidadezinha, com a sua praça muito bem ajardinada, um cinema, um restaurante, a igreja, atravessaram uma rua comprida e de calçamento irregular, e outra vez surgiam aqui e acolá casas espaçadas, e a cidadezinha ficou para trás.

A estrada era boa e parecia pouco usada, e depois, Ângela, interessada, notou que deixava de ser plana e se iniciava uma pequena subida. Sua mãe tivera razão em dizer que o lugar era bonito. De fato, havia árvores copadas margeando a estrada, no alto o céu estava ligeiramente arroxeado, sulcado de nuvens pequeninas, e no ar sentia-se um perfume inebriante: um cheiro de coisas novas, pouco tocadas por mãos humanas, cheiro de floresta, de flores, de maravilhas criadas pela bondade divina para o encanto dos homens.

— Ângela olhou o relógio-pulseira. Cinco horas. Daí a pouco seria noite...

De repente, de seus lábios quase rompe um grito de admiração. Seus olhos contemplavam uma cena majestosa, uma verdadeira paisagem de cartão postal! Mais adiante, a estrada era ladeada por maços de tulipas azuis e rosa, que se mostravam viçosas e belas, dando novo encanto à paisagem. Depois as tulipas eram seguidas de roseiras selvagens, enormes, carregadinhas de rosas vermelhas, brancas e róseas.

Iniciava-se uma subida mais íngreme e lá em cima, dominando tudo, banhado pela luz suave do pôr do sol, que o envolvia num tênue véu cinza-róseo, estava Vista Alegre! O nome não poderia ser mais apropriado!

A casa, que deveria ter sido branca, estava escurecida pelo tempo, pela chuva e pelo sol, era espaçosa, grande, de um só pavimento, com exceção de um sótão que havia bem no centro, cujo telhado terminava em bico, em cima, e arredondado dos lados. O portão era largo, com grades de ferro, estava completamente aberto, e um caminho calçado com pedras retangulares, entremeadas de relva, levava até à porta da frente da casa.

Mal a carruagem chegara, e Ângela se aprontava para descer, quando a porta se abriu e apareceu uma senhora de cabelos grisalhos, cortados curtos e penteados para trás, que veio ao seu encontro. Uma onda de carinho invadiu o coração de Ângela, ao vê-la. Tão simpática, tão atraente! Sua mãe não lhe dissera que Dona Isabel era uma senhora tão bonita!

Ângela saltou e aninhou-se nos braços abertos para recebê-la.

— Então é esta a filhinha de Teresa! Seja bem-vinda aqui, Ângela, e que você goste muito de tudo e de nós todos!

— Oh! Dona Isabel, tenho a certeza de que tudo ultrapassará a minha expectativa! Nunca pensei que êste lugar fôsse tão lindo!

— Entre, Ângela, vá descansar um pouco, para depois jantarmos.

Guiou a moça pela grande sala mobilada com poucos móveis, pesados e antigos, até uma outra sala, menor e mais clara, de onde partia uma larga escada que levava ao sótão, que ela vira de fora.

Visto de perto, Ângela verificou que era muito maior do que pensara. Dona Isabel foi explicando:

— Ai em cima ficam os quartos. São quatro: o meu, o de meu filho, o de Susana, minha filha casada, que mora em Ponta Grossa e que vem sempre passar as férias dos filhos aqui comigo, e o outro quarto é o que usamos para os hóspedes. Aí em cima fica também o quarto de banho, que é o único que possuímos, além do lá de baixo, que é para os empregados.

Levou a moça a um quarto espaçoso, com cortinas cremes e engomadas, na grande janela; os móveis constavam de uma cama, uma mesa com uma cadeira e um armário grande, comum espêlho de corpo inteiro, de madeira escura, quase preta, e que brilhavam de tão limpos. O quarto era alegre, ventilado, convidava ao repouso e à tranqüilidade, e Ângela imediatamente enchera-se de amor por êle.

— Oh! Dona Isabel, é tudo tão lindo que eu encontro dificuldade em achar palavras para dizer-lhe o que sinto.

— Minha filha, não se preocupe com palavras. Descanse, que daqui a pouco ouvirá a sineta chamando para o jantar. Esperamos sòmente que meu filho volte do serviço e tome o seu banho, para depois jantarmos. E está quase na hora dêle chegar!

Quando Ângela desceu para a sala de jantar, e que era, justamente, aquela sala menor e mais clara, já encontrou lá a mãe e o filho. Dona Isabel fêz as apresentações, dizendo, simplesmente:

— Ângela, êste é o meu filho, o Flávio. Espero que vocês se tornem grandes amigos.

Os dois jovens estreitaram as mãos, mur-

★

Para manter os seus móveis vivos e lustrosos, passe levemente, com uma flanela, óleo de peroba.

murando, cada um, o seu: Muito prazer em conhecer...

Durante o jantar, Ângela observava de vez em quando, o filho de sua Anfitriã. Não havia dúvida que êle era atraente, assim moreno e musculoso, mas com o coração cheio da imagem de Alfredo, mentalmente comparou-os e achou que Flávio perdia longe, diante da beleza loura do outro, tão esbelto e forte, tão risonho e alegre!

Flávio era diferente, mais pesado, os ombros muito largos, os braços grossos, cheios de músculos. Via-se claramente que êle era um homem acostumado ao serviço pesado, ao trabalho ao ar livre, enquanto que Alfredo era homem de escritório, homem da cidade, que sentia alegria pelo campo e pela vida ao ar livre...

Flávio virou-se para ela e seus olhos se encontraram. Os dêle muito negros, brilhantes, os dela mais claros e estranhamente meigos.

Flávio sorriu. O sorriso amenizou-lhe a seriedade da fisionomia. Disse-lhe, delicadamente:

— Se a senhorita gostar da natureza, pode contar comigo para lhe mostrar as nossas maravilhas... Sempre que tiver um tempo livre, estarei inteiramente ao seu dispor.

— Agradeço-lhe muito, e aceito com prazer o seu oferecimento! — sorriu-lhe, e depois a conversa generalizou-se, dirigida, hàbilmente por Dona Isabel.

Mais tarde, encostando a cabeça no macio e fresco travesseiro de penas, e espreguiçando-se sonolentamente, o corpo cansado, Ângela teve um único pensamento:

— Que bom seria se você estivesse aqui também, Alfredo!

★

No dia seguinte, Ângela acordou cedo. Havia-se esquecido de fechar as venezianas, o sol irrompera, alegre e quente, invadindo o quarto, fôra brincar sôbre o lençol que a cobria, sôbre o rosto descansado e os olhos ainda fechados.

Saltou alegremente da cama, chegou até à janela para ver o que se descortinava de seu quarto, e seus olhos, pasmados, deliciaram-se com aquêle quadro em verde: — verde-garrafa, verde-fôlha, e até um lago, pequenino, parecendo uma piscina, refletia em suas águas os tons de verde que o circundavam.

Ângela estava encantada e admirou-se ante o pensamento que lhe ocorreu.

— Quem me dera viver sempre neste paraíso!

Desceu, cantarolando, a larga escada e foi até à sala, pensando ser a primeira a ir tomar o café da manhã, mas encontrou a mesa posta só para uma pessoa. Uma empregadinha correu, pressurosa, para atendê-la, e ao ouvir a pergunta que Ângela lhe fazia, respondeu, com uma alegre voz cantada:

— Chi! D. Isabel e seu Flávio há mais de uma hora que tomaram o café, e agora estão fiscalizando o serviço na propriedade.

— E é grande a propriedade?

— Grande! A senhora nem imagina! Campos e campos cultivados: temos verduras e legumes de tôdas as espécies, o pomar é enorme, com tôdas as frutas que se pode desejar... Isto aqui é lindo, D. Ângela, a senhora vai ver como gostará daqui!

Ângela tomou o seu café com um apetite que não se lembrava de ter sentido jamais, e depois saiu a caminhar. Contornou a casa e passou sob a janela de seu quarto. Desceu uns degraus de pedra e chegou diante do lago. Esteve sentada algum tempo, olhando a calma e a limpidez de suas águas, mais claras agora, e que, em vez do verde, refletiam o azul puro do céu sem nuvens.

Deliciada, deitou-se de costas, no verde macio da relva, e ficou quieta, um pedaço de capim tenro entre os lábios entre-abertos, sentindo-se como se sempre tivesse feito parte daquela paisagem, como se vivera sempre naquele recanto do Paraíso...

★

Os dias correram, rápidos, e Ângela admirou-se ao verificar que já completara a sua segunda semana em Vista Alegre. Vivia feliz, risonha, uma canção permanentemente nos lábios e um rosado novo nas faces antes pálidas. Engordara, e o rosto, agora mais cheio, fazia-a parecer mais bonita, mais saudável. Uma grande amizade ligara-a a D. Isabel, e com ela ficava grande parte do dia, acompanhando-a nas inspeções diárias que fazia à lavanderia, à queijaria, ao depósito de frutas e legumes. Iam ao galinheiro enorme, cheio de aves de raça, e Ângela sentia prazer em recolher os ovos, em dar arroz cozido e milho socado para os pintinhos novos, cobertos de penugem amarela...

Via menos a Flávio, que passava o dia fora, no campo, chefiando o serviço dos empregados, mas sabia de muitas coisas a seu respeito. D. Isabel falava-lhe horas a fio no filho admirável que tinha, trabalhador e honesto, carinhoso e amigo. Contava-lhe os seus gostos, as suas predileções, a noiva que êle tivera e o noivado que fôra desmanchado três meses antes da data marcada para o casamento, porque Olívia não quisera sujeitar-se à vida de Vista Alegre.

Flávio ficara triste, mas a ferida não fôra profunda, pois logo cicatrizara. E agora estava êle, com vinte e nove anos, sem ter pensado mais em trazer uma espôsa para a casa de seus antepassados.

Pouco a pouco, Ângela foi descobrindo novas qualidades em Flávio, e nos passeios que fazia com êle, à noite, foi verificando como seus gostos eram similares, como pensavam da mesma maneira sôbre tantos assuntos.

Já agora não o comparava mais a Alfredo. Eram tão diferentes, os dois homens, que era ridículo querer comparar a seriedade de um, a satisfação que lhe vinha do dever cumprido, da vida sã que levava com a alegria quase infantil do outro, que vivia em busca de barulho e divertimento, de alegrias e prazeres. Mas o engraçado é que em Vista Alegre, tão distante da balbúrdia da cidade onde vivia, esquecida dos teatros e cassinos, das danças e dos cinemas, deixou de preocupar-se com Alfredo, e nas duas cartas que escreveu à mãe, nem perguntou se o namorado telefonara, pedindo notícias suas. Ao contrário, em suas cartas eram mais freqüentes os nomes de Flávio e D. Isabel. Agora já não sabia ao certo dizer se ainda preferia a beleza loura de Alfredo, ou se o seu conceito sôbre a beleza masculina havia mudado, com o seu convívio diário com Flávio.

★

Numa noite, conversavam os três diante do rádio, e Flávio dissera, virando-se para a moça:

— Regule o seu despertador para as cinco horas, amanhã, Ângela, que eu quero mostrar-lhe como se acondicionam os repolhos e a couve-flor que deverão seguir no trem, para a capital. Os caminhões que farão o transporte até a estação já estão prontos, só esperando a carga.

Enquanto Ângela lhe respondia, alegremente, D. Isabel levantara-se, e pretextando um serviço a fazer no seu quarto, retirara-se da sala.

Flávio e Ângela ficaram um momento em silêncio, e depois o rapaz convidara, levantando-se:

— Vamos andar um pouco, quer? A noite está tão bonita!

Saíram conversando e mais tarde Flávio perguntara:

— Você gosta mesmo de Vista Alegre, Ângela? Não sente saudades da cidade, dos cinemas, das diversões?

— Saudade nenhuma, Flávio! Eu não queria vir, foi mamãe quem insistiu muito e eu acabei cedendo... E agora dou graças a Deus por ter vindo, por conhecê-lo e a D. Isabel, por ver os requintes de beleza que nos prodigaliza a natureza nesta região... Gosto tanto daqui que você nem imagina!

— Pois eu fico muito contente que você pense assim, Ângela.

Suas mãos roçaram-se e Flávio aprisionou os dedos da moça, dizendo, com naturalidade:

— Seus dedinhos estão tão frios! Deixe-os esquentar-se, ao contacto dos meus...

O coração de Ângela bateu mais ligeiro e ela deu graças a Deus por ser noite e assim Flávio não percebeu o rubor que lhe cobriu o rosto. Seus olhos encontraram-se, sorriram um para o outro, e continuaram a passear, de mãos dadas, achando um novo encanto na beleza da noite, deliciados com o perfume de flores que flutuava no ar fresco e puro.

E daí a pouco, Ângela murmurou:

(Cont. no próximo número)

★

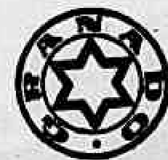
Para manter os seus móveis vivos e lustrosos, passe levemente, com uma flanela, óleo de peroba.



MUITÍSSIMO
MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientìficamente preparado, a um simples talco boratado!

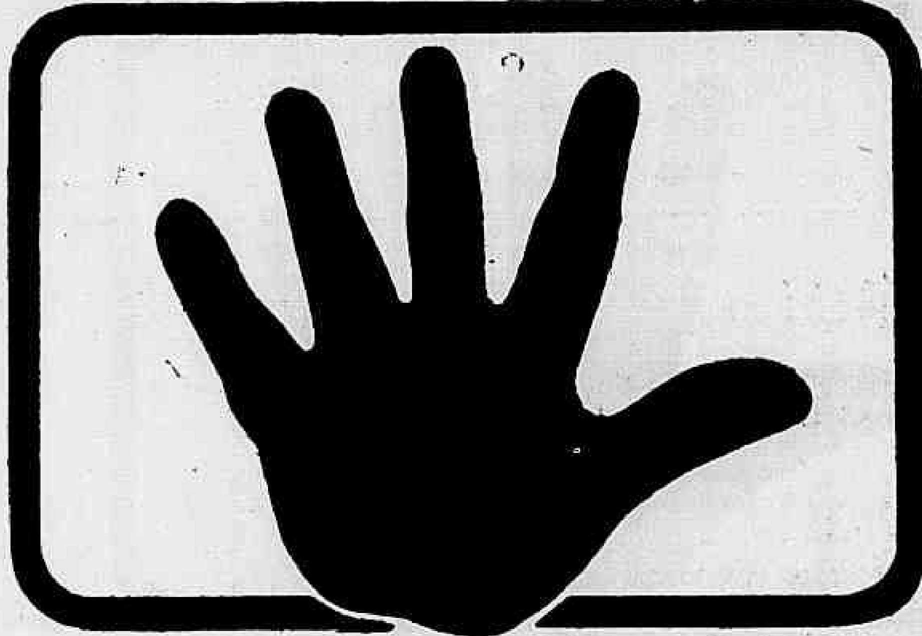
Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável... .



Polvilho Antisséptico

GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA.



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

MÚSICA

O BERKSHIRE MUSIC CENTER NO BRASIL - UMA INICIATIVA DE SERGE KOUSSEVITSKY, COM A COLABORAÇÃO DE ELEAZAR DE CARVALHO - APÔIO DO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAUDE

De ROBERTO LYRA FILHO

JÁ tivemos oportunidade de anunciar que o maestro Serge Koussevitsky, com a colaboração de Eleazar de Carvalho, está promovendo a criação de uma escola de aperfeiçoamento e altos estudos musicais, no Brasil, semelhante à que fundou e dirige nos Estados Unidos — o Berkshire Music Center.

A respeito, o maestro Eleazar de Carvalho nos transmitiu minuciosas informações, que divulgamos com satisfação:

Disse-nos êle:

— Cheguei ao Rio, em fins de setembro, acompanhado do dr. Serge Koussevitsky, que consegui trazer ao Brasil, depois de grande insistência, pois o ilustre mestre da regência durante tôda a sua vitoriosa carreira, jamais havia visitado a América do Sul. Coube, pois, ao Brasil esta honra e êste privilégio.

Durante o mês de outubro, colaborei com o mestre no preparo de seus programas e na elaboração de planos para a reestruturação da vida musical brasileira e nos projetos para fundação — no Brasil — de uma sucursal do "Berkshire Music Center"; ao mesmo tempo, trabalhava na organização dos meus programas que iriam constituir a última etapa dos concêrtos da O.S.B., na Temporada de 1949 e na realização do "Concurso da Juventude", um dos poucos levados a efeito sem protestos.

Sôbre o trabalho de colaboração com o mestre em seus programas que constituiram, sem dúvida, o ponto culminante da Temporada Sinfônica de 1949 e, sejamos honestos, o máximo acontecimento artistico realizado no Brasil até hoje, não constituiu nenhum mérito da minha parte, senão o de prestar o meu concurso à O.S.B., sendo intermediário entre ambos e demonstrando, assim, ao mestre um pouco da minha gratidão pelos ensinamentos dêle recebidos, pelo prestigio que, através dêle, alcancei nos Estados Unidos da América do Norte, e conseqüentemente, no Brasil, e pelas declarações que êle fêz à imprensa e ao meio musical de meu país sôbre meu modesto esfôrço, estudo e trabalho, chamando os "talento" e exprimindo-se de maneira sumamente honrosa para mim. Tudo que eu fizesse, portanto, para ajudá-lo a vencer as dificuldades de ensaios fatigantes, executados num curto espaço de tempo, e as dificuldades materiais do nosso meio, seria pouco, muito pouco mesmo..."

O BERKSHIRE MUSIC CENTER NO BRASIL

Prosseguindo, declarou-nos Eleazar de Carvalho:

— "O plano de reestruturação da nossa vida musical foi solicitado ao dr. Koussevitzky pelo sr. ministro da Educação, em entrevista especial a êle concedida. O ilustre visitante é um educador e S. Excia. o sr. Clemente Mariani é o ministro da Cultura, portanto, nada mais natural que solicitasse êste a aquêle sua opinião sôbre a nossa vida musical e sugestões para um aperfeiçoamento. Tudo que a observação do nosso ilustre visitante não pôde apreender, eu completei, informando-o das nossas necessidades e, especialmente, lembrando-lhe os meios de resolvê-las, dentro das nossas possibilidades. Muito brevemente, por isto, o público irá tomar conhecimento das providências que o sr. ministro prometeu tomar, de acôrdo com as sugestões que lhe foram feitas, por quem possui um passado de realizações, em diferentes paises, em tudo que concerne à educação musical: — o dr. Serge Koussevitzky."

O dr. Koussevitzky, no momento, está em entendimento com os diretores da Rockefeller Foundation e da Carnegie Foundation que, juntamente com a Koussevitzky Foundation iriam patrocinar, no Brasil, o "Berkshire Sul-Americano".

As declarações do maestro Eleazar de Carvalho anunciam um esfôrço no sentido de criar, entre nós, um centro de divulgação musical, sob a orientação de um mestre da autoridade e da competência de Koussevitzky. E, como a iniciativa se colocou sob o patrocinio do Ministério da Educação, contando com a bôa vontade do titular desta pasta, é possivel que o projeto se concretize numa magnifica realização.



Aspecto colhido por ocasião da colação de grau dos professorandos de 1949, da Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, no momento em que era entregue, pela professora Joanidia Sodré, o anel de doutorando à aluna Ludna da Mota Ferreira, que o recebeu em nome dos seus colegas. Presidiu a cerimônia o Reitor da Universidade.

CORREIO DA REVISTA

J.A. — Belo Horizonte — Fraco o seu conto "Formatura". Não pôde ser aproveitado.

M.D.M. — Salvador — Bahia "A fôrça do amor" não deu certo Mas não há de ser nada. Continui.

Romeu M. Cabral — Andradina — "O Louco" foi aprovado.

Clovis Bueno de Paiva — Belo Horizonte — Vai ser publicado o "Dr. Penteado".

M.D.F. — Recife — Não somente deve o conto ter caracteristica literária, fugindo ao aspecto de simples relato, como deve vir bem escrito, dentro da atual ortografia.

E. F. S. (Hamburgo Velho — R. G. do Sul) — Não foi aprovado o seu conto "Dúvida". Procure aperfeiçoar o estilo e o português.

M. de C. J. (São Paulo) — Não foi possivel. Seu conto "O curto idilio de José Maria" estava com sérias imperfeições vernaculares, especialmente quanto a regime de verbos e colocação dos pronomes complementos. Com um pouco mais de estudo de nossa lingua, poderá escrever melhor.

M. B. (Muriaé — Minas) — Estava muito fraquinho o seu "Fazedor de Contos". Procure outros motivos.

J. R. A. (São Paulo) — "José Pamplona" estava muito anêmico. Seu enrêdo bastante falho. Mas continui e não esmoreça.

A. B. M. (Rio) — Não foi possivel aprovar o seu "Ausência". Falta-lhe vigor literário, além de muito infantil a história. E não se esqueça de práticar bastante o problema da crase Isso é importante para quem deseja escrever para o público.

Ruth Maria (Rio) — Foi aprovado o seu conto. Continui.

Cecilia Loureiro (Rio) — Vai sair o seu excelente trabalho "A carta anônima" na página das novelas. Esperamos receber outros contos de sua lavra.

D. D. (Correias) — "Pétalas sôbre a mesa" tem menos número de páginas do que o minimo exigido pelo nosso regulamento. Por êsse motivo não pôde ser aceito. Quanto a "Página aberta ao vento", não chega a constituir um conto. Também não foi aproveitado, o que muito lamentamos.

Anônimo (Miracema, E. do Rio) — Recebemos o exemplar de "Avante!". Quanto ao aproveitamento de sua sugestão para a "Semana em Revista", o caso não se presta para tal fim. E' muito local.

José Fonseca Duarte (B. Horizonte). — Vamos dar busca na fila dos contos à espera de julgamento e lhe responderemos brevemente. Aguarde.

J. M. (São Paulo) — "As Jóias do Comendador" não pôde ser aproveitado. Continui.

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com óleo de peroba.



Atração magnética NOS OLHOS



STUDIO ERICO

O verdadeiro espetáculo de beleza está nos olhos das mulheres que usam Cilion. Cilion alonga, escurece e recurva os cilios e impede a formação de caspas e terçóis.

Prefira o TUBO GRANDE, rende mais e custa relativamente, muito menos.

CILION

embeleza e protege os olhos

BANCO DO COMERCIO S. A.

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro
Sede:
RUA DO OUVIDOR, 93-95
TEL. 43-8966
Agências no: Distrito Federal, Estado do Rio, Estado de São Paulo, Estado de Minas Gerais
★
Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio

A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado modernissimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº ....

NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 35,00

A SAÚDE DO BEBÊ

EXCESSO DE RESGUARDO E AGASALHOS

DR. SABOIA RIBEIRO

A proteção demasiada das crianças contra os agentes externos constitui êrro dos mais corriqueiros e freqüentes, aparecendo principalmente no mau hábito de segregá-las em quartos fechados, e no excesso de roupas, geralmente de lã, e enfaixadas, o que as transforma, por vêzes, em verdadeiros cartuchos, imobilizados, imóveis, pois tolhidas de poderem agitar os próprios bracinhos e perninhas.

As crianças, porém, não devem ser criadas como flores de estufa, assim debaixo de muito pano, ou debaixo da escuridão e de muito resguardo, no interior de quartos abafados.

Elas precisam de respirar um ar puro e constantemente renovado, e é êrro grave criar-lhes uma ambiência artificial de interior de aposentos fechados, jamais lhes permitindo que ponham à prova a sua capacidade de auto-regulação térmica em face das mudanças, da temperatura exterior.

Antes pelo contrário, essa capacidade deve ser experimentada desde as primeiras semanas, com as naturais cautelas, mas progressivamente. E' sabido que o aparelho regulador da temperatura dos bebês funciona um tanto precàriamente. Desde, porém, que a temperatura exterior ascenda em volta de 37º e nós outros demos de suar, já não se justificam lãs nem flanelas sôbre a criança, isso com a criancinha dos primeiros meses quanto mais com as mais crescidas.

Tais práticas no verão constituem atentados grosseiros à saúde da criancinha.

A criancinha deve ser criada respirando ar abundante e puro, em exposição à luz ampla, debaixo do sol brando, nas manhãs primaveris e nos dias claros e frescos. Protegida a cabecinha para evitar o estado de congestão das meninges, a exposição das pernas, braços e do tronco à ação direta dos raios solares determina o aproveitamento em condições ótimas do fósforo e do cálcio alimentares, opondo-se ao Raquitismo.

As crianças que vivem muito enclausuradas são justamente as mais sujeitas às doenças do aparelho respiratório. Resfriam-se a tôda hora.

O excesso de agasalho determina uma espécie de embotamento de certos centros nervosos, cuja função é precisamente nos defender contra as oscilações térmicas do ambiente.

No verão, principalmente, cumpre estar alerta com relação ao excesso de roupas da criança, pois nesse período, já por si, o calor ambiente abaixa a tolerância para os alimentos e diminui a capacidade digestiva do aparelho gastro-intestinal, retardando a produção e a quantidade da secreção gastro-entérica dos sucos digestivos.

A diarréia que durante o verão se apresenta entre as crianças não tem, na verdade, outra origem. Nessas ocasiões a diarréia de verão leva a dianteira às demais moléstias que vitimam as crianças numa dada região.

No estado de doença da acriancinha ainda impera em muitos lares uma rotina sob todos os pontos de vista péssima a respeito do excesso de resguardo com o doentinho. Conservam-nas fechadas no quarto durante todo o período de doença. No entanto, o arejamento do quarto constitui cuidado essencial no tratamento de tôdas as doenças da infância, qualquer que seja a sua localização e principalmente do aparelho respiratório. Realmente, não há moléstias que exijam segregar a criança num quarto fechado, seja uma gripe, sarampo, ou pneumonia.

Ao contrário, se o ambiente é mal ventilado e saturado, muito maior é a tendência das moléstias a se complicarem, pois o ar confinado traz apenas o abaixamento da resistência geral do doente, e o seu organismo, nessa emergência, tanto luta contra a moléstia como contra os fatores desfavoráveis do ambiente.

Devemos dar oportunidade aos micróbios de sairem pela janela e não trancafiá-los com o doente no quarto, podemos dizer, repetindo um conceito de um grande pediatra, encarando a questão.

E' muito mais importante para a saúde da criancinha uma vigilância atenta para o ambiente em que respira e em que convive, do que de referência ao temor dos resfriados, que se pretende resolver com excessivas flanelas e lãs, e aposentos fechados e escuros. Semelhante conduta constitui sempre um grave êrro.

E' comum verem-se, entre nós, lactentes com pneumonia hermèticamente trancados num quarto com meia dúzia de pessoas evoluindo em tôrno dêles, as quais "pretendem" ajudar a mãe no tratamento de seu filho. Comentando êsse quadro, escreve Chiaffarelli: "Isto é criminoso. Em primeiro lugar, o que mais falta faz ao pneumônico é o ar; o melhor, o único remédio indispensavel para a sua cura é o oxigênio. Tendo o lactente dupla necessidade de oxigênio pelo bloqueio de parte de sua área respiratória, é claro que sòmente o ar livre, e isto só em parte, poderá satisfazer as suas exigências e prover à fome de ar.

Seqüestrá-lo num ambiente irrespirável significa cortar-lhe o fornecimento de material necessário à sua cura e equivale a um assassinato. As comadres amontoadas no seu quarto deviam ser condenadas por furto, pois roubam-lhe o oxigênio, exalando gás carbônico, que contribui para a asfixia do lactente.

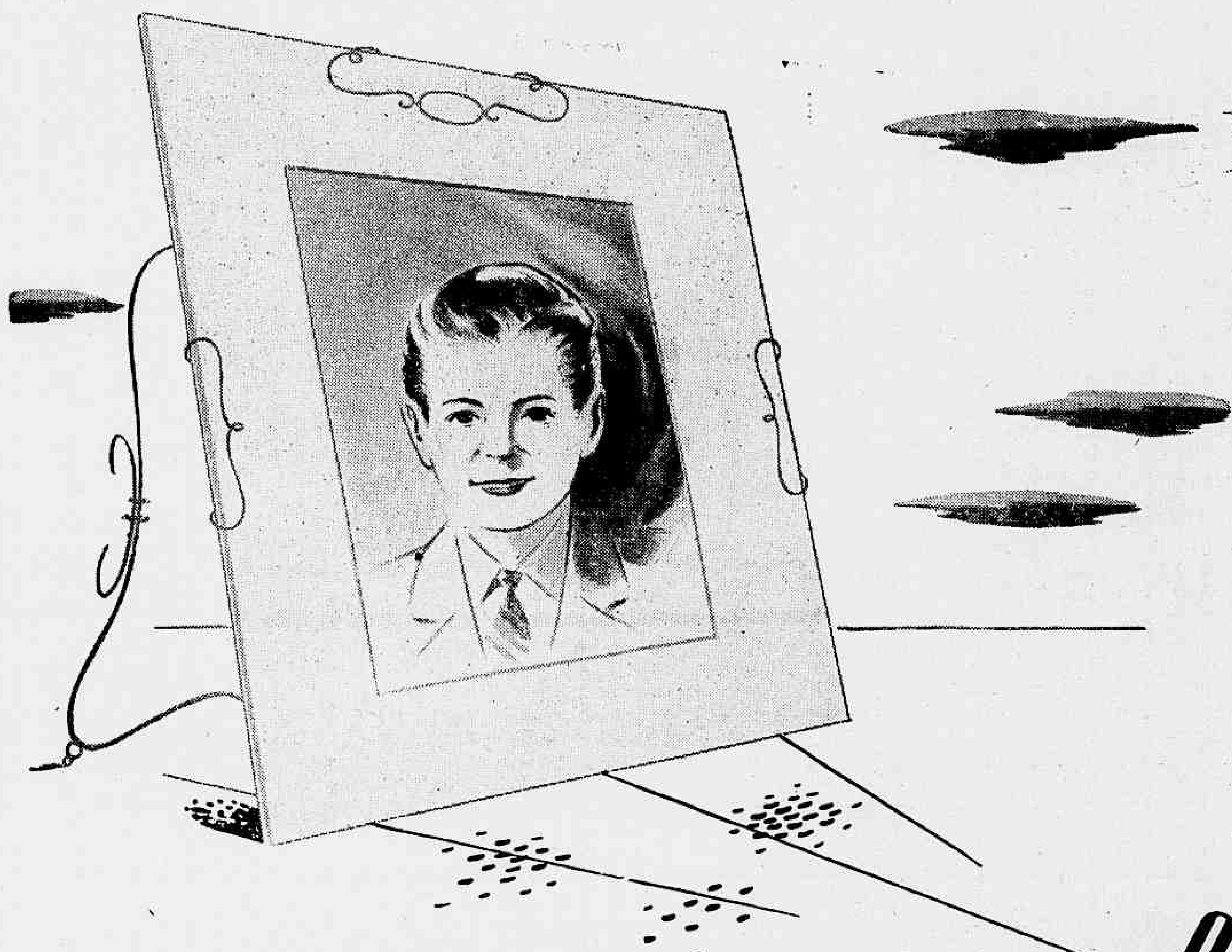
Não é a mesma coisa o lactente estar dentro do quarto com as janelas abertas ou fora de casa. A movimentação do ar, fora de casa, a ligeira brisa, o ar livre, enfim, têm certas propriedades insubstituíveis. O ar do jardim, do terraço, de certos logradouros públicos, é mais puro.

O movimento de ar age como estimulante e tônico geral, produzindo leve massagem continua da pele e dos tecidos do lactente, conferindo-lhe as belas côres que são o apanágio da criança criada ao ar livre. Aumenta o apetite, favorecendo as trocas nutritivas pelo aumento da circulação perífica.

Robustece a criança, tornando-a mais resistente a resfriados e gripes. A luz, o sol indireto, ajudam a fixação dos sais calcáreos e das vitaminas, elevando a imunidade do lactente e fortificando-o."

★

A beleza dos seus móveis consiste ùnicamente em tratá-los constantemente com óleo de peroba.



advogado
engenheiro
médico ou...?

Seu futuro depende do presente - da sua capacidade para dedicar-se aos estudos. Depende das energias que o Tônico Infantil fornece ao organismo da criança. Contendo em sua fórmula fósforo, cálcio, arsênico, iôdo, tanino e vitaminas - os elementos de que as crianças mais necessitam na idade escolar - Tônico Infantil permitirá a seu filho ser, hoje, um colegial exemplar... amanhã, homem de verdade.



TÔNICO INFANTIL

QUE SAUDADES DO REI

(Cont. da pág. 12)

tahbém funcionário da Polícia. "Papai" — como o chamam os colegas de redação, é francamente da fuzarca. Para conservar as tradições da "dinastia", mantém uma côrte lusídia: seu secretário, o "Conselheiro Pipoca", que é o redator Pilar Drumond, e tôda uma escala de nobreza: "Duque de Ki-Fá-Fá" (Ney Machado), "Barão das Águas Turvas" (Pompílio Silva), "Conde Chicago" (Alarico Lisboa), "Conde Trovoada Sêca" (Silvino Gonçalves), "Marquês da Fala Mansa" (caricaturista Mendez) e outros foliões de primeira linha. E o rapaz promete abafar!

★

Mas, para atrapalhar o seu reinado, existe outro Rei Momo, não menos bamba. Pelo contrário, uma grande figura, um rei que tem a maior barriga do mundo e bebe 50 "chopps" sem perder a consciência... Eduardo Wilson, de "O Mundo", é um Rei democrata. Procura o povo, a gente que faz o carnaval da rua, os pequenos clubes e ainda arranja tempo para comparecer aos grandes, conseguindo, dessa forma, muito prestígio. Eduardo é motorista profissional, e em casa tem espôsa e alguns "brotos" para sustentar. Trabalha muito o ano inteiro, mas deixa o "batente" de lado nas véspera do carnaval. (O jornal lhe paga as despesas, com um saldo ainda de uns dez mil cruzeiros mensais — dezembro, janeiro e fevereiro). Todo mundo extranha que haja dois Reis Momos. Por isso perguntamos ao seu atual "secretário" o "K-Tuca" das colunas foliônicas de "O Mundo", porque e quando tiveram a idéia de lançá-lo. O conhecido cronista então nos respondeu que "O Mundo" resolveu lançar "S. M., o Rei Momo II, Imperador da Folia", porque, "com a morte de Morais Cardoso, "A Noite" não demonstrava grande intenção de prosseguir com o personagem que o povo consagrara — disse — e, assim procedendo, "O Mundo" visava perpetuar a memória do grande folião desaparecido e ao mesmo tempo não deixar a cidade sem o já tradicional Rei da Folia". "A Noite" e "O Mundo", por isso vivem se digladiando pelas respectivas colunas carnavalescas, e cada qual procura cercar de maior prestígio o seu Rei Momo. Nessa brincadeira os dois jornais gastam bom dinheiro, cêrca de cem contos por ano, cada um. Mas, não faz mal, o Rio é muito grande e o nosso Carnaval o maior do mundo. Dessa forma, dois Reis Momos só podem vir trazer mais alegria aos foliões da cidade. E "O Radical" aderiu, lançando êste ano o "General da Banda", encarnado pelo conhecido sambista "Black-Out", para comandar a Folia também...

A boa aparência é tudo. Embora velhos os seus móveis, torne-os novos aplicando óleo de peroba.

E' dever de um lar a perfeita conservação dos móveis e isso se obtém com óleo de peroba.

No reduto do "Velho Bernardes"

(Cont. da pág. 21)

do Espírito Santo, e os seus 17 deputados, os srs. Artur Bernardes, Mário Brant, José Esteves, Felipe Balbi, Tristão da Cunha e Jaci Figueiredo — por Minas; Altino Arantes — por S. Paulo; Amando Fontes, Carlos Valdemar e Godofredo Diniz — por Sergipe; Teódulo de Albuquerque — pela Bahia; Carlos Medeiros e Paulo Afonso de Rezende — pelo Espírito Santo; Bento Munhoz da Rocha — pelo Paraná; Crisanto Moreira da Rocha — pelo Ceará; Eurico Souza Leão — por Pernambuco e Lino Machado — pelo Maranhão. O único trânsfuga do partido foi o sr. Eurico Souza Leão, que se passou para o PST, o partido do senador Vitorino Freire. Entre os candidatos à deputação federal pelo P.R. em 1945, figuravam os conhecidos poetas Augusto Frederico Schmidt e J. G. de Araújo Jorge e a escritora Maria Eugênia Celso. Não foram eleitos, porém.

Na órbita regional, elegeu sob suas legendas 47 deputados às assembléias Legislativas, sendo 14 em Minas, 8 no Maranhão, 7 em Sergipe, 4 no Espírito Santo, 4 no Paraná, 3 na Bahia, 3 em Pernambuco, 3 em São Paulo e um no Estado do Rio, além de 5 vereadores no Distrito Federal. No Rio Grande do Sul, terra de dois conhecidos caudilhos políticos nacionais — Borges de Medeiros e Júlio de Castilhos — estranhou-se que o P.R., ao qual aquêles dois elementos sempre pertenceram, não tivesse conseguido eleger um único representante sequer. Os cinco vereadores do P.R. carioca foram os srs. Júlio Cesário de Melo, que renunciou, dando lugar à suplente, professôra Mercedes Dantas; Benedito Mergulhão, que tendo conseguido um bom emprêgo (12.000 cruzeiros como fiscal de alguma coisa) na Prefeitura, também renunciou, cedendo o lugar para outro suplente, sr. Gustavo Martins; Álvaro Dias, que passou-se para o PTB; Luiz Gama Filho, idem, indo para a UDN e depois dessa para o PSD, e a sra. Sagramor de Scuvero, que também mudou, indo para o PTB. Como se vê, os "republicanos" do Rio são francamente do movimento.

O P.R. tem um representante no govêrno, o ministro da Agricultura, sr. Daniel de Carvalho, por fôrça do "Acôrdo Inter-Partidário".

★

Há um caso a contar sôbre as eleições de 47, para governador dos Estados, que se liga ao P.R. No Maranhão êle é bastante forte, e foi de lá que veio o melhor deputado do partido, o cel.-médico Lino Machado. Na capital do Estado, a sua maioria é absoluta, mas devido à extrema desunião que imperou entre os partidos de oposição, o candidato do senador Vitorino Freire, sr. Archer da Silva, venceu (o sr. Vitorino, apadrinhado pelo presidente Dutra, tem um grande eleitorado). Mas, não convenceu, porquanto obteve apenas 31% da votação do Estado. O Maranhão foi o único Estado brasileiro onde houve 4 candidatos ao govêrno: o do PST e mais os srs. Lino Machado, do P.R.; Públio de Melo, da UDN; e Genésio Rêgo, do PSD. O caso a que nos referimos é mais grave, porém. E' voz corrente no Maranhão que o procurador geral do Estado, sr. Edson Maranhão, com um membro do Tribunal Regional Eleitoral, na calada da noite, fizeram uma visita às urnas recolhidas à capital do Estado para serem devidamente apuradas e disso teria resultado u'a mágica eleitoral semelhante àquelas tão comuns no tempo da "República Velha"... e o prejudicado teria sido o sr. Lino Machado. Dizem os "boquirrotos" (com licença do sr. Benedito Valadares...) que as fitas que circundavam as urnas foram rompidas e depois de feito o "serviço", colocadas outras iguaizinhas no seu lugar! Será verdade?

★

O P.R. no Distrito Federal e nos Estados mantem diferentes seções para o trato do eleitorado: Departamento Trabalhista, Departamento Social (no Rio dirigido por dona Maria Portugal Millward), Departamento Feminino (o carioca é dirigido por dona Maria Amélia Nunes da Fonseca) e Departamento Estudantil. No D.F. o partido compreende 36 sub-seções. Por enquanto, porém, nem tôdas estão funcionando normalmente. Os atuais dirigentes republicanos cariocas são os srs. Mário Barbosa, presidente; Hugo Ramos Filho, 1º vice-presidente; dona Mercedes Dantas, 2º vice-presidente, e Sales Neto, secretário geral.

★

Onde o P.R. mais surpreende ao observador político é no que diz respeito ao programa traçado para o partido. Entre outras coisas, se propõe o P.R. lutar de tôda forma contra a alta do custo da vida e bater-se pela responsabilidade efetiva de todos os agentes do poder público, a suspensão total dos impostos sôbre a pequena propriedade, o policiamento dos ajustes e combinações de emprêsas ou grupos, a fim de combater os monopólios nocivos, além das medidas de proteção ao trabalho, à indústria e à lavoura que todos os partidos igualmente prometem. Falando perante os convencionais do partido em Belo Horizonte, o sr. Artur Bernardes expressou veementemente que um dos pontos básicos do programa do P.R. tem que ser a luta pela elevação do nível moral do país em todos os setores, nomeadamente nos da educação, da administração, da formação da família e no da política. Levantou, também, a bandeira da "abolição do regime policial que ainda perdura depois de 29 de outubro em alguns Estados e municípios do país, que vivem sob o despotismo de elementos militares ou de régulos civis" — disse. Frizou a necessidade de se "promover o ensino profissional, para reduzir o número de candidatos a emprêgo público", e, terminando, opinando sôbre qual o regime mais conveniente ao Brasil, se o presidencialista ou o parlamentarista, declarou-se parlamentarista, mas deixando que seus correligionários da Câmara e Senado votassem de acôrdo com as suas preferências. Mais que tudo quanto o partido promete fazer, vale, no entanto, a ação que o sr. Bernardes vem desenvolvendo em defesa das riquezas nacionais, combatendo enèrgicamente pela imprensa e pela tribuna da Câmara o "Instituto da Hiléia Amazônica", que diz ser uma ameaça à soberania brasileira sôbre a imensa e rica bacia do Amazonas, e a entrega da exploração do nosso petróleo aos "trusts" estrangeiros, sendo, aliás, um dos presidentes de honra do "Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional", razão porque seus inimigos (no caso os amigos dos "trusts" taxaram-no de filo-comunista, ao que reagiu valentemente, dizendo que não tinha receio de dar a mão a êstes desde que sempre fôsse boa a causa por êles defendida), e bem ainda o célebre caso dos minérios de ferro de Itabira. O sr. Artur Bernardes tem se mostrado de uma austeridade implacável para com os "trusts" internacionais. A propósito, tendo Epitácio Pessoa dado concessão a um grupo financeiro britânico para a exploração do minério de Itabira e o uso livre do pôrto de Vitória, embora precisasse do apoio do então presidente da Republica para a sua campanha presidencial, combateu sem vacilações a medida. Não foi ouvido. Eleito presidente, porem, anulou a concessão!

O P.R., não fôsse a projeção nacional do sr. Artur Bernardes, que é para o partido o que sr. Getúlio Vargas é para o PTB, seria uma agremiação apagada, em face do grande prestígio popular com que surgiu a U.D.N., com o brigadeiro Eduardo Gomes na fachada. Muito se pode discordar do "velho Bernardes", mas, por outro lado, muito se tem que aplaudi-lo também. O P.R. espera crescer na votação de outubro dêste ano. De qualquer forma, porém, é grande a sua influência no momento político brasileiro, e já se tem ouvido vozes propalando a candidatura do sr. Artur Bernardes à sucessão do general Dutra. Parece-nos, no entanto, que o P.R., por enquanto, pelo menos, terá que se contentar em apenas ser ouvido, e a sua opinião vale muito.

FENIANOS

(Cont. da pág. 51)

carros de crítica. Uma vez confeccionaram um préstito alegórico a que deram o título de "O Triunfo de Júpiter". Representava o busto do Imperador D. Pedro II, com u'a mancha preta no rosto, querendo criticar com isso o comércio dos escravos que tanto depunha contra o govêrno do país, repercutindo desfavoràvelmente no conceito entre as outras nações. O então Chefe de Polícia, tendo sido advertido das intenções dos Fenianos, proibiu a saída do préstito, por ser atentatória à dignidade do Imperador. Êste, pôsto a par dos acontecimentos, chamou o sr. Ludgero Gonçalves da Silva, o já citado Chefe de Polícia, ao Paço, para dar-lhe satisfações, revogou a ordem do seu auxiliar de confiança e permitiu a saída dos préstitos dos Fenianos, para que êles, uma vez mais, levassem para as ruas da metrópole um pouco de alegria para o povo carioca, árdua missão que estavam cumprindo desde a fundação.

Como revolucionários, os Fenianos conspiraram, preparando e ajustando a queda do regime monárquico. Cediam sua sede para as reuniões dos que desejavam um Brasil republicano, organizado e forte. Enfrentando todos os perigos, faziam da sede do clube o Q. G. e era ali que se refugiavam Lopes Trovão e Silva Jardim após os comícios que realizavam no largo de São Francisco e no antigo largo do Rocio, quando perseguidos pela "Guarda Negra".

Durante tôda a sua vida grandemente acidentada, não foram poucos os dissabores e os contratempos que o clube teve de sofrer pelo seu ideal republicano. Nossas sedes várias vêzes foram prêsas das chamas, coisa que, no século passado, era muito comum, devido à iluminação a querozene e a gás. Do grande incêndio, porém, que a 20 de abril de 1886 destruiu a nossa sede à Rua do Teatro 35, houve quem suspeitasse ter sido obra de mãos criminosas, para impedir que os Fenianos continuassem a fazer ostensivamente a propaganda a favor da libertação dos escravos e da proclamação da República. Êsses incêndios assim como as várias trasladações para as diferentes sedes, contribuiram muito para que andassem perdidos a maior parte dos troféus ganhos nas competições carnavalescas, os documentos que poderiam ter enriquecido nossos arquivos e uma porção de outros próprios do clube. Contudo, nunca nos deixamos abater pela fatalidade, pelo contrário, êsses contratempos serviram de estímulo para lutar com denodo sempre maior em defesa dos nossos ideais.

Os Fenianos estiveram presentes na vida da cidade não só durante os momentos de alegria, como também quando a desgraça, nas suas diferentes formas, se abatia sôbre a humanidade. Numerosos foram os bandos precatórios que os Fenianos fizeram percorrer as ruas do Rio para angariar donativos em favor das vítimas das catástrofes de Andaluzia, em 1885; da cidade de Campinas, em 1889; do couraçado Solimões, em 1892; da Barca Terceira, no mesmo ano; da sêca do norte, em 1904; da Calábria, em 1905; da ilha do Caju, em 1925. Várias instituições de caridade contaram com os donativos dos Fenianos, entre elas: Asilo D. Bernardina Azeredo, Asilo Menino Jesus, Recolhimento Amante da Instrução, hoje Recolhimento João Alves Afonso.

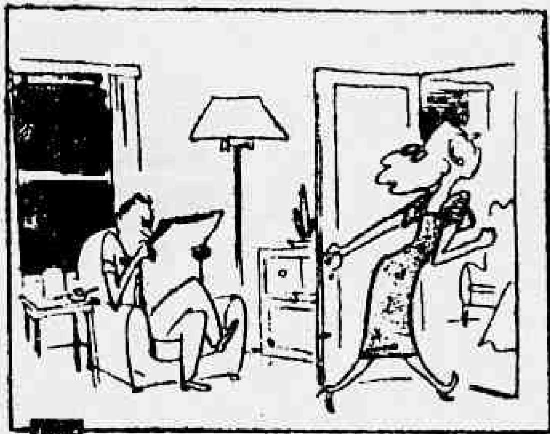
Para terminar a reportagem sôbre a vida do veterano Clube dos "Gatos", que obedece às ordens do presidente Antenor Soares Ferreira, o popular "Mamãe", transcrevemos o estribilho de uma glosa que os Fenianos costumavam cantar sempre que os Democráticos desistiam de apresentar seus préstitos e que nos foi lembrado por uma veterana sócia do Poleiro:

...Ficar sòzinha assim em casa
E da janela contemplar a lua,
Deixa de ser "Aguia", és uma pirua,
Carnaval é cá na rua!
Pirua! Pirua! Carnaval é cá na rua!...

Pasta Dentifrícia
S.S.WHITE
O DENTIFRÍCIO INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES

LAR, DOCE LAR...


1

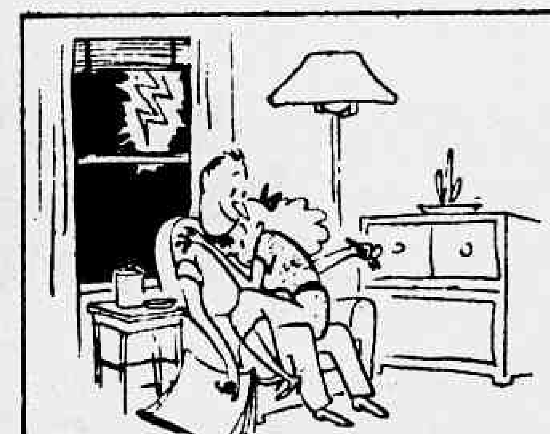

2


3


4


5


6


7

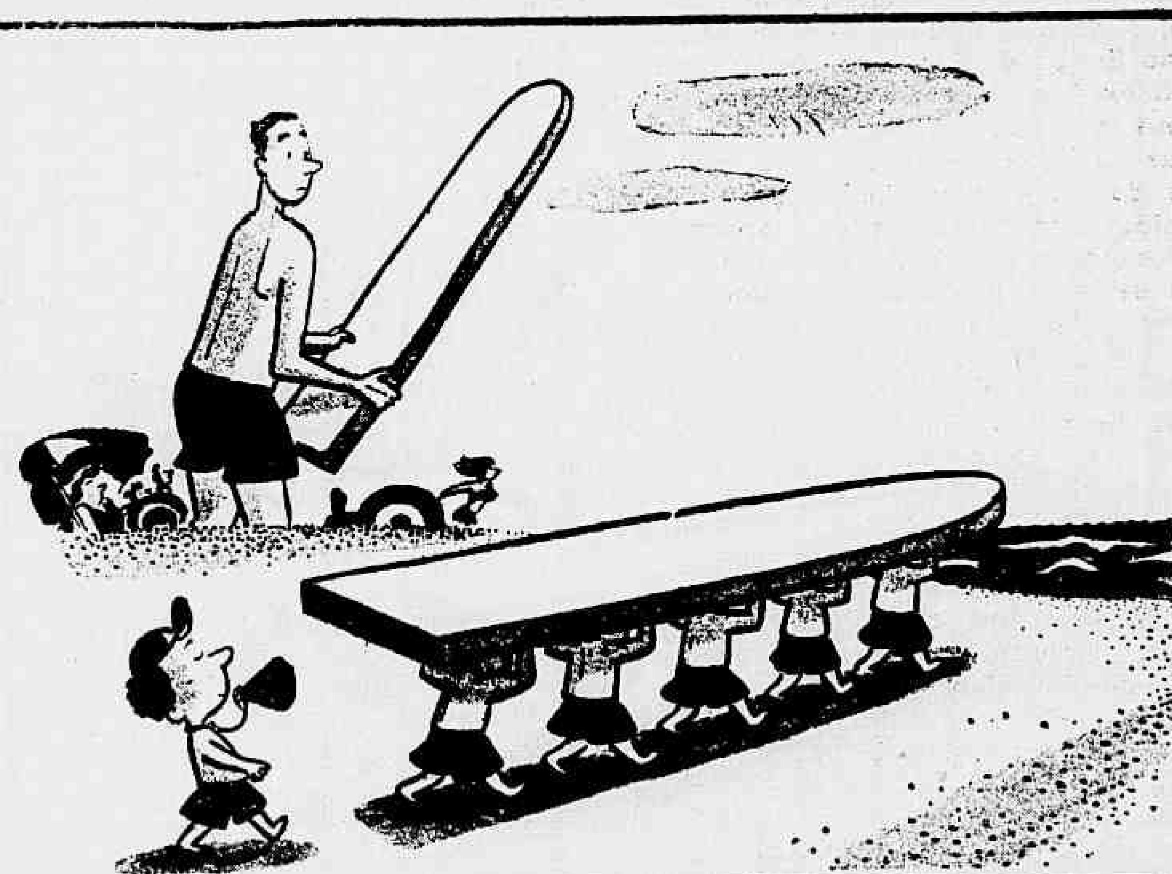

8


9


10



— Bem querida, acso que já é tempo de você se levantar e fazer um pouco de café...





— Ótimo, ótimo, cavalheiro, sua esposa está ouvindo o programa. Apresente-nos então a senhorita que está consigo.



FENIANOS ONDE SE CONSPIROU PELA ABOLIÇÃO

Lopes Trovão e Silva Jardim refugiavam-se no "Poleiro" durante a campanha republicana ★ Os irlandeses de Ralph ★ Barrete frígio em plena monarquia ★ A origem do nome do clube e dos seus símbolos ★ Outras notas pitorescas

Reportagem de SABINO CANALINI

FENIANOS é um símbolo e uma tradição nos festejos da cidade ao Rei Momo. Dos mais antigos clubes carnavalescos, mantém acesa a chama da folia durante o ano inteiro

UMA das coisas mais ingratas é a de historiar acontecimentos que já vão longe, baseando-se apenas em recordações transmitidas oralmente pelos indivíduos interessados no assunto. E' o caso das sociedades carnavalescas que estamos visitando para uma série de reportagens anteriores à semana da folia. Elas não possuem arquivos, nem documentos que possam comprovar o que dizem a respeito de seus clubes. Têm tradição, e nós, acatando essa tradição, relatamos o que ouvimos, deixando aos historiadores da cidade a tarefa de melhor pesquisar o aparecimento e a vida dessas entidades carnavalescas.

A nossa segunda visita fêz-se ao "poleiro" da Rua Álvaro Alvim, onde fomos atendidos pelo tesoureiro, sr. Arlindo José das Neves — o popular "Pirolito" — pelo sr. Antônio de Souza — o não menos popular "Comendador" — e, finalmente, pelo vice-presidente Joé Salgado — "Zezé", para os consócios. À boa vontade dêsses três veteranos fenianos, pois contam com mais de trinta anos de vida social no clube do barrête frígio, em que entraram quando crianças, devemos tôdas as informações que seguem.

A palavra Feniano deriva de Fionu ou Finn, nome de



Elza, uma das folionas do clube, após declarar que "uma vez feniana, sempre feniana", aproveita uma pausa de descanso para os músicos e repousa também um pouco

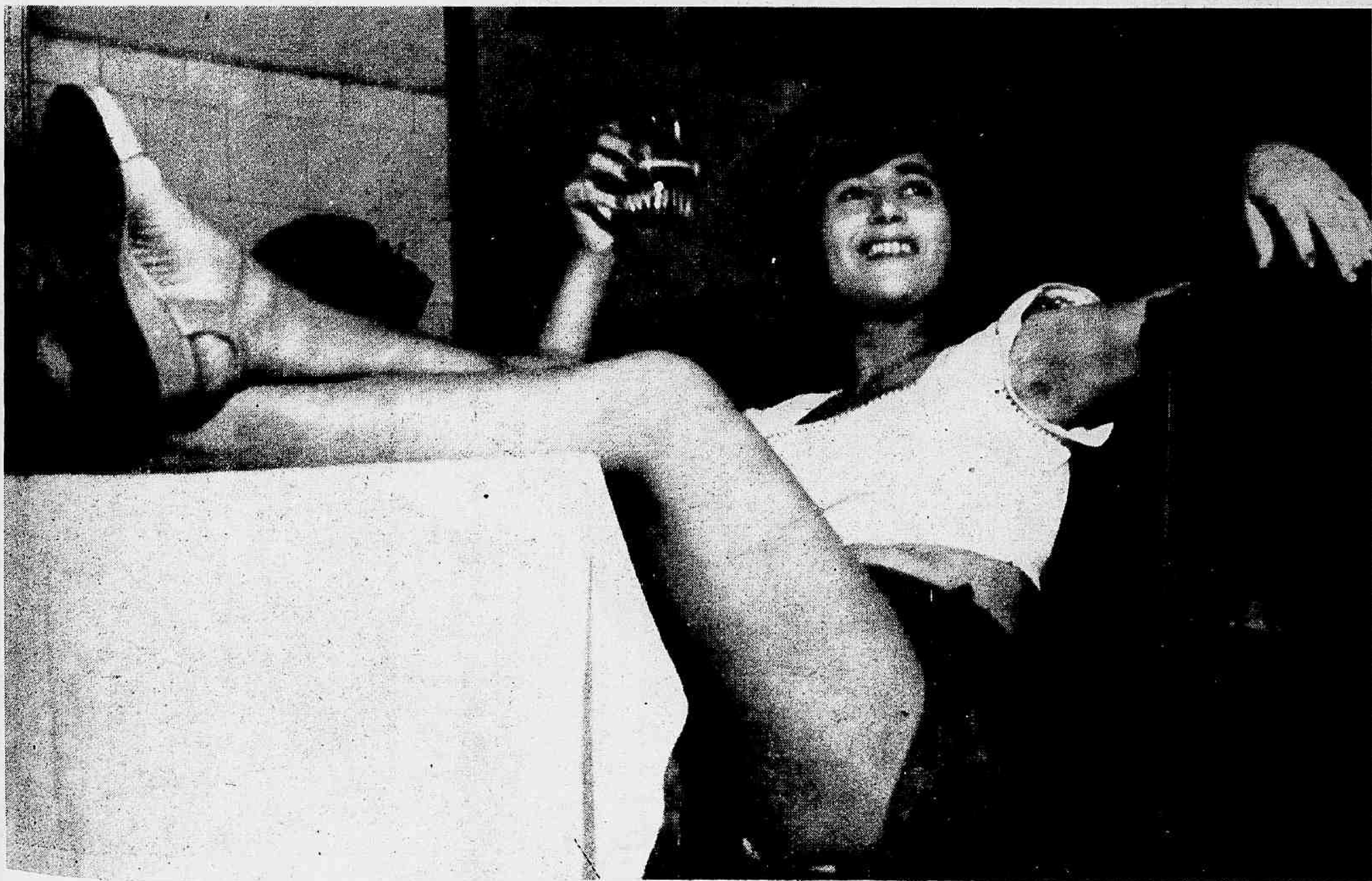


Reprodução do escudo do clube. Encimado pelo barrete frígio, que simboliza a República, ostenta ainda o sol representando a liberdade, e a lira para designar a música, o canto e a dança, a trilogia suprema da Folia

um herói irlandês que viveu em fins do século III, ainda lembrado nos cantos populares de sua terra. Pois em 1861, uma facção extremista do partido nacionalista irlandês, chefiada pelo liberal Ralph, começou a lutar para subtrair a Irlanda ao domínio inglês e fundar uma república independente. Em homenagem ao antigo herói, êsse grupo tomou o nome de "Fenianos", enchendo o mundo de admiração pelos ideais de liberdade, de independência, de amor pátrio e de sacrifício de que sempre deram exemplo. De 1865 a 1868 mais se acentuou aquêle movimento revolucionário, espalhando-se por tôdas as Américas a repercussão de seus feitos. Já então existia em nosso país uma forte corrente republicana e democrática. José do Patrocínio, Silva Jardim, Evaristo da Veiga, Quintino Bocaiuva e Luiz Beyruth formavam a vanguarda dêsse movimento e resolveram fundar uma sociedade carnavalesca a que deram o nome de "Fenianos", em homenagem à luta titânica que a pequenina, porém, valente, Irlanda, mantinha contra a prepotente e imperialista



Pulando e cantando, esquecem, durante algumas horas, a vida banal do resto do ano, para transbordar em seus gestos e gritos, tôda a alegria de viver, que as conveniências sociais impedem que sejam externadas livremente



Após haver dançado e pulado a noite tôda, Irene, outra frequentadora dos Fenianos, ca pacete de lanceiro na cabeça, pernas em cima da mesa, descansa para retornar ao salão



Música maestro! Os componentes da orquestra não têm descanso, e para repousar deixam os seus substitutos



No auge da folia elas assumem atitudes extravagantes. Can-can no Folies Bergéres?... Não... Nos Fenianos!



Essa deve ser legítima foliona, dos quatro costados. Fêz questão de posar abraçada a duas bandeirolas do clube

Albion. A fundação dos Fenianos data de 8 de dezembro de 1869. As côres escolhidas foram a branca e a vermelha. O lema adotado: "Tudo pela liberdade, tudo pela república". O escudo simbolizava seus ideais: em forma de brazão, era encimado pelo barrête frígio, que representava a república. Imaginem, em plena monarquia, ostentar acintosamente ideais e símbolos republicanos! Havia mais o sol, representando a liberdade; e a harpa, representando a música, a dança e o canto. Outra figura ainda passou a fazer parte dos símbolos do novo clube: o gato prêto. E' que a Sociedade Política dos Fenianos da Irlanda tinha um gato prêto simbolizando a liberdade, a harmonia e a paz entre os povos. Êste símbolo caiu tanto no agrado do povo, que até hoje os Fenianos são conhecidos e chamados de "gatos".

A primeira sede da sociedade foi num velho casarão, conhecido por "poleiro", situado na Travessa do Teatro. Era pequena e portanto insuficiente para conter o grande número de foliões que desde o início passou a freqüentar o clube. A diretoria, então, decidiu promover as festividades e as reuniões dançantes nos teatros, ora num, ora noutro, conforme estivessem vagos. Êste contínuo perambular pelos vários locais, mais a já conhecida e generalizada denominação da primitiva sede, provocou o espírito alegre do carioca que, para glosar dos "gatos", começou a dizer que os Fenianos viviam de "poleiro em poleiro". Isso também pegou, e até hoje a sede do clube é geralmente chamada de "poleiro".

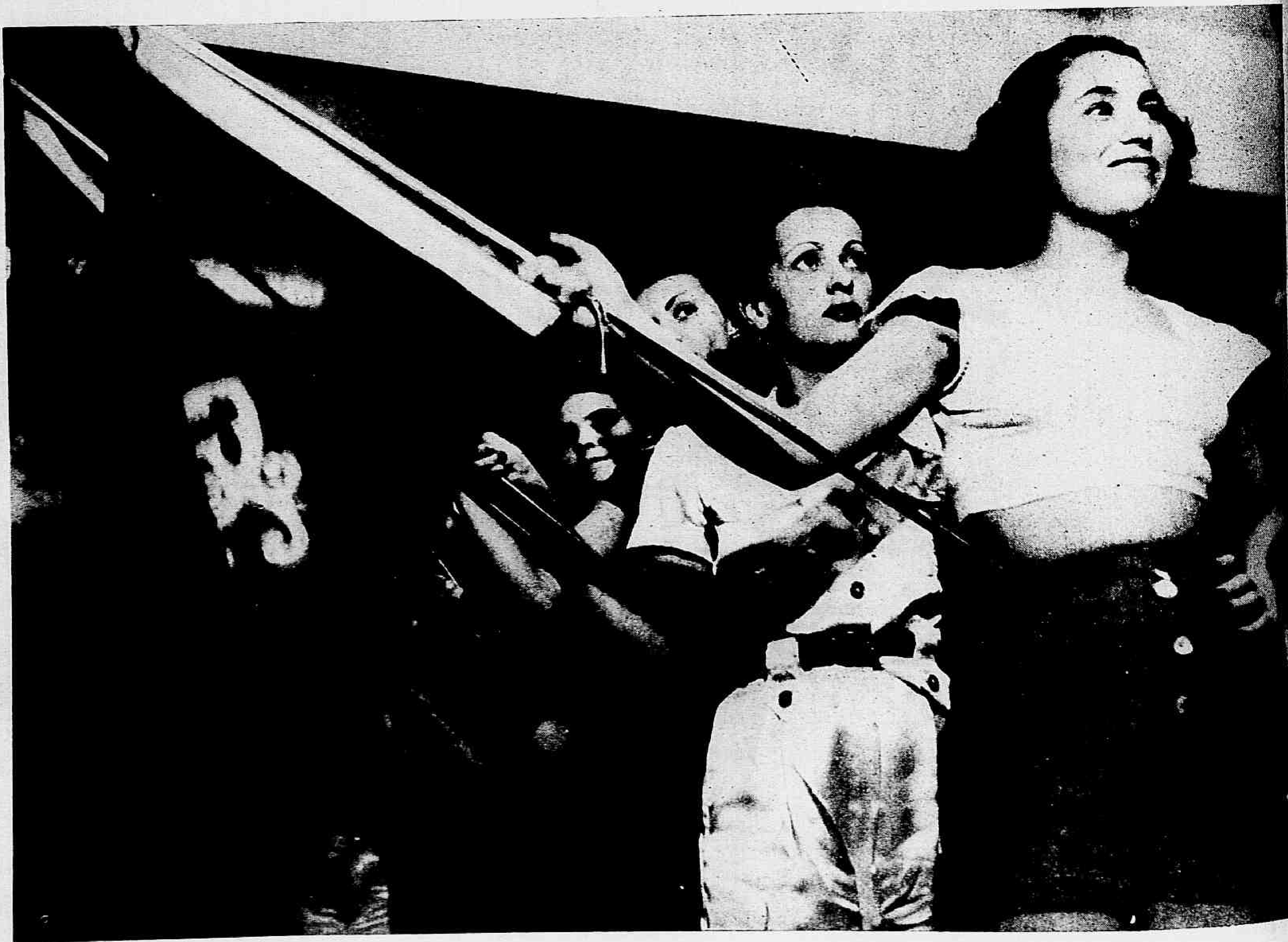
— Em seguida ao "poleiro" da Travessa do Teatro, perguntamos, em quais outros lugares "os gatos se apoleiraram"?

— Fomos para a Travessa São Francisco de Paula, respondeu o sr. José Salgado, vice-presidente do clube, depois para a Rua Evaristo da Veiga, para a Rua da Conceição, para a Rua Sete de Setembro e enfim para êste "poleiro" da Rua Álvaro Alvim, de nossa propriedade. Talvez não venha a ser o definitivo, pois já é pequeno para o nosso quadro social que consta de setecentos sócios, obrigando-nos a recusar e selecionar novas adesões, mas pelo menos é nosso e constitui a realização do sonho dourado de várias gerações de Fenianos.

— Sôbre as atividades carnavalescas do clube, o que sabem que possa nos interessar?

Tomando a palavra, o sr. Arlindo José das Neves, tesoureiro do clube e apelidado de "Pirolito", esclareceu:

— Entrando no terreno das competições carnavalescas, o Clube dos Fenianos, cuja principal finalidade era o Carnaval externo, encontrou, já em atividade o Clube XX, hoje dos Democráticos. Êsse carnaval consistia em passeatas a pé, com painéis e archotes. Em 1871, demos novo aspecto ao carnaval, fazendo desfilar os primeiros carros de idéias, dois carros alegóricos e dois de crítica. Em 1873, apresentamos uma novidade que nos valeu uma estrondosa e irrefutável vitória: o primeiro carro maquinado. Naturalmente havia um só movimento, mas bastou isso para arrebatar a multidão. De então para



Na hora do brinquedo, ninguém pode com elas. Desde muito antes do Carnaval, a turma dos Fenianos se entrega de corpo, alma e coração, aos prazeres da dança e da folia



ESTRILAM OS TROMBONES, ZABUMBAM OS TAMBORES, CANTA O "CROONER", MAS ÊSSES NÃO OUVEM O CONVITE E FAZEM A FARRA SÒZINHOS, REFRESCANDO AS GARGANTAS SÊCAS DE TANTO GRITAR QUE "CHEGOU O GENERAL DA BANDA"



cá, os outros clubes nos imitaram, e o carnaval da têrça-feira gorda foi evoluindo, até chegar à atualidade, em que as sociedades apresentam os majestosos préstitos, e em que nós Fenianos fazemos tudo o que podemos para sair à rua com carros enormes, luxuosos, cheios de movimento, de graça, de beleza e principalmente de arte:

— Quais os nomes dos artistas que mais contribuiram para o sucesso de seus préstitos, e quais foram os carnavais e os carros que fizeram época na história carnavalesca do Rio de Janeiro?

— Entre os artistas — respondeu o sr. Antônio de Souza, o "Comendador" do "poleiro" — contam-se Fiuza Guimarães, André Vento, Manuel Faria e Jaime Silva. Dos carnavais, o maior foi sem dúvida o do Jubileu do Clube, em 1919. Apresentamos um préstito representando a entrada triunfal de Radamés no Egito. Outros préstitos que ficaram na memória de todos pelo fausto e grandeza que ostentavam, foram o "Rapto das Sabinas" e a "Fantasia do Hino Nacional", no qual se via Francisco Manoel da Silva tangendo uma lira, soberba escultura de Humberto Cozzo e Paraná.

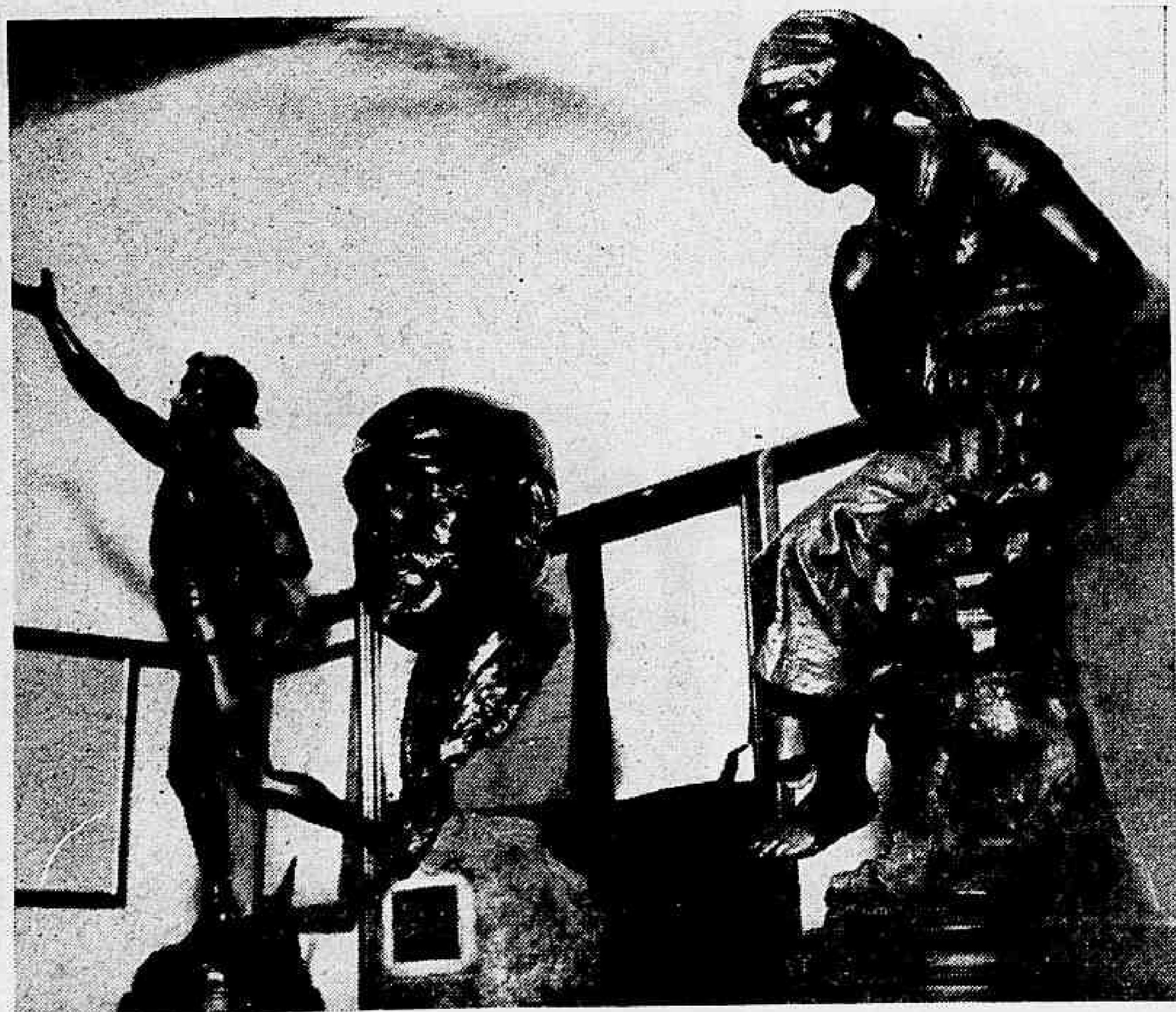
— Além dos artistas que muito fizeram para aumentar o brilho dos nossos carnavais — acentuou o vice-presidente José Salgado — não podemos deixar de reconhecer a ação incentivadora e a benemerência de alguns sócios, desde a fundação do clube, entre êles: Luiz Beyruth, Benjamin da Mota Salgado, Manoel Alves Ribeiro, Miguel e Manoel Barreiros Cavanelas e, mais recentemente, Mathias da Silva, José Rocha Pereira, Antônio Mourtinho, Antônio Cid Loureiro, David da Motta, Antônio Correia de Oliveira, Franklin de Almeida. A sede atuad devêmola à benemerência do sócio Joaquim Correia do Amaral e foi adquirida em princípios do ano passado. Nestes longos oitenta anos de existência, os Fenianos têm tido os bons e os maus momentos, a vida tem sido muito acidentada, devido à política, à desinteligência e à rivalidade interna. Agora, porém, desde que compramos a nova sede, está indo tudo de vento em popa. A 8 de dezembro de 1949, comemorando-se o octagésimo aniversário do Clube, realizamos um grande almôço de confraternização entre os veteranos sócios que haviam se afastado de nós e os novos elementos. A família Feniana está novamente unida e coesa, perseguindo sempre os mesmos ideais de liberdade e mais carnavalesca do que nunca.

— Sabemos que o Clube dos Fenianos foi um dos mais ativos centros republicanos do país. Pois bem, gostariamos de obter maiores detalhes sôbre a vida política agitada do século passado, para oferecê-los aos nossos leitores.

— O primeiro grito republicano que os Fenianos tiveram a coragem de dar em público — explicou o sr. Arlindo José das Neves — foi a presença do barrête frigio no escudo do Clube. Logo no principio a nossa luta caracterizou-se por ir de encontro aos escravocratas e aos monarquistas, de quem enfrentamos luta cerrada, apoiados que eram pela chamada "Guarda Negra". Seus primeiros painéis eram de críticas ao Imperador e de propaganda republicana. Comemorando o primeiro aniversário, libertaram dois escravos, participando, assim, ativamente na humana e patriótica campanha abolicionista. De então para diante, todos os anos, em 8 de dezembro, ao ensejo do aniversário da fundação, libertavam de dois a quatro escravos. Foi debaixo do teto Feniano que se organizou a meritória campanha da "Lei do Ventre Livre", que foi sancionada a 28 de setembro de 1871 e depois a da Abolição, a 13 de maio de 1888, até cuja sanção nunca deixaram de lutar em prol da libertação dos escravos. Êles estendiam e realizavam seus ataques até durante o periodo carnavalesco, aproveitando-se dos

(Cont. na pág. 48)

O velho e glorioso estandarte dos "Gatos" entre as cinco taças, remanescentes do que foi um passado de sucessos de uma sociedade que sempre cuidou da consagração da maior festa popular carioca... Hoje o futebol domina



Alguns dos bronzes que escaparam das mãos dos inimigos do clube. No centro, o busto do sr. Benjamin da Mota Salgado Dias, o presidente do jubileu, em 1919



Na mesa ficaram as garrafas de cerveja, copos e cigarros. No encôsto das cadeiras, um bolerinho e um paletó namoram, na ausência dos seus donos, que se "esbaldam" no salão

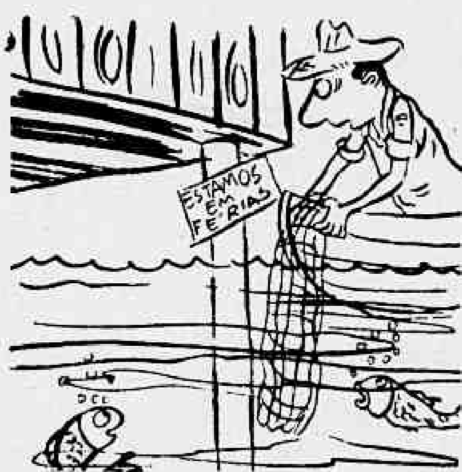
TUDO ISTO ACONTECEU

A COBRA E A MULHER



A serpente é, entre os povos cristãos, um animal excomungado. Sua figura de ente ardiloso, macio no andar, dissimulado no meio em que vive, sutil e silencioso, a cobra infunde medo, asco, inspira cautelas quando a gente bota o pé fora de casa e encontra relva ou mato em volta da morada. A cobra, particularmente, para nós que moramos no Rio, tornou-se até um bicho de ruim memória. E' que, desde muito, criou-se no estrangeiro, nos centros civilizados, a infamante notícia de ser perigoso andar pelas avenidas da Capital do Brasil, em face do número excessivo de cobras que transitam impunemente entre os pés da gente... Ainda há pouco essa notícia movimentava o patriotismo de jornalistas brasileiros que protestaram contra tamanha invencionice, historieta em quadrinhos que provocou até um desmentido de certa Embaixada estrangeira acreditada no Brasil. Mas não queremos falar dessas invisíveis cobras do Rio, e sim de uma outra visível e artista, que recentemente se exibiu em palcos de Londres. Embora Eva e a cobra não sejam muito amigas, em virtude de certos antecedentes históricos passados há muitos séculos no famoso Paraíso de Adão, as mulheres e os homens gostam de explorar as serpentes e, com isso, ganhar bom dinheiro. Era o que fazia Madame Kocha, bailarina afamada que trabalha com uma enorme sucuri. Mas a cobra sempre desejou um momento para vingar-se do caso da maçã e, enquanto o povo aplaudia a bailarina, a cobra lhe apertava o pescoço e imobilizava os braços. Quem salvou Madame foi o espôso, enquanto a platéia pedia bis...

O SURURU DE ALAGOAS



NÃO, caro leitor, não nos referimos ao sururu sinônimo de briga, de barulho, desavença. E' exato que, atualmente, nas Alagoas, reina grande desinteligência política entre o seu governador e elementos da UDN; mas o sururu a que nos vamos referir é outro, é o sururu que serve de base de vida de milhares de famílias residentes em suas casas lacustres às margens das lagoas de Maceió. O sururu é um crustáceo da mesma família do nosso conhecido mexilhão abundante em nossos mangues e praias como a do flamengo, naquelas pedras do farolete. A diferença é que o sururu vive em grandes aglomerados, em colônias imensas, ligados uns aos outros por uns cordões como se fôssem cachos de frutos de uma mesma árvore genealógica. Os pescadores de sururu das lagoas Manguaba e do Norte, nas vizinhanças de Maceió, tiram seu sustento da venda dêsse crustáceo de grande sabor e rico em princípios nutritivos. Quando falta o sururu verifica-se tremenda crise entre o povo. Êsse desaparecimento se dá de quando em quando. Agora mesmo estiveram as lagoas com enorme escassez de sururu, o que resultou no agravamento da pobreza de tôda uma população. Qual a causa dêsse desaparecimento cíclico do sururu de Alagoas? Os antigos julgavam que se tratava de "sinais dos tempos" e ligavam uma coisa a certos acontecimentos políticos; mas isso é superstição. Desaparece o sururu quando os rios que despejam nas lagoas de água salgada aumentam, com as cheias, o volume de água doce. Quando o mar restabelece o teor de sal, o sururu regressa ao "habitat". Foi o que sucedeu agora. Voltou o sururu!

MERECE UM PRÊMIO

JÁ se tornou hábito o censurar-se o trocador de ônibus nesta cidade. Não há quem se sirva dêsses veículos coletivos que não tenha uma queixa a apresentar contra a má educação de certos trocadores. Com certeza há exceções. Já foi até registrado por um colega de imprensa a existência de um dêsses humildes funcionários que sorri em seu trabalho. Não é coisa fácil um trocador sorrir quando em serviço. De ordinário são sisudos, caras amarradas, falam de mau humor, servem irritados, insatisfeitos. Pois há um trocador de cara alegre numa dessas emprêsas de ônibus do Rio. Mas não é dêsse que desejamos falar agora. Também merecia um prêmio. O nosso herói é outro. Trata-se de um trocador ainda muito jovem, chamado Milton Gomes. Merece êste registro não porque troque de cara alegre, bem humorado. E' que êle acaba de praticar um ato de heroísmo, coisa rara entre a população de hoje. O fato se passou assim: quando era mais intenso o tráfego pela avenida Amaro Cavalcanti, no trecho de Todos os Santos, um senhor cego, sem guia, contando apenas com a cautela dos senhores motoristas, ia atravessando aquela via pública. De súbito surgem dois veículos em carreira louca. Eram dois possantes ônibus que vinham na direção do cego. Viu-se então que um menino corria para o cego, agarrava-o e o livrou da morte, arriscando a própria vida. O pequeno era o trocador de ônibus Milton Gomes. Não merece um prêmio, êsse menino?

A SURPRÊSA DA OUTRA

O caso não é novo. Não é o primeiro, nem será o último. O episódio passado em fins de janeiro com o falecido coronel Babcock, em Washington, já tem os seus antecedentes. Mas vejamos como nos descrevem os telegramas da capital americana essa bigamia do valoroso coronel: "À chegada dos restos mortais do coronel Babcock, comandante adjunto americano em Berlim, recentemente falecido em consequência de um ataque cardíaco, havia duas viúvas Babcock; a primeira, de nacionalidade norte-americana, de 50 anos de idade; a segunda, inglêsa, um tanto mais nova. Ambas acompanhavam o corpo na qualidade de "viúva" do morto. O assunto, naturalmente, as levou à presença das autoridades militares e se esclareceu o caso desta maneira: o coronel Babcock, depois de 30 anos de casado com a americana, da qual houve duas filhas hoje também casadas, pediu divórcio ao tribunal de Connecticut. Desejava êle fazer sua espôsa uma de suas secretárias britânicas do Supremo Quartel General das Fôrças Expedicionárias Aliadas, onde trabalhava sob a direção de Eisenhower, em maio de 1945. As leis alemãs, porém, são mais camaradas. O coronel Babcock obteve licença de casamento com a inglêsa, "amarrando-se" ambos a 27 de dezembro de 1945 em Koegnistein, seguindo-se o nascimento de um herdeiro um ano depois. Quando o coronel morreu e foi exigida a sua transladação para a América, ela se surpreendeu. Muniu-se, porém, de todos os documentos probatórios de sua qualidade de viúva Babcock e foi para os Estados Unidos. Aí, porém, encontrou outra Mrs. Babcock, a chorar a morte do espôso! As autoridades americanas resolveram o caso assim: a inglêsa ficaria com a bandeira que cobriu o esquife do coronel, enquanto a outra teria direito de acompanhar o entêrro... Sentença de Salomão no caso!



REVERÊNCIA EXAGERADA

Esta pitoresca ocorrência deu-se à porta do Odeon, em Londres, quando ali se realizava a "première" de gala do filme norte-americano "The Forsyste Saga". Uma interessante garotinha de seis anos, filha do produtor Walter Hutchinson, foi incumbida de entregar à rainha Elizabeth, presente ao espetáculo, um "bouquet" de flores, em nome dos intérpretes, que são Greer Garson, Ann Sothern, Joan Bennett e Errol Flynn. Mas pouco habituada a êsse cerimonial, de tal modo a pequena Victoria exagerou a curvatura, dobrando o joelho, embora obediente ao que lhe haviam ensinado — que veio a perder o equilíbrio e caiu de bruços. S. Majestade não pôde esconder uma explosão de riso, embora discreta, apressando-se a soerguer Victoria e dando-lhe um beijo de recompensa. Estava cumprida a delicada tarefa da menina, a qual ela não esquecerá pela vida inteira...



COMO NOS FILMES

DIZEM os sociólogos e criminologistas que o ciúme é muito mais forte entre os povos latinos do que entre os anglo-saxões. Certa moça filha de um país da Europa Central, estudante de uma de nossas Faculdades de Direito, em palestra com colegas brasileiros, declarou



que não casaria no Brasil porque éramos muito ciumentos. Até certo ponto essa jovem tinha razão, uma vez que ela era verdadeiro tipo de beleza, inteligente e culta. Contudo, nesse negócio de ciumadas não somos nós, os latinos em geral e os brasileiros em particular os mais ciumentos. Êsse "monstro de olhos verdes", como lhe chamou o poeta, é atributo — defeito ou virtude — de todos os povos e até de muitos animais. Olhem o ciúme dos pombos. Ciúme feroz, irreconciliável. Os cães também sentem terrível ciúme dos seus donos. Nada mais justo que os homens tenham ciúmes. Os nossos jornais estão cheios de notícias de crimes cujo móvel foi o ciúme. Mata-se por ciúme num crescendo espantoso. Por ciúme os lares são abandonados; por ciúme aumenta a delinqüência, mesmo entre populações cultas. Mas isso não é uma qualidade negativa dos brasileiros, apenas. Nos países de vida mais elevada, de cultura mais generalizada e de origens anglo-saxônicas, também o ciúme faz das suas. Vejam esta notícia: "Uma convidada numa festa do casal William Richards, em Detroit, na madrugada de 23 de janeiro, encostou à parede seis outros convivas e descarregou sôbre êles o seu revólver. A "valiente", Shanno, de 38 anos, ainda esbofeteou outra e baleou na perna a dona da casa. E tudo porque seu marido estava dançando muito com uma das vítimas...".

PRECISA-SE DE JAPONÊSAS

A população japonêsa na Argentina é muito grande. De preferência os filhos do "país dos deuses" casam com patrícias ou descendentes de gente de sua terra. E' êste um sentimento mais ou menos generalizado em todo o mundo. Um indivíduo pertencente a certo ramo da humanidade não gosta de constituir família com outro de diferente tipo físico. Que italiano case com brasileira, argentino com francesa ou mexicano com espanhola, está muito certo e é lógico; mas quando um japonês casa com alemã ou brasileiro convola núpcias com chinesa, não há quem não ache um tanto estranha essa união. Todos os povos são dignos; mas não se trata dêsse aspecto da questão e sim da desconformidade social, étnica, tradicional que se estabelece entre os nubentes de origens tão diversas e inconfundíveis. Eis o motivo por que os japonêses da Argentina estão desejosos da vinda para o país em que vivem atualmente, de algumas centenas de "mussmés" de seu torrão natal. As argentinas são muito belas, elegantes, trabalhadoras, cultas; mas os japonêses não encontrariam fàcilmente uma noiva entre elas, da mesma forma por que



elas não achariam noivos entre êles. O jeito então é promover a vinda lá do Japão de algumas centenas de patrícias. Para êsse fim esteve em Tóquio o sr. Hiromasa Taniguchi, alto comerciante em Buenos Aires. Como não é possível a ida de noivos em potencial da Argentina ao Japão, têm que recorrer a fotografias das candidatas.

DOIDA PARA CASAR

DEPOIS das guerras prolongadas, quandos nações empenhadas na luta mandam para a carnificina o que de melhor possuem em material humano, a flor da mocidade, os homens válidos, sadios, capazes de organizar família, resulta dessa catástrofe enorme quantidade de mulher sem marido, sem noivos, sem irmãos, sem filhos. Foi o que sucedeu na Alemanha com a última conflagração mundial. O que havia de bom em matéria de sexo forte, morreu na luta ou ficou prejudicado pelas enfermidades, pelas mutilações, pelo exilio. Dai haver multidões de mulheres na Europa ansiosas para encontrar nm casamento. Muitas delas ficam a sonhar inùtilmente. Outras fazem promessas a seus santos. Algumas se desesperam e até se suicidam.

Há, porém, um caso singular, que deu imediato resultado. Certa "frau" de Berlim, casada, culta, trabalhadora, ainda jovem, perdeu o precioso maridinho na guerra. Com a paz, ela teve que enfrentar as mais duras contingências da vida. Mas não desesperou. Prosseguiu no seu trabalho, sempre desejosa de fisgar um americano. Nos primeiros tempos, porém, o alto-comando aliado recomendava aos seus soldados e oficiais que não se metessem com as mulheres do país conquistado. Só muitos meses depois é que a ordem foi relaxada e os soldados aliados eram vistos a fraternizar com as "órfãs" de Hitler. Mas a heroina desta nota continuava sem encontrar marido. Teve então uma idéia: publicou na imprensa alemã uma carta-apresentação, fazendo elogios próprios e perguntando quem desejava desposá-la. Da América foram às suas mãos quatro mil cartas! Ela casou-se e hoje reside nos Estados Unidos! Mas... casou com um só...

QUEM DESCOBRIU A AMÉRICA?



JÁ é ponto pacífico, assunto que não mais admite controvérsias, o caso do descobrimento da América. Quem descobriu esta parte do mundo foi Cristóvão Colombo e acabou-se. A 12 de outubro de 1492, o navegador genovês avistou terras lá pelas Antilhas, aportou, fundeou seus barcos, desceu a terra e tomou posse dela em nome de Castela. E' verdade que não deu seu glorioso nome às novas terras, o que parece absurdo. Quem ficou imortalizado foi Vespúcio; mas isso é outro assunto. Logo que a notícia se espalhou e começaram as academias, conventos e universidades a ensinar que foi Colombo o descobridor do Novo Mundo, em vários países da Europa se ergueram vozes protestando contra essa pretensão. Foram buscar até um famoso viking, um tal de Erik, cidadão escandinavo que teria estado aqui pela América em 1350. Há também quem recue ainda mais o acontecimento e o dê como obra dos fenícios. Para prová-lo, citam as inscrições rupestres em vários pontos do Continente, inclusive certas lapas encontradas no interior de Estados do Nordeste. Agora, porém, também os russos querem a primazia do descobrimento da América. Segundo notícias de Birmingham, Inglaterra, a Rússia reclama para ela a façanha de ter descoberto o Novo Mundo. Essa reivindicação foi feita há dias, com o que muito se espantou o secretário de Estado, Hector McNeil, da Inglaterra. Muito bem. Para nós o que interessa é que existimos e vamos vivendo muito bem. Entretanto, é preciso agora saber quem vai descobrir a Rússia...

A 16ª ESPÔSA



NA cidade de Cedar Rapids, Iowa, Estados Unidos da Norte América, há um cidadão de nome J. F. Williams que é o recordista de casamentos daquele Estado. Até agora nada menos de dezesseis espôsas lhe fizeram as delícias do lar e das luas de mel. Mr. Wiliams, porém, quando desposou a ex-Mrs. Louise Parker já era homem de seus sessenta e muitos janeiros. Desta forma, era natural que o casamento não lhe inspirasse idílios como sucedeu com a sua primeira espôsa com a qual viveu vinte e quatro anos. Por êsse motivo, talvez, não se deu bem na companhia dessa Madame Louise, com a qual viveu apenas uns três anos, e sabe Deus como. Mrs. Louise Parker, um belo dia dos meados de dezembro último, desapareceu de casa tendo deixado um bilhete com êstes dizeres: "Não quero viver com você, sr. Williams, nem no Paraíso". O espôso dessa décima-sexta espôsa, habituado com certas explosões de suas caras-metades anteriores, não se mostrou muito emocionado, nem chorou, nem foi à farmácia comprar formicida para tomá-la com cerveja. Nada disso. Munido do bilhete-azul foi ao juiz e requereu o competente divórcio. Diz Williams que só se casou com a fujona depois de um romance por correspondência em 1946. Êles começaram a corresponder-se sem conhecimento pessoal. Pela literatura amorosa, sua união com Mrs. Parker pareceu uma delícia; mas, em verdadee, êsse engano dalma platônico pouco durou. Bastou que se unissem... E com que saudade êle se recorda de sua primeira espôsa, em 1904, vivendo com êle 24 anos!... Agora está velho...

SURPRÊSAS DA CASA VELHA

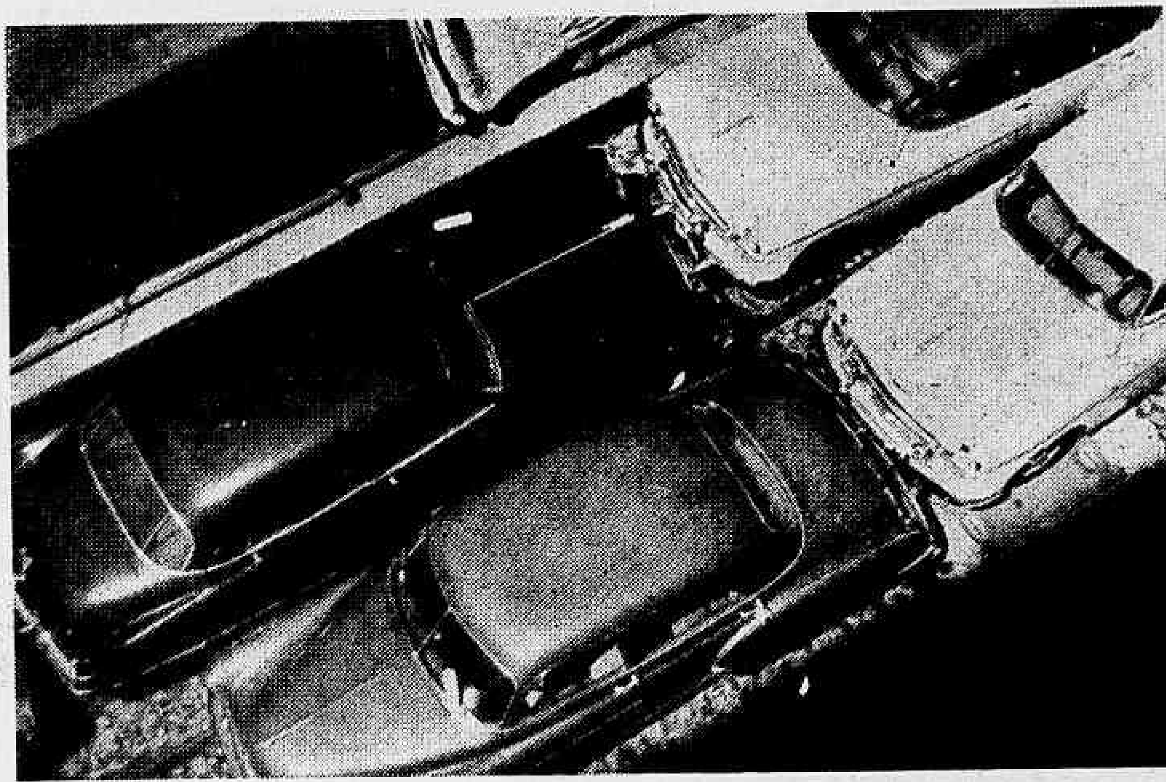


MUITAS cidades do Brasil, contemporâneas da época colonial e do primeiro reinado, são cercadas de lendas, muitas delas emocionantes. No nordeste do Brasil, Olinda, Igaraçu, Pôrto Calvo, Ipu, Penedo, etc., são famosas pelas histórias e lendas de que se cercam. Em Minas há encantadoras histórias sôbre tesouros enterrados em Ouro Prêto, Mariana, Congonhas do Campo, S. João del Rey... O povo, ao passar por certos sobradões de séculos passados, imagina coisas estranhas. Muitas vêzes ouvem vozes, assombrações que se manifestam à meia-noite, antes de o galo cantar são vistas pelos mais afoitos. Dizem que tais coisas são causadas por dinheiro enterrado. No nordeste do País muito se fala em botijas escondidas em casarões velhíssimos, caindo em ruínas, abandonados até mesmo pelos mendigos sem teto para resguardar-se do mau tempo. No sul do Brasil há cidades muito antigas. Paranaguá é uma delas. A parte que orla o pôrto é composta de velhos edifícios que pertenceram a aristocratas dos tempos do Brasil Império. Ali viveram muitos argentários, homens de grande respeito e sólidos recursos. Mas, ao que se saiba, ninguém suspeitava de tesouros escondidos em paredes de casas velhas da cidade. Pois acaba de ser descoberto ali, numa demolição que pertencera ao rico armador português Lima e Silva, cêrca de 400 mil cruzeiros em jóias, peças de ouro e prata dos tempos do Império. E o atual proprietário adquirira o imóvel por CrS 40.000,00! Até parece sonho... Bom negócio, afinal.

VÁ BUSCAR SEU AUTOMÓVEL



Carros do último tipo, luxuosos e de alto preço, estão aglomerados no Cais do Pôrto, esperando que seus felizardos compradores os vão buscar. E assim se burlam as leis do nosso país com escassez de dólares!



SE o senhor ainda não teve oportunidade de apreciar um aspecto do Cais do Pôrto nestes primeiros dias do ano, com os sucessivos desembarques de automóveis importados apesar das providências tomadas oficialmente pelo govêrno para impedir a evasão do ouro nacional, aqui estão alguns flagrantes oportunos. Veja. Todos êsses carros, e muitos outros que a objetiva não pôde abranger, chegam pelos vapores procedentes dos Estados Unidos, destinados a centenas de damas e cavalheiros cujos nomes, na maioria estrangeiros, os jornais têm divulgado profusamente. O escândalo assume proporções incríveis: automóveis tipo 1949, trazem placas americanas do ano anterior, enquanto outros se destinam a crianças de oito ou dez anos de idade... Mas apesar da grita da imprensa, outros vapores estão aportando ao cais com novas remessas de carros que se adquirem lá fora por sessenta a oitenta mil cruzeiros, para vender, aqui, por duzentos mil.



SERGIO CARDOSO EM SÃO PAULO

A presença de Sérgio Cardoso, aquêle jovem ator que foi a revelação teatral de 1948 com "Hamlet" e depois fêz uma temporada não menos bem sucedida com o Teatro dos Doze, está agora integrando o elenco do Teatro Brasileiro de Comédia, em São Paulo. Suas atuações continuam registrando acontecimentos de verdadeira arte, como sucedeu agora vivendo a discutida peça de Jean Paul Sartre "Huis-Clos", traduzida por Guilherme de Almeida com o título "Entre quatro paredes". E por pouco a estréia não se realizava, por determinação da Censura. Foi mister Sérgio Cardoso e os outros intérpretes obterem uma autorização de seus padres confessores, e ainda assim o espetáculo só teve lugar depois de exaustivas representações especiais para as autoridades paulistanas. Mas o sucesso está sendo de extraordinária importância. Aqui estão os primeiros flagrantes dêsse acontecimento, sem dúvida o primeiro, de igual vulto, no ano entrante. Ao alto, Sérgio Cardoso numa expressão de Garcin, e, em baixo, Cacilda Backer e Nídia Lícia, respectivamente nos papéis de Inês, mulher de alta perversão sexual, e Stelle, uma infanticida.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Que saudades do Rei Momo! (Carlos Duarte) .... [illegible]/13
No reduto do "velho" Bernardes [illegible]/21
Os "brotinhos" da AMES ..... [illegible]/37
Fenianos (Sabino Canalini) ... [illegible]/54

ATUALIDADES

Quando o Rio se chamava Cidade Maravilhosa (Armando Pacheco) .... [illegible] 5

LITERATURA

O Conde de Prados (Edmundo Lys) 3
Semana Literária .... [illegible]/15
Impulsos do coração (M. Gerard) 26
Vista Alegre (Maria Lúcia) ... 38

HUMORISMO

Estribilhos (Théo) 22
Carnaval (Nicodemus) 34
Bom-Humor 49
Fantasias (Rafael) 56

FEMININAS

Escolha a sua fantasia 27/29
Fantasias de Orlando Matos .. 30/33
Chapéus exóticos 39
Laços 40
Vestidos sem alças 41
Week-End na Cozinha 42/43

CINEMA

Os 70 anos de Ethel Barrymore 2[illegible]/25

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista — Personagem da Semana 8
Puxe pelo cérebro 9
Música (Roberto Lyra Filho) . 16
A saúde do bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 17
Tudo isto aconteceu 55/57

★

FOTOS: Arnaldo Vieira
Avulsas

★

ILUSTRAÇÕES: Orlando Matos
Jerônimo Ribeiro
Nassara
Augusto Rodrigues

★

NA CAPA:
AVA GARDNER
(M. G. M.)

RESPOSTAS A PUXE PELO CÉREBRO

1 — A do atual Exército da Salvação.
2 — William Booth.
3 — Evangelho de S. Lucas.
4 — O navio que trouxe à América os primeiros colonos inglêses.
5 — Espanha.
6 — Inglaterra.
7 — João Pernambuco.
8 — Serigipe.
9 — Bulbo raquidiano.
10 — O edifício "Empire".
11 — Formando-se sôbre obstáculos ou o chão.
12 — De ninguém.
13 — Distrito Federal.
14 — Felix M. Charpentier.
15 — S. Cristovão.
16 — Médico homeopata.
17 — Aeronauta.
18 — Museu Histórico.
19 — D. João IV (6-6-1647).
20 — Guarda-livros.

Mobiliários e Decorações

Orçamentos e sugestões **Gratis**
Especialidade em
GRUPOS ESTOFADOS



ASA
MARCA
UNES
REGISTRADA

65-RUA DA CARIOCA·67 RIO





Sortimento incomparável
de **Tecidos para estofos**
e decorações e **Passadeiras**
para forração

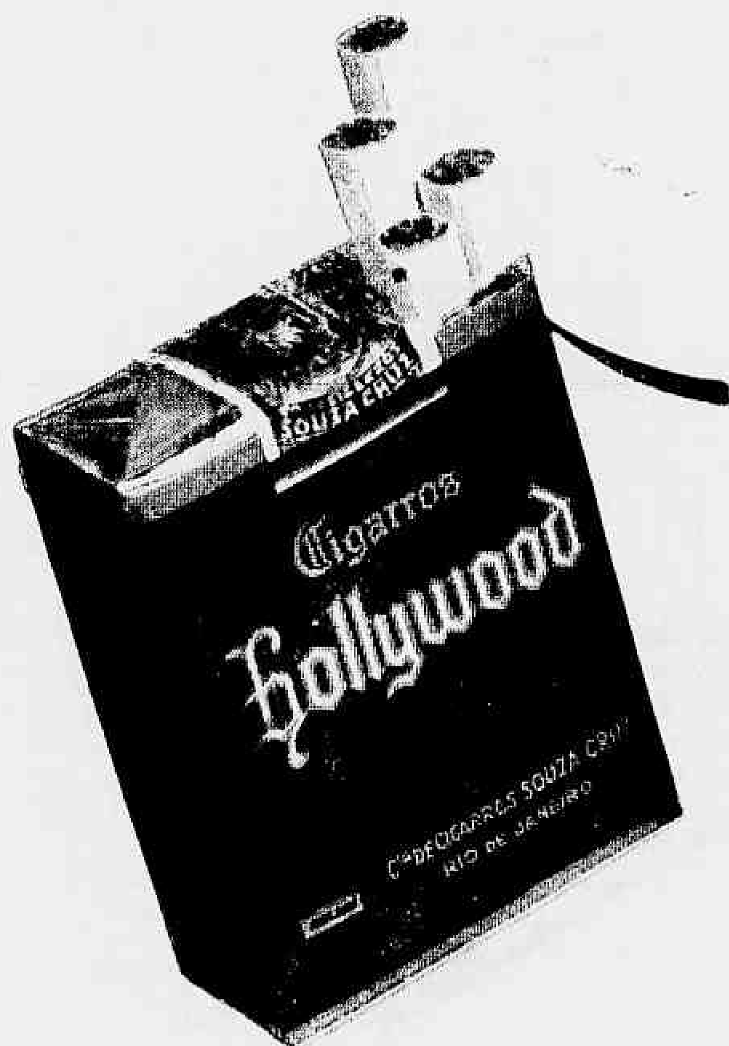


Onde se divertem pessoas de bom gosto...

A Sociedade Hípica Brasileira, no Rio de Janeiro, é o ponto de reunião predileto dos amantes da equitação.

aí se encontram os cigarros Hollywood

Antes e depois da competição... cabe um Hollywood, o cigarro elegante por excelência. Hollywood torna ainda mais aprazíveis as horas de lazer. Fumos escolhidos e hàbilmente combinados fizeram de Hollywood o cigarro-tradição da sociedade brasileira. Seja, V. também, do grupo elegante dos que fumam Hollywood!



cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

Companhia de Cigarros **SOUZA CRUZ**